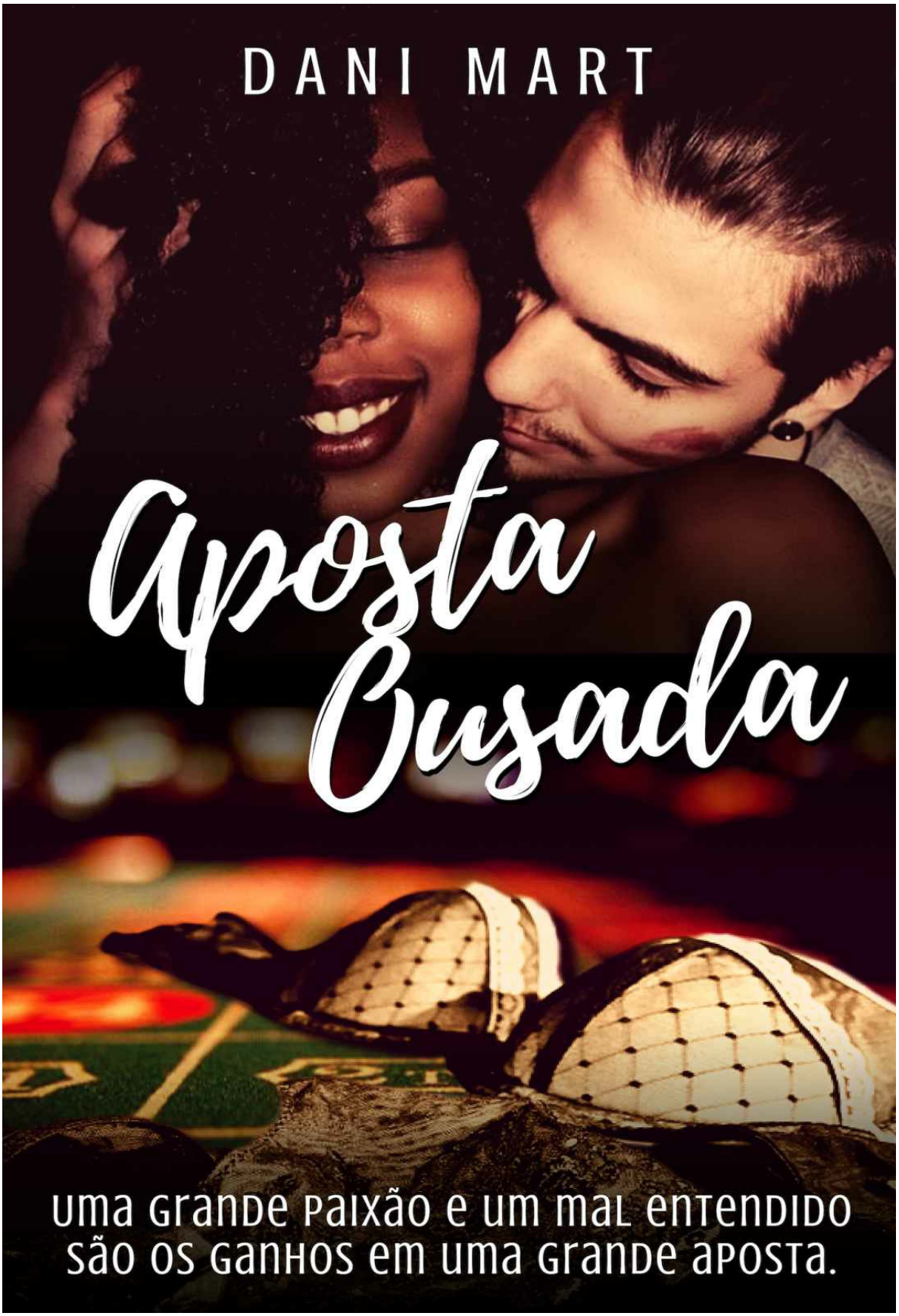

DANI MART
Aposta Casada
uma grande paixão e um mal entendido
são os ganhos em uma grande aposta.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

SINOPSE

Lisa Schneider é uma escritora de sucesso, com uma personalidade que muitas vezes contrasta com as heroínas fortes e decididas que escreve em seus romances. Comemorando o lançamento de mais um livro, Lisa e suas amigas acabam no bar de Olivier Beaumont, um francês encantado com a vida simples e a beleza da cidade natal da escritora. Lisa só não esperava que uma aposta com as amigas para seduzir Olivier, imitando uma cena do último livro, iria transformar um pequeno interesse em uma paixão súbita.

"Uma grande paixão e um mal-entendido são os ganhos em uma grande aposta"

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 1

"Lisa Schneider"... Era tudo em que Lisa conseguia pensar enquanto passava os dedos em cima daquele nome em baixo relevo na capa do livro. *"Consegui, vim, vi e venci! Meu livro!"*, pensava enquanto abria o livro, posicionando a caneta na primeira página, escrevendo uma dedicatória simples e assinando para mais um fã sorridente, virado meio de lado, meio de costas, para bater uma *selfie* daquele momento de autógrafo. Não era a primeira vez, não era o primeiro lançamento, mas Lisa Schneider ainda não tinha se acostumado com aquilo. Estava em São Paulo na Bienal do Livro, assinando autógrafos e dedicatórias para uma fila interminável desde às 9h. O relógio marcava quase 17h e ela só tinha parado para um lanche rápido, mas com Vicente a apressando com um sorriso confortador: *"Vamos, Lis, só mais essa tarde e depois eu te libero por umas 72h, que tal?"*. Lisa sorria e bocejava ao mesmo tempo em que balançava a cabeça para concordar e para afastar o cansaço. Tinha sido uma

semana super corrida com tardes de autógrafo, bate-papos, entrevistas e aparições em programas de TV. O livro tinha sido super bem recebido pelo público fiel de Lisa e por curiosos novos leitores, ainda mais depois dos rumores de que um diretor norte-americano tinha se interessado pela história e estaria disposto a fazer uma adaptação para a TV. Não era um filme de Hollywood, mas um seriado para um serviço de *streaming* e isso já era mais com que Lisa poderia sonhar um dia.

Um rosto que tinha um bom ímã para espinhas, um cabelo selvagem e um corpo que vivia sofrendo o efeito sanfona… Essa tinha sido a adolescência de *bullying*, com apelidos que Lisa preferia não lembrar, principalmente os que atingiam sua cor. *"Macaca", "nigrinha", "nega maluca"*, a pele não era das mais escuras, mas nos ambientes em que vivia, ela e a irmã eram exceção, eram as negras *"tentando ocupar espaço"* e essa ousadia não era perdoada. Lisa e Laila nunca contaram ao pai o sofrimento diário, pois isso o mataria. Ele queria que as filhas tivessem tudo, conquistassem o mundo. Ele nunca duvidou que o futuro das filhas

seria de sucesso.

Depois de sofrer no colégio, Lisa encarou a faculdade de Jornalismo tentando se manter fora de qualquer polêmica ou discussão acalorada nos debates em sala. Como uma negra estava naquele ambiente e espaço era um questionamento comum. Ser confundida com funcionários da instituição católica e tradicional, mais ainda. E saber que ela estava ali por mérito próprio era ainda mais surpreendente para os poucos colegas que tiveram a disposição de conhecê-la. Olhando para trás, tudo foi aprendizado e material para a série de romances que Lisa começou a escrever ainda nas oficinas de escrita da faculdade e que ganharam o interesse de Vicente Agnelli, editor da Cosmopolita, editora que publicou o primeiro livro e fez girar a roda do sucesso.

Em cinco anos foram cinco livros publicados, todos tendo figurado – em algum momento – nas listas de *best-sellers*. Lisa era um fenômeno. O dinheiro ela deixava para a irmã Laila administrar. Tinha uma vida confortável, nada exagerada e preferia assim,

pois dizia que a ajudava a se manter dentro da realidade em que suas histórias se desenvolviam. A fama ainda a assustava. Já tinha mais um livro escrito prontinho e em revisão. Agora curtia um ano sabático, empenhada no lançamento e nos vários eventos de autógrafo de “Brumas de Ilusão”, seu último romance.

Só faltava Lisa viver um romance. Acontece que Lisa tinha saído da fase “patinho feio” que foi a adolescência, mas não tinha se dado conta disso. Ela era um belo cisne, uma mulher bonita e sensual, mas ainda se via como a garota rejeitada e, por isso, não se arriscava, mantendo sempre uma postura distante e que inevitavelmente afastava qualquer chance de conhecer algum pretendente. Lisa era a eterna vela da turma, como as amigas costumavam brincar, mas nem sempre pela própria escolha. Animava qualquer ambiente com seus comentários inteligentes e bem-humorados, mas sempre se fechava quando percebia que estava atraindo a atenção. Preferia a sombra, onde podia observar as pessoas e colher material farto para suas histórias. Tinha medo de sofrer as mesmas rejeições que

sofreu na adolescência e na faculdade, por sempre ser a única negra da sala, da turma… Só não era a única na escola porque ainda tinha Laila consigo.

A tarde de autógrafos estava perto do fim. Lisa tirou os pés das sapatilhas e esfregou rapidamente um pé no outro enquanto se espreguiçava e retomava uma dedicatória. Vicente se aproximou, massageou seus ombros vigorosamente e sussurrou em seu ouvido *"Vamos encerrar por aqui?"*. Ela sorriu para a mocinha que esperava a dedicatória entregando-lhe o livro e levantou-se olhando o relógio: 19h. O voo de volta para Vitória/ES saía às 21h, então ela tinha que correr para o aeroporto de Congonhas. Vicente já tinha preparado tudo – *check-in*, documentos, bagagem – com uma eficiência que ela sempre admirava. Era um homem charmoso e que chamava atenção com sua presença sempre elegante. Quando se conheceram Lisa achou que ele fosse homossexual, mas logo soube que, na verdade, Vicente era bissexual, uma alma livre e um homem bastante namorador. Ele já tinha tentado se aproximar, mas Lisa logo deixou claro que não iria rolar. Ela sabia que *"onde se ganha o*

pão, não se come a carne” e guardava esse ensinamento de avó com muita seriedade. Vicente era seu editor e ponto final, nada iria acontecer. E ele entendeu isso. Vicente virou um bom irmão.

Lisa correu pelo corredor de embarque com uma onda de empolgação tomando conta de seu corpo. Ela tinha marcado com Laila e suas poucas amigas dos tempos de escola no Merci, um barzinho novo na cidade com aspecto de pub, comida de bistrô e som de arrasar, segundo a irmã. Ela ainda não conhecia o bar, mas suas amigas viviam falando de lá e também do dono, Olivier Beaumont, que Laila já tinha descrito como um belo francês gostoso e indecifrável.

Aterrissando em Vitória, Lisa pegou um táxi e só deixou a bagagem no apartamento, tomou uma ducha rápida e pegou sua bicicleta, indo direto para o Merci, relembrando o endereço como tinha explicado Bia, uma das amigas que estaria lá. Pelos seus cálculos, cinco minutos e também chegaria ao falado bistrô. Dito e feito. O bar tinha mesmo um visual surpreendente, com mesas altas que ficavam

de frente para a calçada e com lamparinas como enfeites de centro das mesas. As cadeiras eram todas diferentes umas das outras tanto no estilo quanto na cor. Dentro do Merci havia várias referências à França, com fotografias dos monumentos e reproduções de ilustrações antigas, como o *Le Chat Noir*, famoso gato negro de Steinlen. Lisa logo se apaixonou pela atmosfera do bar, especialmente quando viu a ilustração que adorava. O Merci estava lotado como todo lugar novo na cidade, um rock animado vinha dos fundos do bar, que contava com uma espécie de mini palco onde um trio tocava e animava uma pequena pista de dança. Lisa ouviu gritarem seu nome logo atrás de si e se virou para tentar ver quem a chamava. Na outra extremidade do bar, longe da banda, estavam suas amigas e Laila em uma mesa bem perto da parede, que nada mais era que um grande carretel industrial de madeira com um pequeno sofá vermelho de um lado e duas cadeiras do outro, uma verde e outra lilás. No meio da mesa um buraco servia de encaixe para o balde de gelo cheio de long necks. Lisa riu daquelas ideias malucas de

decoração e foi ao encontro da turma, abraçando uma a uma, matando um pouco da saudade. Sentou-se no sofá, ficando de frente para a lateral do balcão do bar.

Dali a visão era de tirar o fôlego. O homem que comandava os pedidos, indicando a dois outros bartenders o que fazer, devia ser o tal Olivier. Lisa estava hipnotizada. Ele era forte, alto e ostentava um sorriso que desarmava qualquer pessoa. Lisa arrumou o cabelo quando percebeu que seus olhares se cruzaram e a zoação na mesa começou imediatamente.

— Já achou o francês bonitão, né? – Bia sussurrou para Lisa, enquanto pegava outra long neck do balde.

— Ela e mais da metade das mulheres deste bar… – Observou Laila, terminando uma cerveja e jogando uma azeitona na boca… – Esse cara é a nova atração da cidade.

— Tem aquela aura, né? De estrangeiro e tals… – Lisa tentou se justificar, vermelha de vergonha por ter sido flagrada em meio à troca de olhares.

— Mesmo se fosse brasileiríssimo, amore… Ele é uma tentação! Chegou aqui há cinco meses, comprou este bar, reformou em tempo recorde, inaugurou… E até agora nenhuma notícia de ele ter se engraçado com alguma mulher daqui… – Rebecca estava pegando um cigarro e se levantando para ir fumar fora do bar. – A primeira que conseguir esse feito será ovacionada…

Vitória era uma cidade pequena. Não era uma regra geral, mas era normal ver as mesmas caras em alguns lugares fazendo parecer que todos conheciam todos, sempre. As notícias se espalhavam rápido fossem boas ou ruins. Lisa agora era uma espécie de "celebridade" na cidade, a conterrânea que fez sucesso e que volta e meia era notícia nos jornais locais. Isso ainda era estranho para ela que só queria pôr histórias no papel e gastar seu tempo longe da realidade… os cinco livros? Todos escritos no período em que ela nem sequer se olhava no espelho. Histórias de mulheres fortes e de beleza inigualável, que eram bem-sucedidas e disputadas por homens interessantes. Essa era a base de suas histórias, uma projeção do

que ela achava que nunca iria viver. Suas personagens não tinham características específicas, Lisa não as descrevia em seus livros. Suas heroínas podiam ser qualquer mulher que tivesse aquele espírito forte. Ela sabia que esse era o segredo de seu sucesso.

Os olhos de Lisa encontraram os de Olivier novamente. Ele ficou encabulado, como se ele tivesse sido flagrado fazendo algo furtivo. Ela sorriu e desviou o olhar, arrancando um coro de "oh" de toda a mesa. Às vezes o comportamento adolescente ainda tomava conta de suas amigas, o que fez com que as pessoas em volta as olhassem. *"Atraí atenção... Droga!",* Lisa pensou, enquanto retribuía aqueles olhares com um sorriso amarelo…

Assim que acabaram as cervejas do balde Olivier se materializou ao lado da mesa, os olhos fixos em Lisa.

— Vão querer mais *un* balde? – O português misturado com o toque francês de Olivier era cativante. Lisa estava novamente hipnotizada, saindo daquele transe somente após um pequeno

esbarrão de Laila.

— Ahm? Oi?! Ah… sim, cerveja. *Merci*. – Lisa respondeu desajeitada, sorrindo quando percebeu a brincadeira que fez com o nome do bar. Olivier retribuiu o sorriso e piscou para ela.

Assim que ele se virou para buscar um novo balde, as meninas fizeram outro coro, novamente atraindo as atenções.

— Parem com isso! Por favor… – Lisa estava de cabeça baixa e com as mãos à testa, os cotovelos sobre a mesa, em uma pequena tentativa de se esconder.

Olivier voltou com o balde cheio de long necks em uma das mãos e com duas outras long necks na outra. Encaixou o balde no centro da mesa e depois pegou uma das garrafas com a mão agora desocupada, estendendo-a na direção de Lisa.

— Tome, por conta da casa. – Outra piscadela.

Lisa aceitou, o rosto voltando a enrubescer. Nessas horas ela ficava feliz por ter nascido negra. A cor lhe ajudava a se tornar invisível em alguns espaços

e esconder sentimentos em alguns momentos. Ela desenroscou a tampa e estendeu a garrafa para ele, propondo um brinde.

— *Oui*! – Olivier abriu um sorriso – Um brinde!... A nós…

Lisa deixou o queixo cair… não esperava aquele brinde. Olivier já estava dando o primeiro gole e Lisa apenas o imitou, ainda saboreando as palavras… *"A nós"*. Gostou da ideia e sorriu, lambendo os lábios. Olivier levantou as sobrancelhas, visivelmente divertido com aquela ousadia. Lisa percebeu o olhar lascivo e recuou automaticamente. Não queria passar nenhuma impressão errada. Sabia que ser mal interpretada era comum, principalmente por homens como Olivier.

— As moças querem algo mais? – Olivier estava sendo gentil com todas na mesa, mas a pergunta despertou olhares nada inocentes em todas elas. Lisa estreitou os olhos reprovando-as e assumiu a dianteira, tentando vencer os obstáculos que sua mente criava.

— Estamos satisfeitas. Suponho que seja o dono… adorei o visual do bar!

— *Oui*, é meu, sim. Quis um lar para mim. Assim consigo ficar mais tempo aqui…

— Seu conceito de "lar" é bem criativo! – Lisa sorriu.

Olivier sorriu de volta e acenou indicando que precisava voltar ao bar. Ela então meneou a cabeça concordando enquanto dava um gole na cerveja. Assim que Olivier se afastou a mesa virou quase um seminário, com cada uma das amigas avaliando a situação.

— Você despertou o francês!!! – Laila estava saltitante.

— Tem que pegar ele, por favor, por nós! – Bia quase não se conteve, segurando a mão de Lisa enquanto implorava.

— O que eu perdi? – Rebecca interpelou, voltando de outro cigarro. – Não me diga que a Lisa fisgou o gostosão! Droga!

— Para, gente, não tem nada rolando…

— Só você que acha isso, Lis. Deixa de ser cega. – Laila bufou. – O cara paquerou abertamente, piscou, brindou com um "*a nós*"...

— Jura?!?! – Becca estava de olhos arregalados.

— Juro. O cara tá na dela.

— Gente, ele foi apenas gentil e educado…

Uma pequena vaia das amigas. Foi o que Lisa ganhou com esse comentário e revirou os olhos enquanto as recebia. A noite tinha começado com as brincadeiras de sempre, com as amigas questionando o jeito introvertido de Lisa. Era consenso que Lisa precisava de uma aventura de verdade.

— Vamos dançar?! – Propôs Laila, já se levantando.

Todas as amigas foram para a pista de dança sorridentes e descontraídas, flertando com os homens solteiros que estavam por ali. Lisa ficou na pista por apenas cinco ou seis músicas e voltou para a mesa, aproveitando aquele momento a sós para olhar em volta e captar um pouco mais os detalhes

do Merci. Também estava cansada, depois da maratona da Bienal.

Observando o lugar, viu que os lustres eram de estilo industrial, com ferragens que lembravam a Torre Eiffel, e o balcão tinha uma grade como base, na qual vários cadeados estavam presos e lembrando muito a Pont des Arts. *"Romântico"*, ela pensou... Em vários momentos, ela e Olivier se olharam, trocando sorrisos tímidos por parte dela, provocadores por parte dele. O flerte era evidente e Lisa não sabia que tipo de mensagem estaria emitindo ou recebendo daquele homem. Olivier era realmente indecifrável, como havia dito Laila.

Bia e a irmã de Lisa voltaram para a mesa no intervalo da banda enquanto Becca saiu para mais um cigarro, as duas empolgadas e efusivas.

— Proponho um desafio! Uma aposta! – Bia bateu na mesa atraindo a atenção de Lisa. – Você topa, Lis?

— Ai…

— Você vai gostar dessa… é criativa!

— Fala logo! – Laila fingia impaciência e ria.

— Não tem aquele capítulo do seu último livro em que a protagonista seduz um desconhecido no bar e acaba levando-o para o banheiro masculino e tendo um momento bem *"caliente"*?

— Bia… O que você está pensando em propor? – Elas já estavam rindo da cara de Lisa antes mesmo da pergunta.

— Exatamente isso! Exatamente isso! Você, Lisa Schneider, tem que recriar a cena aqui e ao vivo. Se conseguir levar o francês tesudo para o banheiro, e transar com ele, ganha a aposta!

Laila estava segurando o riso e olhando para a irmã que estava com os olhos arregalados. Bia estava apenas esperando uma resposta, em uma postura de desafio.

— Tá… – Lisa estava escolhendo as palavras… – Mas qual o prêmio da aposta?

— Além do francês?! Para, Lisa! Precisa mesmo de um prêmio?

— Aposta é aposta… – Lisa respondeu à Bia,

tentando ganhar tempo ou pelo menos fazê-la desistir dessa loucura. – Tem que ter um prêmio, ué!

— Ok… então… – Bia estava concentrada, pensando em um prêmio…

— Se você conseguir eu te dou meu par de brincos! – Laila se antecipou e respondeu.

— OS brincos?! – Lisa enfatizou ainda sem acreditar na irmã. Laila concordou com a cabeça e lançou um sorriso encorajador. – Sério?!

A excitação percorreu o corpo de Lisa. Os brincos a que Laila se referia eram seu objeto de desejo desde a infância. E agora finalmente ela os teria para si? Eram um presente do avô materno e Laila os ganhou quando tinha 8 anos, um par de brincos de ouro no formato de argolas delicadas e com um pequeno brilhante incrustado em cada uma delas. Não era o valor material, mas o valor sentimental que mexia com Lisa. Era uma lembrança do avô que tanto tentou encorajá-la a seguir em frente, ser forte, acreditar em si mesma quando ninguém mais parecia acreditar. Os brincos eram um prêmio

irrecusável e Lisa se sentiu balançada, mesmo sabendo que era uma aposta ousada, uma loucura que nunca tinha considerado fazer de verdade. Era uma cena para seus livros, algo que excita o leitor, mas que não via saindo das páginas para o mundo real.

— Se você conseguir os brincos serão seus. Estou garantindo. – A irmã reforçou a oferta.

O avô tinha prometido que ela ganharia um par igual quando também fizesse 8 anos, mas ele faleceu exatamente seis meses antes de seu aniversário, de forma trágica e repentina em um acidente de carro. Por vezes Lisa surrupiou e usou o par de brincos, o que sempre causou briga entre as duas irmãs. Agora ele poderia ser seu, todo seu.

— Ok, eu topo!

As amigas repetiram aquele coro empolgado, batendo palmas. A aposta estava lançada.

— Mas… – Lisa pausou para atrair a atenção das amigas. Quando todas controlaram a empolgação ela sorriu. – Não hoje.

O coro foi de descontentamento.

— Meninas, eu acabei de chegar de São Paulo e depois de uma maratona de autógrafos e fotos… estou cansada.

Bia sorriu e concordou em silêncio. Laila amarrou a cara.

— Você vai dar pra trás, isso sim. Mais uma vez você só mostra que não tem nada daquelas suas heroínas maravilhosas!

— Para com isso, mana. Eu só estou cansada. Podemos voltar aqui amanhã?! Eu juro que os brincos serão meus.

— Tem outro jeito? – Laila respondeu contrariada.

— Confie em mim. – Lisa sorriu, ainda olhando para Olivier.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 2

“No que fui me meter?”

A cabeça de Lisa fervia enquanto pensava na noite anterior, no aceno de despedida de Olivier e seu “volte logo”. Ele não fazia ideia, mas ela voltaria logo, voltaria sim. Ou não?! Com a cabeça fervilhando em dúvidas Lisa andava de um lado para o outro do apartamento questionando a própria coragem. Era tentador não só pelo prêmio, mas para provar a si mesma que conseguia agir como suas personagens. Era também tentador por causa de Olivier. Ela o observou tanto quanto pôde e ele parecia bem diferente de suas poucas experiências ruins, mas o fantasma da rejeição parecia sussurrar em seu ouvido que ele também a rejeitaria, a trataria como um pedaço de carne, como um objeto sexual… até que se deu conta que era ela que estaria fazendo isso ao envolvê-lo naquela aposta e se sentiu mal. Estava em conflito.

À noite chegou e Laila ligou confirmando que já estava no Merci com as meninas e só faltava ela.

Lisa estava em pânico. Pegou a bicicleta e fez o caminho mais longo até o bar. *"Ele vai me rejeitar antes mesmo de eu começar a cena…", "Não vou conseguir", "Ah, o que é que tem?! Ele não precisa saber!"*, eram tantos pensamentos confusos que Lisa quase desistiu de passar pela porta iluminada do bistrô.

— E aí, preparada?! – Bia sorriu e perguntou em tom de desafio.

Lisa quase bebeu toda a cerveja da garrafa em um único gole tentando transformar a bebida em coragem. Já estava ali há horas, enrolando a irmã e as amigas, já impacientes. Ela precisava focar em Olivier e seduzi-lo, assim como sua personagem. Ela teria que ser Hannah Thomas, uma mulher muito autossuficiente, muito sedutora, com muitos "muitos" antes de cada adjetivo que ela conseguia lembrar.

Lisa esperou até a banda parar o show, despedir-se, e o DJ começar a tocar aquelas músicas legais, mas que indicam que já é hora de os clientes tomarem o rumo de casa… com o bar já quase vazio, levantou-

se, atraindo a atenção de Olivier. Assim que se certificou de que ele a estava acompanhando com os olhos, aproximou-se do balcão do bar.

— Preciso de uma bebida mais forte. – Lisa quase fez um beicinho, mas desistiu de uma estratégia tão baixa e mordeu os lábios.

— *Un* drinque? – Olivier sorriu.

— Uísque.

— Hmmm… *Droit! Un* uísque…, mas por que algo *fort*?

— Para criar coragem… – Lisa sentiu o rosto esquentar.

— *Courage* não vem em doses líquidas, *cher*...

O movimento no balcão estava quase normal, com os últimos coquetéis e doses sendo servidas. Lisa aguardou, controlando a respiração e lembrando-se de cada palavra que escreveu naquele capítulo do livro. *"Hannah fazia sinal para que o desconhecido se aproximasse e sussurrava a proposta de irem ao banheiro e aproveitarem a noite, bem perto do ouvido daquele homem...*

Como eu vou fazer isso?!? Tem um balcão entre nós! Pense... Pense, Lisa!"

Assim que o balcão esvaziou, Lisa fez sinal para que ele se aproximasse e tentou falar o mais próximo que conseguiu, esticando-se para alcançar o ouvido de Olivier.

— Pode me emprestar uma caneta?

— Claro! – Ele pegou uma caneta embaixo do balcão e estendeu para Lisa, roçando os dedos em sua mão ao entregá-la. Aquele toque provocou um pequeno choque, um formigamento bem-vindo que se prolongou e caminhou por todo o corpo acordando-a. Lisa pegou a caneta, sorriu e voltou para a mesa. A turma estava afoita, querendo saber os detalhes.

— Calma, meninas! A situação não é a mesma do livro, Bia. Ele não é um desconhecido bebendo no balcão do bar. Ele é o dono do bar e do outro lado do balcão! Vou ter que improvisar…

— Conseguindo o resultado final é o que importa! – Bia falou e arrancou gargalhadas da mesa.

— Não tem graça alguma…

— Ah, tem sim, Lisa. – Laila falou. – A gente espera esse seu despertar há anos! Eu nem acredito que você teve coragem de voltar aqui, o que dirá ter ido ao balcão e pedido a caneta…

— Pois aguarde que eu irei te surpreender muito mais ainda hoje…

— É o que eu espero!

Laila já tinha tirado os brincos e os colocado em cima de um guardanapo na mesa. Lis estava sentindo a coragem crescer dentro de si e aquele monte de questões se silenciando pouco a pouco. *"É só uma noite, nada demais"* era o pensamento com o qual ela tentava se tranquilizar. Avaliou novamente o bar, somente a mesa delas e mais uma ou duas ainda ocupadas, a pista de dança e os fundos do bar completamente vazios. Pegou um guardanapo na mesa, rabiscou algo que não deixou as meninas lerem e levantou-se, enrolando o guardanapo em volta da caneta e acompanhando os olhares de Olivier, curiosos e fixos nos movimentos de suas mãos. Aproximou-se novamente do bar,

estendeu a caneta para ele e articulou silenciosamente um *"merci!"* com os lábios molhados, finalizando com um sorriso malicioso. Depois, virou-se rapidamente e foi direto para onde estavam os banheiros, no fundo do bar, tentando decidir se torcia para que ele ignorasse o bilhete ou que ele viesse ao encontro dela o mais rápido possível.

Olivier ficou de costas no balcão coisa de poucos minutos, apenas o suficiente para desenrolar o guardanapo que estava preso à caneta e ler o recado rabiscado nele: *"Me encontre no banheiro, agora. Preciso te conhecer mais intimamente..."*. Ele girou quase em câmera lenta, os olhos atônitos olhando à sua volta, procurando algo ou alguém. Olivier procurava Lisa e ela não estava mais na mesa que ele vigiou por toda a noite. Ela que o esperava no banheiro e a excitação foi imediata. Ele desamarrou o avental que estava nos quadris, serviu-se de uma dose generosa de vodca e passou os dedos pelos cabelos, avaliando o que estava acontecendo. *"Eu só posso estar sonhando!"* foi o que lhe ocorreu. Ele estava enfeitiçado por aquela

mulher desde que a viu entrar no bar na noite anterior, olhando para todos os lados com olhos de uma criança que entra em uma loja de brinquedos, animados e curiosos. Ela o enfeitiçou com aquele frescor encantador e o brilho dela só crescia a cada sorriso que ela distribuía à mesa ou lhe retribuía. Eles tinham trocado vários olhares, alguns cheios de desejo e outros recheados com uma dúvida que o deixava confuso. Não sabia nada sobre aquela mulher, somente que ela o tinha fisgado. A beleza natural dela, o cabelo solto e que parecia ter vida própria, a pele chocolate que ele queria lamber e saber qual gosto tinha. Todo aquele tempo naquela cidade e nenhuma mulher tinha lhe atraído a atenção daquela maneira.

Muitas mulheres tentaram, mas Olivier não cedeu às tentações, até ali. Aquela mulher perturbou seus pensamentos mais lógicos. Havia um imã que os conectava e essa sensação crescia dentro dele e não o francês estava totalmente atônito. O barman olhou para e perguntou o que estava acontecendo, mas ele nem sequer o ouviu. Na mente de Olivier o mundo estava pausado, esperando seu próximo

passo.

O tempo de espera no pequeno corredor que separava os banheiros do salão principal do bistrô parecia uma eternidade para Lisa. Ela quase desistiu de esperar. *"Ele não vem"* ela pensava enquanto roía uma das unhas.

Olivier ainda estava no balcão atônito, Bia e Laila quase não respiravam observando o desenrolar dos fatos. De repente o francês parou de pensar por alguns segundos, o bastante para atravessar todo o bar e rapidamente chegar aos banheiros.

— Me ocorreu que não assinei meu nome… – Lisa disse assim que Olivier se colocou à sua frente. – Prazer! Lisa. – Ela estendeu a mão esperando um cumprimento.

— O prazer é meu. Olivier.

Olivier não estendeu a mão. Apenas a pegou pela cintura, quase a levantando do chão com sua força e lhe deu um beijo de perder os sentidos.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 3

“O que estou fazendo?! Isso é loucura!”

Os pensamentos de Olivier eram quase cifrados, como se balbuciasse em sua mente que estava prestes a fazer sexo com uma completa desconhecida no banheiro do seu bar. Era uma daquelas decisões impensadas, das quais se poderia agradecer se arrepender amargamente? Ainda não tinha como saber. Ela o tinha puxado para dentro do banheiro masculino ainda o beijando, as mãos ávidas no botão de seu jeans e também em seu zíper. Ele já tinha levantado o vestido dela e tirado a calcinha que ela usava, guardando-a dentro do bolso traseiro do jeans e encostando-se na porta do reservado para impedir que alguém entrasse.

— Você tem camisinha? – Lisa mordeu os lábios tentando não aparentar medo. O medo era de que Olivier a considerasse uma vadia por estar agindo daquela forma tão impulsiva.

Olivier não respondeu de imediato, mas sacou um preservativo do bolso, sorrindo para ela.

"Agora não tem como fugir... Go! Hannah!", Lisa pensou, sorrindo para ele. Quando desceu os olhos, notou que ele não usava cuecas! Caramba! O sujeito já estava ali, livre, duro e imponente, o preservativo sendo colocado. A visão daquele homem olhando-a com tanto tesão a fez lubrificar imediatamente. *"Só uma rapidinha e eu ganho a aposta..., mas que desperdício! Queria estar em um lugar melhor com esse homem!"*. Lisa arfou e tentou balbuciar alguma coisa, mas Olivier a agarrou, levantando-a pela cintura e fazendo um encaixe perfeito. Agora era ela que estava com as costas encostadas na porta do reservado, as mãos segurando o rosto de Olivier, forçando-o a encará-la enquanto a preenchia com seu pênis.

— *Délicieux*…

Lisa sorriu, tinha entendido o elogio. Tentou arriscar, mas francês não era uma língua que ela dominava. — *Vous êtes belle*…

— *Beau*.

— Hmm?

— *Beau*. Belo. *Beau*.

— Não... Gossss...tos-o. – Os movimentos faziam Lisa balbuciar… Olivier sorriu, mordendo o lábio inferior de Lisa enquanto continuava investindo profunda e habilmente, apertando as nádegas dela para mantê-la suspensa. O fluxo sanguíneo estava a mil por hora e Lisa estava a ponto de gozar, mais pela excitação do momento que qualquer outra coisa. Ela nunca tinha vivido algo parecido…, mas o que sentia, sim. Aquele sentimento de pertencimento ela já havia sentido, esse desejo de explosão e de satisfação. Olivier percebeu que a parceira estava chegando ao clímax e intensificou os movimentos. Ele usou os dentes e fez uma das alças do vestido de Lisa cair, conseguindo desnudar um de seus seios fartos e rígidos, agora parcialmente molhado pela língua do francês, circulando-o. Quando Olivier mordiscou levemente o mamilo Lisa não resistiu e gozou, mordendo os lábios para não gritar de prazer e atrair toda a atenção das poucas pessoas que ainda estavam no bar. O suor molhou as pontas dos cabelos fazendo-os grudar no pescoço e nos ombros. *“Eu preciso desse homem... Eu quero esse homem!”* era o novo

mantra que se repetia em seus pensamentos. O francês gostoso continuou no mesmo ritmo, ainda sugando os seios de Lisa com vigor, e ela segurava os cabelos de Olivier aplicando pressão em sua nuca, fazendo com que ele continuasse com aquele carinho sacana. Ela estava perdida. *"Esse homem não é real... Não pode ser real..."*. Ele era lindo, gostoso, cheiroso e estava metendo forte, mas ao mesmo tempo era carinhoso, sempre se certificando – através de olhares – de que estava no caminho certo… Ele a fez gozar em menos de dez minutos! Era um recorde!

"Eu estou apaixonado... Ela é a amoureux parfait... Perfeita."... As palavras vieram na mente de Olivier assim que ele terminou de gozar, cravando os dentes no ombro de Lisa enquanto tremia de prazer. Ela o abraçava, salpicando beijos em seu pescoço e ombro, esperando aquele torpor arrefecer. Estavam suados, desarrumados e com os cabelos despenteados, mas os sorrisos indicavam que ambos estavam muito satisfeitos e felizes.

— Olivier, eu não…

— Oli.

— Oi?

— *Je suis Oli pour vous.*

— Eu não falo francês, desculpe. Só o básico do básico, bem básico mesmo… – Lisa se desculpou, ajeitando o cabelo e levantando a alça do vestido.

— Sou Oli, para você. Me chame de Oli.

— Oli… Ok. Bem... eu não sou assim. Digo, não ajo assim, não por impulso…

— Eu não me importo. Eu gostei.

— Também gostei. Muito.

— Quero mais.

— Agora?! – Lisa arregalou os olhos.

— Não… não precisa ser agora.

Eles riram juntos. Apesar do sotaque francês, o português de Olivier era muito bom. Lisa estava encantada. E os olhos dele não deixavam mentir, ele também estava encantado. Definitivamente era uma experiência para agradecer, ele pensou.

— *Je pense que je suis amoureux*... – Olivier

sussurrou quase apenas para si. Tinha certeza de que se apaixonaria por aquela mulher se essa aventura fosse se aprofundar. Tinha certeza de que isso já estava acontecendo.

— Oi? Pensa…? – Lisa tentou repetir o sussurro.

Ele a olhou desconcertado. *"Merde, falei alto!"*. Ela sorria esperando uma tradução. Ele resolveu contornar a situação.

— Estou muito feliz… com esse momento. – Oli simplificou, ainda encabulado de ter sido flagrado em seus pensamentos. Lisa o olhou desconfiada, mas com diversão nos olhos. Fazia vaga ideia do que o francês tentou dizer e sentia que concordava. Algo muito especial tinha acontecido naquele cubículo cheirando a eucalipto. Algo memorável, do qual ela jamais esqueceria.

— Isso é bom… – Lisa estava radiante, sentindo fogos explodirem em seu estômago… ou eram farfalhar de asas de borboletas? Não importava, ela estava vivendo um momento único, digno de seus romances! Nada fugiu do script, não aconteceu algo desconcertante, vergonhoso… Era perfeito.

Oli retirou o preservativo, o enrolou em um pedaço de papel higiênico e o colocou na lixeira. Depois, pegou mais alguns pedaços de papel, os embolou e os jogou por cima… Lisa segurou o riso.

— Você está tentando disfarçar?!

— O quê?

— Está tentando esconder o preservativo usado…

— *Oui!* – Olivier respondeu enquanto se limpava na pequena pia do reservado. Em seguida ajeitou o jeans e os cabelos.

Lisa o abraçou por trás, ficando na ponta dos pés e quase se jogando em suas costas. Ambos olharam para o reflexo no espelho. Faziam um casal bonito, bem sexy. Café com leite. Chocolate e chantilly. Oli riu das combinações que sua mente fazia enquanto olhava o rosto de Lisa e guardava cada detalhe, as covinhas do sorriso, o brilho dos olhos, os lábios carnudos e convidativos. A sobrancelha arqueada e desafiadora...

— Devolve a minha calcinha? – Lisa estendeu a mão para o reflexo de Oli.

— Não é minha?

— Não mesmo!!! – Ela riu.

— *Pourquoi?*

— Eu vim pra cá de bicicleta, de vestido… enfim, eu preciso dela.

— Bicicleta e vestido. *Bonne combinaison.* – O reflexo de Olivier mostrava um sorriso cheio de malícia.

— Fazer o quê? Eu gosto de aventura.

— *OUI*...

A observação incisiva e divertida de Oli a fez corar. Aquela afirmação não era bem verdade… A escritora gostava de aventuras nas páginas de seus livros. Na vida real aquela aventura era uma enorme novidade. Lisa puxou a calcinha que escapulia do bolso do jeans de Olivier e a colocou rapidamente, se ajeitando tanto quanto possível. Quando abriram a porta do reservado, Laila, Bia e Becca estavam quase encostadas na porta e segurando o riso. Laila segurava o par de brincos.

— Aqui! Agora são seus! – Elas não aguentaram e

soltaram uma sonora gargalhada.

— *Qu'est-ce?!* – Olivier estava confuso.

— Elas estão bêbadas, releve por favor… – Lisa tentava contornar a situação, empurrando Laila para a frente do bar e puxando Bia pelo braço, enquanto Becca, encostada na meia parede que escondia a área dos toaletes, tentava explicar a situação ao "ex-futuro amor". Oli estava ali, parado, assustado com aquilo tudo. *"Mas que droga!"*.

— Nós fizemos uma aposta com ela…

"Não! NÃO!"

— *Comme?!*

— Uma aposta! Ela pegou você e ganhou os brincos...

— CALA A BOCA, BECCA! – Lisa gritou, olhando para trás e dando de cara com Olivier olhando dentro dos olhos dela. Os olhos de Olivier não eram claros mais. Ele tinha entendido o que tinha acontecido. E ele estava… surpreso? Chocado?! Não… Ele estava com raiva! *"Droga!"*

— Eu posso explicar…

— *Non*...

— Por favor… – Lisa tentou insistir.

— Vá embora. *Go*...

Lisa olhou à sua volta. Havia poucas pessoas no bar, mas todas a estavam olhando… suas amigas ainda riam, inconscientes do que tinham acabado de fazer. Nem em seus livros as coisas tinham acontecido tão intensamente e acabado tão rápido, muito menos tão mal assim. Ela conseguiu criar personagens fortes, que tinham características muito bem definidas e que não fariam o que ela fez, não por uma simples aposta. Agora para Olivier ela era, com toda a certeza, uma vadia, o estereótipo perfeito da mulher negra que só serve para sexo. Ela tinha topado aquela aposta idiota e não tinha defesa para isso. A motivação também era questionável… um mero par de brincos! Ok, não era qualquer joia, o valor daqueles brincos era inestimável para Lisa, mas mesmo assim… ela sentia que não devia ter feito isso! Não dessa forma. Não por um motivo que para qualquer pessoa seria indefensável. Ela tinha conhecido o

cara mais interessante, mais gostoso, mais, mais… mais tudo de bom que ela já tinha conhecido na vida… E ela o perdeu em um estalar de dedos. Mais um recorde.

— O quê…? O que foi que aconteceu? – Bia estava se apoiando no ombro de Laila, perguntando e repetindo a pergunta para cada uma das meninas.

— Deixa pra lá, Bia. Cala a boca… – Lisa estava sem forças.

— Deu merda, né? Deu merda… – Laila segurava o queixo de Lisa, olhando diretamente em seus olhos. Ela estava com os olhos injetados, vermelhos, indicando que tinha bebido além da conta. Ainda assim, parecia ser a que estava em melhor condição.

— Deu. – Lisa se limitou a responder, temendo dizer mais e acabar explodindo de raiva.

— Foi bom pelo menos? – Becca perguntou enquanto soltava uma baforada bem devagar, fazendo pequenos anéis de fumaça no ar.

Lisa suspirou. Respirou fundo. Ela queria esgoelar

cada uma delas bem devagar… finalmente disse:

— Foi bom, foi maravilhoso, foi quase perfeito, não fosse o local. E vocês estragaram tudo...

— NÓS!? – Quase um coro.

— Deixem isso pra lá. Eu fui muito estúpida em topar essa aposta…

— Mas Lisa… – Laila tentava argumentar… Lisa deu de ombros e virou as costas para ela, para todas elas, segurando as lágrimas. Pegou a bicicleta e livrou-a do cadeado, colocando-o na cestinha. – Já vou, meninas. Boa noite para vocês.

— Espere, Lisa… – Bia estava com a voz chorosa… – Me desculpa…

— Tudo bem, Bia. Tudo bem. Vai pra casa…

O álcool que Lisa tinha consumido havia evaporado no momento em que a porta do banheiro se abriu e ela pressentiu o desastre… ela tinha certeza disso. Estava se sentindo totalmente desperta, assim como a cidade começava a ficar… estava amanhecendo. Em sua mente os olhos de Oli alternavam a expressão, indo daquela tensão inicial de quando se

olharam pela primeira vez, passando pela malícia quando ela devolveu a caneta com o bilhete… O desejo quando ele a suspendeu e a penetrou… O prazer quando gozou… E aí, a mágoa, ao perceber que tinha sido apostado pelas amigas. Eram olhos expressivos e que não escondiam os sentimentos. Eram olhos realmente apaixonados, quando em um francês perfeito, depois em um português quase complicado, tentando esconder, disse *"estar feliz..."*. Ela tinha entendido a palavra *"amor"* no meio daquele francês sussurrado e se apegou a isso.

Ela acreditou nisso. Ela já escreveu sobre isso e com propriedade. Lisa teve um amor à primeira vista na adolescência, Julio. Um amor não correspondido, mas que ela viu acontecer com ela mesma. Era aquela sensação, aquele sentimento novamente ali. Os cadernos caíram no corredor, ela desajeitadamente se abaixou para pegá-los, as meninas rindo à sua volta… E então ele apareceu, também se abaixou e a ajudou a catá-los. E quando ela olhou para ele apenas para agradecer um sino soou dentro dela, ensurdecendo-a por completo. O coração disparou de um jeito único, as mãos

suaram… Era ele, Julio. Aquela sensação… aquele sino… ela o ouviu novamente hoje e foi dentro daquele banheiro. Era ele, Oli.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 4

“Je suis pathétique”.

Olivier terminava de colocar tudo em ordem no bar antes de dar aquela madrugada por encerrada. Lavou alguns copos, recolheu outros, ajeitou cadeiras…, mas Lisa não saía de sua cabeça. A voz dela ressoava em sua mente. *“Isso é bom…”*...

“NON! Não é! Fui um ‘pari’, uma aposta!”. A possibilidade de ter vivido um momento único estava escorrendo entre os dedos e dando espaço para uma decepção. Sentia-se usado quando queria que sua parceira tivesse sentido o mesmo que ele: uma espécie de feitiço que fez seu corpo reagir ao menor estímulo, levando-o para ela sem obstáculos. Ele sentiu como se no mundo só houvesse ele e ela e isso durou o quê? Vinte minutos? Foi algo instantâneo, rápido, que se esvaiu na porta daquele banheiro quando teve a certeza de que estava sozinho naquele barco. *“Stupide!”*.

A decepção estava mesclada com raiva e rasgava os pensamentos. As palavras ditas pelas amigas de

Lisa abriram feridas em seu orgulho. Ele tinha sido uma aposta, uma aposta boba. Ele caiu nessa e se sentia um idiota. Sentia-se usado e por mais que tenha sido um momento gostoso, a raiva não o deixava reviver o prazer. Só pensava o quanto tinha se iludido, achando que aquele encontro tinha alguma coisa de destino, de almas se encontrando… *"Merde!"*

O sol já estava alto quando Oli deu por encerrada a faxina. Estava exausto e a tentativa de usar aquela rotina para afastar os pensamentos não tinha funcionado. Certificou-se de ter fechado o bar por duas vezes, a cabeça cheia estava fazendo com que tarefas aparentemente simples ficassem complicadas. Colocou os sacos de lixo na caçamba dos fundos do bar e por ali mesmo saiu em direção à praia para um banho de mar. Esperava que a água salgada, que deixava tudo mais leve, também o deixasse assim.

***

Lisa acordou às 16h com uma leve dor de cabeça e uma dor enorme na consciência. Foi uma ligação de

Vicente que a acordou, para repassar a agenda da próxima semana. De repente ela queria muito trabalhar, viajar, cumprir agenda, coisas que até ontem ela cogitava não ser prioridade. Sabia que estava buscando uma fuga e era consciente. Estava se sentindo ruim, queria uma forma de corrigir aquela situação, mas era como se a criatividade, que sempre foi sua melhor qualidade, tivesse tirado férias. *"Eu preciso corrigir essa situação. Eu quero aquele homem. Eu quero o Oli. Não posso ter perdido essa chance!"*.

Em seus livros as heroínas lutavam pelo amor, mas ela nunca tinha vivido isso, nunca tinha sido real, não sabia o quê, nem como fazer. Não sabia se deveria ir ao bar novamente, um dia depois de ter feito o cara se sentir um mero objeto de prazer, alvo de uma aposta ousada e imbecil. Não sabia se era melhor esperar um pouco e quem sabe os sentimentos ruins esfriassem… simplesmente empacou ali na cama roendo os cantos das unhas, com o coração apertado e o corpo implorando por um pouco mais de Oli.

Bia mandou mensagens, todas implorando perdão. Lisa respondeu um “tá perdoada” apenas para tranquilizar a amiga. A verdade era que por mais que a situação tenha fugido ao controle, ela não culpava as amigas. Ela escolheu participar daquela brincadeira. Ela sugeriu um prêmio como se aquele homem já não fosse prêmio suficiente… elas beberam muito! Ok, isso não era uma boa desculpa, nunca era. Mas ela sabia que tudo aquilo tinha acontecido porque ela escolheu aceitar a aposta. As coisas aconteceram da forma como aconteceram e pronto. Não havia culpados a não ser ela. *“Merda!”*

“O que Hannah faria?!”. Precisava resgatar a personagem de seu livro, tentar incorporar aquela personalidade forte e seguir em frente, ter a saída de mestre para aquela situação chata. Quem sabe assim saberia o que fazer?... *“Pensa, Lisa… Pensa!”*

***

Oli quase não dormiu. Chegou da praia, tomou uma ducha, secou-se e deitou na cama rolando de um

lado para outro enquanto *Petit*, o pequeno gato vira-lata que ele tinha adotado assim que chegou à cidade, o encarava de cima da cômoda, lambendo uma das patas. A mágoa que tinha sentido no momento de *"révélation"* da aposta ainda estava ali, martelando em sua mente, mas estava diminuindo e dando espaço ao tesão que tinha tomado conta daquele banheiro e estava também tomando conta de sua mente, de todos os pedaços dela. No pouco que dormiu, acordou com uma baita ereção e com o cheiro de Lisa ainda presente… estava em sua roupa, era isso. Pegou a camiseta que tinha usado na noite passada e que estava jogada no chão bem ao lado da cama, tentou inalar aquele perfume para logo depois jogá-la longe, assustando *Petit* que miou em protesto. Forçou-se a pensar melhor e a buscar respostas. Toda aquela história era confusa… Ele queria mais detalhes, procurava motivos. *"Merde! Preciso encontrá-la"*. E então ali estava ele, um desejo enorme de que Lisa reaparecesse no bar, esbarrasse com ele, qualquer coisa do tipo. Ela tinha ido de bicicleta e, por isso, Oli julgou que Lisa não devia estar longe. Só a

visão de Lisa no vestido e em cima de uma bicicleta foi o suficiente para que Olivier ficasse ainda mais excitado. Repassou cada cena daqueles curtos minutos, cada sussurro, cada toque. Queria prolongá-los, fazê-los durar uma eternidade. Para isso precisava achar aquela mulher cheia de atitude, decidida, mas que fez uma cara de culpada assim que a porta do banheiro foi aberta, jogando-os de volta à realidade. Ela tinha gostado, era inegável. E ela ficou feliz quando ele cometeu a estupidez de dizer que tinha se apaixonado, ele sabia que ela tinha entendido suas palavras e sorriu ao se lembrar disso. Fazer o quê? Ele tinha mesmo se apaixonado, ficado louco, enfeitiçado! Tinha chegado ao Brasil dois anos antes, viajado pelo país procurando um ninho, um lar, um lugar para se estabelecer e deixar para trás toda a decepção de seu último relacionamento em Nice. Queria um recomeço. Quando veio à Vitória/ES para conferir um anúncio de um bar “porta fechada”, como os brasileiros nomeavam um negócio pronto e repassado assim como estava e sem tirar nada do estoque, móveis ou equipamentos, ele não esperava

encontrar uma cidade cativante, pequena, com muito mar e muito verde, com um clima gostoso e mulheres estonteantes. Movia-se por impulso, mesmo sabendo o quanto isso já lhe havia custado na vida, mas paixão era algo que Oli não ignorava. Entendia que se apaixonar era sempre um bom sinal e não queria estar errado nesse aspecto. Paixão o movia, era combustível, não podia ser ruim. Sentia que tinha se fixado naquela cidade por alguma razão e que era o momento de não ficar mais só. *"Ela tem uma explicação, eu não quis ouvir, mas sei que tem"*. Era seu cérebro ou seu coração arranjando subterfúgios para contornar a situação?! Oli sorriu, depois riu e por fim gargalhou sozinho, convencido de que pouco importava o que ou quem o estava motivando a novamente se jogar no vazio, viver uma paixão impulsiva, apostar! Fez uma careta quando pensou em "aposta", mas logo deixou o sorriso voltar aos lábios. Ele estava na dela. Tinha algo muito forte ali. Colocou uma bermuda e abriu a geladeira. Pegou uma caixa de leite para preparar um bom *macchiato* e usou a cápsula do café mais forte que tinha, preparando a

bebida em modo automático, a mente ainda cheia de perguntas, de ideias e de desejos. Não sabia como ia fazer e nem o que ia fazer, mas a cidade era pequena e Lisa era especial demais para sumir na multidão. Ele ia reencontrá-la. Apostava nisso.

***

— Queria aparecer lá no Merci hoje, sei lá, vai que além de lindo, gostoso… O cara é um anjo? Porque só um anjo me perdoaria…

Lisa estava ao telefone com Laila. Precisava dar voz aos seus pensamentos, precisava de uma pessoa colhendo todas aquelas palavras ao léu, organizando e lhe devolvendo em uma forma fácil de digerir, de processar. Laila era boa nisso.

— Uma pessoa sensata também te perdoaria. Quer dizer… sinceramente não sei. O cara não te conhece, né? Olhando a situação sem levar em conta precedentes fica bem feia a coisa…

— Não me diga!!! – Lisa bufava… Laila não estava ajudando.

— Calma! Calma… você gostou tanto assim desse

cara?

— Como nunca achei que pudesse gostar de alguém…

— Caramba! Foi o quê? Amor à primeira vista?!

— Algo do tipo… – Lisa não queria que a conversa fosse para esse lado, ainda não se sentia confortável em expor a fundo seus sentimentos.

— Hmmm… Bem, não resta a menor dúvida, você precisa encontrar esse cara e pôr as coisas em pratos limpos. Falar do seu histórico…

— Nem pensar! Mas nem pensar MESMO!!!

A ideia de contar para aquele homem que ela era a nerd da escola, a menina nunca desejada, que passou o inferno na mão dos "coleguinhas" e que até hoje tinha sérios problemas para se olhar no espelho… Não, era amedrontador! Contar que nunca teve um relacionamento concreto, que só viveu amores platônicos… Dizer que perdeu a virgindade com um colega de faculdade que, ao fim, perguntou *"se ela podia ir embora logo, porque a namorada estava para chegar"*... Era um

festival de fatos vergonhosos com os quais ela não queria lidar novamente.

— Lisa? LISA?! – A voz de Laila a trouxe de volta à realidade.

— Estou aqui.

— Mana, você precisa usar o seu passado como um trampolim… O salto que você deu profissionalmente… você é um sucesso! Só precisa dar o mesmo salto em sua vida pessoal. É uma mulher linda, com um charme todo seu! Procure esse homem, converse com ele, só exponha que a aposta foi apenas um combustível, porque você já estava interessada nele… foi uma brincadeira infantil, imbecil, mas que não pode impedir que vocês se conheçam…

— Ele deve estar bem puto. Eu estaria.

— Então espere um tempo, deixe a situação esfriar…

— É, talvez seja o melhor a fazer.

— Isso! Quer sair hoje, fazer algo?

— Não. Estou há uma semana fora de casa… quero

curtir minha cama, meus livros…

— Ok… Beijos! – Laila se despediu com uma clara impaciência. Lisa ficou olhando para a tela do telefone. Ela ia esperar. Estava decidida, a melhor solução era deixar o tempo agir… se tivesse que ter uma conversa que envolvesse falar de seu passado, ela precisava se preparar.

***

— *Un semaine*, cara. Quase dois…

— "Uma semana", "duas".

— Ah, ok.

Olivier estava conversando com Max, um dos bartenders que de funcionário virou um amigo. Era ele que "corrigia" o português de Oli sempre que podia, ordem dada por Oli, que queria aprender a língua e dominá-la de vez. Oli tinha contado tudo que aconteceu – sem alguns detalhes – para Max, que no início riu um bocado, mas depois aquietou-se, entendendo que para o amigo francês o assunto era bem sério.

— Você vai encontrá-la novamente…

— Como você sabe?

— Oli, ela é uma famosinha daqui.

— Famosin...?! *Comme* assim?

— Pessoa famosa…

— Hmmm… Cantora, atriz?

— Não… ela é uma escritora de sucesso. Romancista. O último livro dela está em primeiro lugar na lista de vendas e ela já escreveu outros livros que foram best sellers… não é sempre que alguém daqui faz sucesso rápido e fora da cidade. Ganhar o mundo é motivo para ser instantaneamente celebridade por aqui. Os livros dela estão sendo vendidos no país inteiro, logo, logo serão vendidos no exterior. Ela aparece no jornal às vezes, já li uma entrevista e assisti uma reportagem sobre ela.

— Ah, é? Interessante…, mas como isso faz eu a encontrar novamente?

— Simples! Vá à uma livraria.

— Ela não fica na livraria, *imbécile*, só os livros! – Olivier bateu a mão no balcão do bar, derrubando

uma garrafa. Max gargalhava novamente. Ele se abaixou xingando e já limpando a bagunça.

— “Imbecil” é você. Eu não falei que ela vai estar na livraria! – Max enxugava os olhos, tinha o riso frouxo perto de Olivier, adorava assistir a ele se enrolar com as palavras – Vá à uma livraria e olhe as informações em algum dos livros dela, deve ter o contato da editora, da empresa que publicou o livro... descubra o contato e ligue para a editora. Assim, você pode conseguir o falar com ela!

— *Oui*... Você é um *génie*, Max! *Un génie!* – A alegria era evidente no rosto de Oli, que segurou o rosto do amigo com as duas mãos fortes e sapecou um beijo estalado na testa de Max, que tentava e fracassava em se desvencilhar.

— “Gênio”, Oli, “um gênio”! E para com essa tosquice de beijo! Vai logo atrás da sua bruxinha!

— Ela não é uma bruxa!

— Mas te enfeitiçou, não foi? – Max voltava a rir enquanto limpava o balcão, ajeitando tudo para a noite.

— Enfeitiçou, sim… E eu não quero quebrar esse feitiço! Mas ela é uma linda feiticeira, uma feiticeira sexy… não é uma bruxa!

Max ainda ria da euforia do amigo.

— Nem parece que você ficou com raiva…

— Ah, Max, *mon ami*… Só vivemos uma vida! Uma vida!

Harmony, a DJ da casa, tinha acabado de chegar e pegou a empolgação no ar. — Nossa, quanta alegria… vamos ter uma festa?!

— Oli está apaixonado… – Max soltou e prontamente levou um tapa na nuca, de leve, que Oli deu apenas para fazê-lo calar. – Ai!

O silêncio que se seguiu foi constrangedor. Harmony tinha uma queda por Oli, na verdade, arrastava um caminhão por ele e não tinha conseguido nada sério nesses cinco meses.

Apenas em um fim de noite no Merci enquanto fechavam o bar e Oli não resistiu àquelas investidas pesadas de Harmony. Os dois acabaram na cama de Harmony e quando ela acordou Oli já tinha ido

embora e, na noite seguinte, a tratou como sempre tratava, não dando qualquer abertura. O que "podia ser" morreu por ali, mas para Harmony estava apenas pausado e esperando uma outra oportunidade. Oli sabia que Harmony tinha interesse nele e não queria magoá-la. Já era complicado ter cedido naquela noite e quase estragado a relação profissional deles, não queria ver a melhor DJ da casa ficar amuada, desatenta… Todas as vezes que ela ficava puta com algo sempre tinha uma noite ruim, com músicas desencontrando e clientes reclamando.

— Max está palhaço, Harmony, não o ouça! – Oli respondeu enquanto saía pela porta dos fundos do bar em direção à livraria mais próxima.

— Espera, espera… conta essa história direito, Oli! – Harmony deixou a mochila escorregar de suas mãos e descer por suas pernas enquanto colocava o capacete no balcão.

— Eu conheci uma pessoa… é só isso.

— Então era por isso que você estava idiota esses dias?! – Harmony sorriu, mas por dentro controlava

para não demonstrar a mágoa...

— Eu não estava idiota!

— Dando patada em todos, impaciente, quieto… não estava não? – Harmony provocou enquanto esperava a notícia se espalhar em sua mente como um jato de água fria. Era hora de partir para outra, mesmo que não fosse algo fácil e indolor.

— Eu fui *un idiot* esses dias?

— "Um idiota", com a no final. – Corrigiu Max. – E, sim, você estava um saco.

— Desculpa, gente. – Oli levantou as mãos, acenando para os dois.

— Agora me conte… – Harmony sentou em uma das cadeiras, virando-a de frente para o balcão.

— Eu preciso ir à livraria…

— Para quê?!

— Resumindo… – Max tomou a dianteira. – Ele conheceu uma bru… quer dizer... Feiticeirinha que virou a cabeça dele, os dois se pegaram no banheiro masculino do bar e, assim que saíram de lá, ele

descobriu que tudo fez parte de uma aposta entre amigas. Oli ficou puto e chutou a moça para fora do bar. Isso foi há pelo menos 10 dias e agora que a raiva dele já passou, ele se deu conta de que está caidinho de amores. Eu sugeri que ele vá a uma livraria, porque a moça em questão é a Lisa Schneider…

— A escritora?! – Harmony tentou controlar a incredulidade. Olivier estava apaixonadinho por aquela criatura sem sal que escreve romances água com açúcar? Como pode!

— Isso. – Olivier estava vermelho, a cabeça baixa, incapaz de olhar nos olhos de Harmony. Tinha receio do que veria. – Max não precisava dar tantos detalhes, mas foi isso.

— Oli, o Max é um estúpido… – Harmony soltou.

— Oi?! Por quê? – Max fez cara de ofendido.

Harmony levantou um dedo como quem pede um minuto, enquanto pegava o notebook na mochila, abria, ligava e começava a digitar freneticamente. Em dois minutos, no máximo, virou a tela. Olivier arregalou os olhos e deixou o queixo cair, para logo

em seguida transformar a expressão com um belo sorriso. Na tela do notebook brilhava uma foto de Lisa com várias informações sobre ela. Inclusive um e-mail de contato.

— Vocês não conhecem Internet? – Harmony perguntou enquanto colocava o notebook em cima de uma das mesas e se dirigia para os fundos do bar.

— Você é uma gênio, Harmony!

— "Gênia"…

— Cala a boca, Max. Você é um estúpido.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 5

“Acho que precisamos conversar...”.

Olivier já tinha escrito, apagado, reescrito e apagado não se sabe quantas vezes o e-mail. Ele simplesmente não sabia o que devia dizer e nem como dizer. Ele queria rever Lisa e entender melhor o que tinha acontecido, ouvir a explicação dela para que pudesse entender o que estava sentindo de verdade. Nunca pensou que um simples e-mail fosse tão difícil de redigir. Depois de várias tentativas assumiu o fracasso, fechando o notebook sem clicar no *send,* uma frustração crescendo em seu interior.

Tomou uma ducha, colocou uma roupa confortável e foi para o Merci com passos desanimados e a mente devaneando sobre o que devia ou não devia ter feito, o corpo levando-o automaticamente para o bar, reconhecendo a rotina daquele caminho… atravessou ao menos duas ruas instintivamente, sem olhar. Na terceira rua quase foi atropelado por uma bicicleta que vinha em uma velocidade não muito

segura, a campainha quase ensurdecendo os outros pedestres. Quando depois do susto levantou os braços com um belo impropério francês na ponta da língua, reconheceu a ciclista e seus olhos brilharam. Lisa estava jogada à sua frente com a bicicleta de lado, caída aos seus pés, o rosto vermelho em um misto de susto e vergonha.

— Você?! – Foi tudo que Oli conseguiu dizer depois de engolir os palavrões que teria soltado.

— Eu… Desculpa. – Lisa baixou os olhos e a guarda. O pedido de desculpa estava carregado de sentimento. Estava se desculpando por tudo, por quase atropelá-lo, por tê-lo enganado… desculpou a si mesma com aquele pedido, por não ter tirado aquele homem da cabeça e que agora estava ali, parado à sua frente.

— Vai ter que fazer melhor que isso… – Oli sorriu, suavizando aquele encontro explosivo. Ele se aproximou, ajudou-a a se levantar e empurrou a bicicleta até os fundos do Merci, prendendo-a à caçamba de lixo porque era o único lugar possível. Lisa fez o pequeno caminho calada, ainda tentando

organizar tudo o que queria falar com ele. Olivier também ficou calado pelo resto do caminho, trocando olhares furtivos com a moça, que estava com o coração acelerado, nervosa. Não sabia como se portar perto de Oli, ainda mais por não ter "ensaiado" uma conversa. E eles precisavam daquela conversa.

Olivier entrou no bar e deu passagem a Lisa. Harmony estava organizando os equipamentos e os viu entrar, revirou os olhos e saiu pela porta da frente não sem antes pegar uma long neck no freezer. Não ia ficar ali assistindo a cena melosa que se seguiria com protagonistas que ela não aprovava. Max estava lavando copos e permaneceu por ali fingindo não os ver e também fingindo ser invisível. Oli não se importou com a "plateia", tinha urgência em colocar tudo em pratos limpos e enquanto Lisa conferia se tinha se machucado, Oli iniciou a conversa.

— Aquele dia…

— Te devo desculpas.

— Também te devo, Lisa. Você queria explicar e

eu não quis escutar.

— Eu te entendo…

— Por que fez aquilo? Eu fui *un* aposta?

— Olivier… Oli… eu não sei! Só aconteceu… – Lisa estava aflita, sentada com os cotovelos nos joelhos e as mãos no rosto, tentando esconder a vergonha que sentia.

Oli bufou, apertando os joelhos com as mãos. Não achava que teria esse tipo de resposta… pousou uma das mãos no ombro de Lisa, o calor do corpo dela e o suor sentido nas pontas de seus dedos o atingiu como carga elétrica, mas ele sustentou o toque encorajando-a a se abrir. Lisa o olhou profundamente, reconhecendo naqueles olhos claros um misto de afeto e apoio. Era a hora de falar.

— Eu… Eu entrei aqui no Merci, estava encantada com o ambiente, com a música… E então eu vi você… Minhas amigas já tinham me avisado que você era bonito… – *"Meu Deus! Por que eu tô falando tudo isso!"*, pensou Lisa. Mas nada mais importava, o destino cuidou para que ela tivesse

esse momento e ela precisava aproveitá-lo e falar tudo que estava pensando. Olivier a olhava com interesse, uma sombra de sorriso se formando em seu rosto. – Bem, eu fiquei interessada, queria conhecer você.

— Ok. Foi recíproco.

— Mas eu sou uma idiota… uma covarde. Minhas amigas acharam que eu precisava de um "estímulo", porque eu não teria coragem de flertar com você. E realmente não teria. Foi aí que surgiu a aposta. No meu último livro eu escrevi uma cena em que a protagonista levava um desconhecido para o banheiro do bar. Elas usaram essa cena, apostaram…

— E você ganhou um brinco. – Olivier observou sem muita animação na voz. O coração de Lisa estava acelerado e ela respirou fundo para continuar a falar.

— Sim… Como eu disse, fui idiota e aceitei uma aposta mais idiota ainda. Eu queria muito aquele brinco…

— A ponto de transar com um estranho.

— Não! Quer dizer, sim, mas não é simples assim…

— Tá parecendo bem simples, *cher*. – Olivier estava com os olhos semicerrados e totalmente voltados para Lisa, que se sentia derrotada, incapaz de virar aquele jogo, de pôr todas as cartas na mesa.

— Oli…

Olivier levantou-se da mesa indo ao balcão ajudar Max a organizar os copos. Lisa abaixou a cabeça lamentando ser tão inexperiente quando se tratava de sua vida pessoal. Com seus personagens tudo era mais fácil.

— Cara, você não queria que ela aparecesse?! Que ela explicasse tudo? – Max tentava encorajar Oli sussurrando enquanto o amigo quase quebrava os copos ao colocá-los no balcão. Olivier parecia ter uma nuvem sobre os olhos. Era inútil falar com ele naquele estado.

— Shhhh! Ela já confirmou, *mon ami*. Ela apostou um par de brincos e me usou, repetindo uma cena de livro. Cena de livro! – Olivier sussurrava entre os dentes, irritado.

Max balançou a cabeça de um lado para o outro lentamente, desaprovando a atitude de Oli. Depois olhou para Lisa. Ela estava de cabeça baixa, os braços cruzados como se abraçasse o corpo, se acalentando. Então encheu um copo com água e levou para ela.

— Tome…

Lisa pegou o copo, mas mal deu um gole.

— Eu sou uma estúpida mesmo…

— E ele é um cabeça dura. – Max apontou o dedão para trás, para Oli, sorrindo e tentando animá-la.

— Eu o curti, não o tirei da cabeça...

Max não disse nada. Poderia falar para ela que o amigo também curtiu, que ficou esperando-a aparecer… Só que aí iria se sentir traindo a amizade, Lisa era uma estranha ainda. Quem tinha que dizer qualquer coisa era o Oli.

— Me conte… O que rolou? De verdade.

— Deixa pra lá... não vai adiantar nada. E hoje à noite estarei voando para o Rio…

— Vai de vez? Não voltará aqui?

— Devo ficar uns dois meses por lá. Vitória é meu lar, não irei sair daqui… é a minha base.

— Entendo…

— Seu nome…?

— Max. Sou um dos bartenders daqui, quase um sócio, muito amigo. – Ele sorriu para ela.

— Você parece ser um bom amigo.

— Tento ser. Mesmo quando Oli acaba sendo bem imbecil.

Lisa sorriu.

— Não o culpo. Eu fiz algo bem questionável, né?

— Acho que nós, brasileiros, lidamos com essas coisas mais facilmente, relevamos mais fácil… O francesinho é meio complicado… alguns fantasmas… – Max se calou. Estava falando mais do que devia.

— E eu também tenho meus fantasmas. – Lisa levantou da cadeira. – Bem, vou indo… tenho que fazer minhas malas.

— Fique bem. E volte. Se for pra ser…

— Vai ser. – Ela completou a frase com um sorriso desanimado, de quem não acreditava que aquilo fosse verdade.

***

— Não deu certo, Laila… – Lisa já estava no Rio de Janeiro se preparando para uma noite de autógrafos quando atendeu a chamada via Skype da irmã.

— Mas o que você disse?

— Eu falei que tinha visto ele no bar, me interessado, mas aí ele começou a completar minhas frases e acabou me dando as costas. Falou que os brincos eram tão importantes que eu até transaria por eles… – Lisa estava prestes a chorar.

— Mana, não chora. Para com isso. Se ele foi idiota o bastante para nem te ouvir…

— Aí é que está. Eu travei. Eu não consegui falar nada e deixei que ele fosse tirando conclusões.

— Lisa, quando você vai aprender a lidar com a sua vida? – Era uma pergunta recorrente de Laila.

— Não sei, só sei que dessa vez eu estraguei tudo, mesmo.

***

— Então foi tudo uma aposta?! – Harmony perguntou, enquanto ajudava Oli, Max e Speed – o outro bartender – a ajeitar o Merci, já fechado àquela hora.

— Foi. E eu nem fui o *grand prix*... – Oli estava ali, respondendo, conversando, mas distante em seus pensamentos.

— Ele não quis ouvir a moça… De novo! – Max estava recolhendo os copos das mesas.

— Eu ouvi, sim. Ela não tinha nada melhor para explicar.

— Talvez tenha sido melhor assim, Oli. – Harmony se aproximou para massagear os ombros de Oli, que estava sentado, conferindo o caixa.

— *Oui, cher*...– Olivier concordou, porém se afastou da DJ, ficando de pé e indo ao balcão. — O movimento hoje foi bom...

Olivier queria que o assunto morresse na esperança de que também morresse aquela dorzinha que sentia lá no fundo do peito. Será que ele não tinha ouvido o suficiente? Será que tinha uma explicação verossímil para aquela aposta? A constatação de ter sido um mero objeto não lhe agradava nem um pouco, cegando-o para qualquer outra coisa. Max se aproximou soturnamente, assustando Oli, que estava imerso nos pensamentos.

— *Merde!*

— Calma! Olha só… ela foi para o Rio de Janeiro hoje. Vai ficar por lá uns dois meses…

— *Et…?*

— Para de falar em francês! Você pediu que eu te corrigisse!

— Ok… E daí? Que fique por lá!

— Você está falando isso da boca pra fora. Ficou a noite toda injuriado, distante, pensativo.

— Você também acha que foi melhor assim?

— Oli, é sério que você vai dar ouvidos à Harmony, que está na sua e só esperando um

momento contigo?

— Mas é que…

— Eu acho que você não ouviu o suficiente... E se essa mulher mexeu tanto contigo, a ponto de uma trepadinha no banheiro, independentemente do motivo, virar esse pandemônio na sua vida, talvez você devesse considerar ficar calado e deixar que ela se explique ainda que demore e ela repita o que você já sabe... ou sei lá… procure uma das amigas dela e pergunte.

— É uma ideia...

Max deu tapinhas no ombro do amigo e foi lavar os banheiros. Harmony estava de saída.

— Estou indo, Oli. Quer uma carona?

A oferta era tentadora… A DJ era uma mulher de visual selvagem, agressivo. Estava com uma calça de couro colada ao corpo e uma camiseta branca bem decotada, sem nada por baixo, os mamilos quase furando o tecido de malha. Uma sandália de salto bem alto e tiras finas completava o visual arrebatador de Harmony. Oli olhou para ela com

cobiça, pensando sacanagem… O problema era que em sua mente as visões pervertidas tinham Lisa como companhia.

— E aí? Quer ou não quer? – Harmony insistiu, a sobrancelha arqueada e os lábios convidativos. Agora ela estava apoiada no balcão fazendo o decote revelar mais que o necessário… Oli engoliu em seco, o jeans segurando seu pênis excitado.

— Tem outro capacete? – Oli queria ganhar tempo, a dúvida na mente.

Harmony revirou os olhos, impaciente. Ela tinha consciência de que não era prioridade na vida dele, mas quem sabe? Se mostrasse o quanto podia ser bom…

— Quer uma ida ao banheiro? – Ela sorriu maliciosamente, mordendo os lábios e deixando cair uma alça da camiseta.

Olivier se trancou na mesma hora. A brincadeira nada inocente não surtiu o efeito que Harmony queria. Ele fechou a cara e fez com que a alça voltasse ao ombro da DJ, desconcertando-a.

— *Allez, allez*... vá embora, Harmony.

— Você vai virar um monge, Oli! Pelo amor de Deus, você teve um dia cheio, eu também…

— É isso que você quer, Harmony? É isso que todas querem? – Oli contornou o balcão em menos de um segundo, pegando a DJ de surpresa, agarrando-a e quase rasgando sua camiseta.

Harmony sorriu, ainda mais por estar conseguindo o que queria. Olivier a ergueu e levou para os fundos do Merci, para o estoque. O ambiente era familiar para os dois, pois foi ali que eles se entregaram ao desejo pela primeira vez. Oli não a beijou na boca, mas lhe deu um belo chupão bem próximo da nuca, no ponto que o pescoço e o ombro se encontram, arrancando um gemido de Harmony. Depois a fez virar e se apoiar nas prateleiras enquanto ele desabotoava a calça de couro e a fazia descer até os joelhos. Oli rasgou a calcinha de Harmony, tirando-a e enrolando na mão enquanto abria o próprio jeans. Com a mão enrolada na calcinha ele começou a se masturbar, fazendo a mão subir e descer em seu pênis

enquanto dedilhava a vulva de Harmony… ela estava excitada, totalmente molhada e só esperando…

— É isso que você quer, *cher?*

— Sim! Me coma!

— Como você quer?

— De todos os jeitos!

Oli pegou a carteira no bolso da calça e tirou dois preservativos. Colocou um deles rapidamente e penetrou Harmony com força, arrancando um grito da moça, movimentando-se com raiva, lançando tapas em sua bunda. Harmony se assustou no início, mas se entregou ao momento, provocando Oli com palavras, *"É só isso que você pode fazer?", "Vamos lá, Oli, me come de verdade…"* e ele obedecia, forçando mais profundamente. Quando estava prestes a gozar Oli parou e Harmony reclamou. Ele respondeu com um *"Shhh",* a segurou pelos seios, fazendo-a arquear ainda mais o corpo e, em seguida, lhe penetrou por trás, bombeando rápido até gozar, tremendo e urrando... Por fim, deixou escapar *"Oh, Lisa…"*

balbuciado, em meio aos tremores de prazer. Harmony ficou enfurecida imediatamente, tentando se desvencilhar das mãos fortes de Olivier. *"Filho da puta! Merda!"* era o que ela pensava quando conseguiu sair de perto de Oli, puxando a calça para cima e ajeitando a camiseta. Ele a comparou com aquela… com aquela… não era possível! Harmony queria despejar uma centena de palavrões.

— Você é um babaca, Olivier! UM BABACA! Um grande filho da puta! Como você foi capaz?!

— *Excuse*...

— Não tem desculpa, seu idiota! – Harmony bufou, batendo a porta do estoque atrás de si. A DJ estava crispando de raiva e esse sentimento se misturava ao seu orgulho, provocando um mix envenenado de preconceito. Ela foi comparada com Lisa Schneider, aquela… Harmony segurava o pensamento, sabendo que era soberbo, mas não conseguia evitá-lo. Aquela negra. Como ele pôde? Estava com ódio de Olivier. Vagou tão sem pensar que foi parar na beira do mar. Sentou-se próxima

ao quebra-mar e se permitiu chorar. As lágrimas da mágoa foram se misturando às lágrimas da vergonha… sabia que aquela raiva toda foi alimentada também por seu preconceito. Por que lhe doeu tanto ser confundida com Lisa? Por que o primeiro pensamento foi o de desmerecê-la? Harmony se deixou esvaziar daqueles pensamentos, escoando a mágoa junto às ondas que morriam na praia.

Oli ficou ali, o membro ficando flácido no preservativo cheio, a respiração descompassada, o corpo suado. Não tinha desculpa, ele tinha pisado feio na bola e sabia que isso seria problema. Não devia ceder tão facilmente às tentações… A tristeza tomou conta de seus pensamentos e Oli se permitiu chorar. Estava se sentindo um merda, estava se sentindo usado e ao mesmo tempo sujo, por ter projetado em Harmony a vingança infantil que gostaria de ter concluído com Lisa.

Lisa, Lisa… aquela mulher que pareceu tão cheia de atitude no pequeno banheiro no qual agora ele se lavava. A mesma mulher que estava encolhida na

cadeira, como um passarinho assustado, tremendo ao menor toque. Não parecia ser a mesma pessoa que o provocou e conseguiu dissuadi-lo a se entregar ao desejo… Olivier se olhou no espelho do banheiro e parou o punho milímetros antes de atingi-lo com um belo soco e estilhaça-lo em pequenos pedaços. Estava fora de si.

Então era assim que uma pessoa se sentia quando se dá conta de que foi usada? É esse o sentimento? Olivier se questionava enquanto fechava o Merci e caminhava para casa novamente distraído em seus pensamentos.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 6

Em dois meses Lisa não teve sossego, muito menos tempo para pensar em Olivier. Ela conseguiu empurrá-lo para o fundo de sua mente, para um lugar pouco acessado. Devagar Oli virou uma nuvem passageira. *"Não era paixão pelo visto..."*, ela pensou, quando percebeu que conseguia fazer tudo o que precisava sem estar com aquele homem em seus pensamentos. Ela tinha certeza de que, como em seus livros, quando é algo forte não arrefece. Ela estava tranquila, cumprindo a agenda de trabalho.

— O vi ontem… – Becca tinha ligado à toa, sabendo que Lisa já estava no hotel depois de uma entrevista para um programa de TV.

— Quem? – Lisa se fez de desentendida, mas o coração acelerou com aquela simples frase. "*Droga!*"

— Ah, Lisa, pra cima de mim?!

— Está falando do francês, né?

— Ele estava no balcão do bar trabalhando, atendendo clientes… quando viu que eu entrei no bar ficou de olho como se procurasse você. Fez uma mega cara de decepcionado quando viu que éramos só Bia e eu.

O coração de Lisa agora estava mais para uma bateria de escola de samba, mas ela respirou fundo. Queria afastar aquelas reações para sempre.

— Ele não quis explicação, Becca. Eu estou seguindo a minha vida.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Porque eu conversei com ele…

— Você fez o quê?!?!

— Conversei com ele. Tá surda?

— Você não tinha o direito!

— Eu tinha o dever! Você gostou do cara, não ia deixar você perder essa chance por uma estupidez, não. Você precisa viver uma história assim, dar uns pegas, criar experiência… vai te ajudar nos seus livros…

— O que você conversou com ele, Rebecca? – Lisa estava séria e apreensiva.

— Ah… falei tudo. Falei que você sempre foi a pessoa da turma que nunca se relacionava, sempre com medo, porque sempre sofreu muito com rejeições e com preconceitos… que estava há muito tempo sozinha justamente porque tinha se decepcionado frequentemente com caras babacas que não viam a pessoa maravilhosa que você era. Falei que você provavelmente tinha aceito a aposta apenas para se livrar das nossas cobranças e contei também sobre a importância daquele par de brincos… E também porque estava evidentemente interessada nele e só precisava de um empurrão, que foi o que a gente te deu.

— E ele?

— Falou alguma coisa em francês que eu não entendi. Mas o bartender piscou pra mim sorrindo… bem, eu acho que ele entendeu tudo, porque estava com um meio sorriso depois que me despedi.

— Becca, você não devia ter feito isso…

— Tem mais uma coisa…

Lisa respirou fundo, esperando a próxima bomba.

— Seguinte… eu não sei o que está rolando entre ele e uma DJ que toca lá de vez em quando…, mas tá rolando alguma coisa.

— Eles estão juntos?

— Isso eu não sei. Mas rolaram umas trocas de olhares sinistras durante a noite. Eu não consegui interpretar se eles estavam flertando ou se queriam matar um ao outro.

— Tem muita diferença entre as duas opções, Becca…

— Você é quem pensa.

Lisa encerrou a ligação e ficou pensativa. O coração não desacelerou um só minuto, primeiro ritmando a alegria que sentiu com a informação de que Olivier tinha esboçado um sorriso diante da indiscrição de Becca… ela não podia ter contado sua intimidade, não tinha o direito…, mas era Rebecca. Mais cedo ou mais tarde ela faria isso, era evidente que não aguentaria ver duas cabeças duras

não se entendendo. Depois a palpitação ritmou a angústia com a notícia de que o francês já podia estar com outros interesses, com outra pessoa… uma DJ! Ela não teria a menor chance, ainda mais se fosse aquela mulher cheia de atitude e sensualidade que Lisa viu nas pick-ups do Merci. Lembrava-se da moça de cabelos lisos esvoaçantes, olhar penetrante, o tipo de mulher que as capas de revista insistem em endeusar. Olhou para si mesma no espelho. Era muito bonita, disso não tinha dúvidas, seus traços negroides harmonizavam e construíam um belo rosto, a pele cor de chocolate era macia e reluzente, os cachos volumosos do cabelo extremamente negro emolduravam o rosto…, mas ela jamais seria considerada uma deusa, muito menos digna de capa de revista. Esse lugar estava destinado para pessoas como aquela DJ. Por isso Lisa tinha investido em sua escrita, o dom que incrivelmente lhe rendeu reconhecimento. Escondeu-se atrás das palavras, das páginas de seus livros, o quanto pôde. Nos romances sua cor não importou muito. Suas personagens não tinham características definidas, podiam ser qualquer

pessoa. Talvez por isso faziam tanto sucesso.

Lisa suspirou e tentou se concentrar no trabalho, ligou para o editor, mas se perdeu várias vezes na conversa.

— O que houve, Lisa?

— Nada, Vicente, estou cansada.

— Calma, essa fase louca de lançamento e divulgação já está passando. Logo, logo você descansa, meu bem.

Lisa se despediu, sempre se incomodava com a condescendência do editor, mas nunca reclamava dos excessos, por vergonha. “Meu bem”, “minha querida”... Eram tratamentos simples, mas que o tom de Vicente fazia parecer pervertido. Quando ele a tratava dessa forma, Lisa se retraía. Aquele tom malicioso a transportava para a faculdade, quando suas caminhadas pelos corredores do campus alguma vezes eram acompanhadas de sussurros preconceituosos das moças ou pervertidos dos rapazes. Para eles era uma égua selvagem, somente esperando o domador.

Limpou as lágrimas que vieram com as lembranças. Aquela égua foi domada, cavalgada e rejeitada. Foi enganada por um domador que lhe prometeu amor, mas que na verdade só queria provar seu gosto, saber se aquela pele cheirava a cacau, canela e café. Ele jamais a quis verdadeiramente. Ela era uma aposta.

Lisa Schneider chorou copiosamente quando as lembranças a fizeram mais uma vez enxergar o que tinha feito. Ela sofreu tanto com aquele sentimento, com o fato de ter se sentido usada… E fez o mesmo com Oli.

***

Olivier ainda guardava um pequeno sorriso no rosto, só disfarçado quando seus olhos cruzavam com os de Harmony. Ele já tinha pedido desculpas, mas ela se fechou e passou a falar com ele o estritamente necessário para que continuasse comandando as pick-ups do Merci. Às vezes parecia que ela estava flertando, provocando-o com mordidas nos lábios, umedecendo-os sempre antes de lhe dirigir a palavra. Outras vezes abusava das

indiretas com respostas cortantes, que o faziam tecer um rosário de palavrões na mente. Agora o sorriso estava em seu rosto por motivos que Olivier achava não serem possíveis. Como aquela mulher podia ser introspectiva, envergonhada e fechada, como a tal Becca disse? Ele não conseguia racionalizar. A mulher com quem ele se relacionou rapidamente, instintivamente, era voraz, indócil, do tipo que sabe exatamente o que quer. Não era a menina cheia de neuras que a amiga lhe confidenciou. Repassou o dia em que Lisa quase o atropelou… ela tentou dizer algo, tentou articular alguma explicação, mas ele a cortou de novo.

"Merde! Merde! Je suis un idiot complet!", Oli repetia em sua mente, martirizando-se por ter sido ansioso demais e não ter dado a oportunidade de ouro para que Lisa falasse.

— Já fui. – Harmony passou pelo balcão dando um soco no tampo e fazendo Olivier se assustar.

— *Oui…*

— Oui, oui… um saco você e esse seu francês. Aprenda nossa língua, idiota. – Harmony bufou e

passou pela porta como um raio.

Oli deu de ombros. Sabia que aquilo era insubordinação, mas também sabia que a raiva dela tinha bons motivos.

— Rapaz… eu não sei o que você fez a ela, mas, amigo, você a machucou. – Max se aproximou entregando uma long neck para Oli.

— Machuquei, com certeza.

Max dobrou alguns panos de copa esperando que Oli se abrisse. Era tudo o que ele fazia nesses últimos meses. Sempre o lembrava com um "Tô aqui, se quiser conversar", mas Olivier tinha virado um baú bem fechado, com um cadeado grande, que nem permitia leitura de suas expressões. Ele nunca mais falou de Lisa e, mesmo tendo conversado com uma das amigas que estavam com ela na noite da aposta, ainda estava calado. Estranho.

— Que horas agora? – Oli cortou o silêncio com a pergunta.

— Umas 10 da manhã? Por quê?

— Ótimo, fecha o bar?

Max acenou que sim com a cabeça, resoluto. Ele não perguntava mais nada porque sabia que não receberia respostas. Apenas assistiu a Olivier sair correndo e virar a esquina.

***

Olivier chegou em casa quase meio-dia. Ele foi a duas livrarias, mas somente na terceira encontrou todos os livros de Lisa Schneider. Nas duas primeiras o lançamento, aquele que tinha a tal "cena do banheiro de bar", estava esgotado. *"Caramba! Ela deve ser realmente boa",* ele pensou enquanto bebia um copo d'água, olhando aquela pequena pilha de livros em cima da mesa. Ainda não tinha decidido por qual começar, mas provavelmente faria uma ordem irregular porque queria muito ler o livro recém-lançado. Queria entender o contexto da cena na qual fez participação especial. Só precisava dormir um pouco, o corpo pedia, a rotina de um bar noturno muitas vezes cobrava um alto preço. *"Quando a verei novamente?"*. Esse pensamento permeava sua mente… Alimentou *Petit*, tomou uma ducha, pegou

o livro “Bruma de Ilusões” e deu uma pequena folheada antes que o sono lhe roubasse os sentidos. Adormeceu olhando a foto de Lisa na contracapa.

***

— Já posso voltar à Vitória? – Lisa olhava para Vicente com olhos suplicantes.

— Não sei o que você tanto ama naquele lugar, minha querida… – Vicente tinha ido à Vitória umas duas ou três vezes nesses cinco anos de parceria profissional e não tinha se encantado com a cidade. Achava-a simples demais, portuária demais, pobre de cultura e de atrativos.

— Por favor, Vicente. Minha criatividade atinge os picos mais elevados quando estou na minha casa… – Lisa sabia ser persuasiva com ele, Vicente gostava de ser bajulado, mas também pensava muito no trabalho. O sucesso era seu calcanhar de Aquiles.

— Contra esse argumento… você não está querendo ir para lá por causa daquele francês que te deu o fora, né? – Lisa tinha contado tudo para

Vicente, ela não guardava segredos para ele. Desde então, Vicente não perdia a oportunidade de desdenhar tudo que fosse francês, até macarrons. Lisa sentia-se incomodada com aquela atitude infantil, mas fingia não ouvir.

— Não, bobo. Lá eu tenho minha família, esqueceu?

— Façamos assim… te dou um mês em Vitória, como umas férias…, mas, depois, você irá cumprir uma agenda surreal! Combinado? – Vicente piscou para Lisa e ela esboçou o melhor sorriso que conseguiu fingir. Precisava dele, era um ótimo editor.

Lisa correu para o hotel assim que acabou a sessão de fotos para uma revista especializada, determinada a arrumar as malas e ir direto para o aeroporto. Sabia que não havia voos diretos de Porto Alegre para Vitória, mas daria um jeito de pegar conexão em São Paulo e chegar a seu apartamento o quanto antes. Precisava daquelas paredes, daquela cama e daquele ar litorâneo cheio de maresia e de umidade que lhe eram tão caros.

No fundo, pensava em esbarrar com Olivier para ver como reagiria. Estava com a impressão de que não sentiria nada, de que aquilo tudo tinha sido um delírio dela, um excesso de quem não tinha experiência suficiente para entender o que é real e o que não é. Por isso precisava se testar para ter certeza de que não estava trazendo para a realidade as suas histórias de amor.

Estava decidida, iria ao bar. O que aconteceria a partir dali até causava um frio na barriga, mas ela não iria mais se intimidar. Se Olivier tinha dado ouvidos à Becca, agora sabia um pouco de sua história. Maior vergonha que essa ela não conseguia imaginar.

***

"Mais ceci est une histoire d'amour?", Oli estava confuso após ler quase metade do livro. A heroína Hannah Thomas era tudo, menos romântica! Ela brincava com os sentimentos dos homens que a cercavam, criando subterfúgios para que eles permanecessem à espera de suas migalhas. Seria um alterego de Lisa? Ele estava assustado. As

“ilusões” do título do livro eram todas criadas pela heroína, uma mulher decidida, independente, que sabia exatamente o que queria e o que fazer para obter, *“Uma devoradora! Dévorant!”*. Por vezes se pegou sorrindo enquanto lia. Imaginava Lisa vivendo as peripécias de Hannah. Se ela era da forma que Becca falou, de onde ela tirava aquelas ideias?! Seria o que ela gostaria de ter feito… de fazer? Estava curioso, atordoado com as ideias digladiando em sua mente.

Petit subiu na cama e se aninhou perto do ombro esquerdo de Olivier. Ele estava interessado no desenho que as letras faziam no papel, olhando para as páginas do livro com curiosidade. O telefone de Oli tocou, despertando-o daquela missão literária. Era Max, perguntando onde ele estava. O bar já estava aberto e fervendo… E ele tinha perdido a hora, imerso naquelas brumas de ilusões.

“Merde!”

***

Lisa ainda esperava a conexão em São Paulo, cansada, além de ansiosa e apreensiva, sensações

tão comuns em sua vida que já não lhe causavam sintomas. Mãos suadas, arrepios, nada disso. Foi reconhecida por duas pessoas que lhe pediram autógrafos e dedicatórias, uma delas já tinha terminado de ler o último livro e estava empolgada, elogiando efusivamente e chamando a atenção de outras pessoas. Lisa assinou o mais rápido que podia para sair logo daquela situação. Nunca gostou de atrair as atenções, apesar de ultimamente quase sempre ser inevitável. Uma preta em um aeroporto, na área VIP? Era nítido que essa pergunta estava nas mentes dos demais passageiros que ali estavam esperando. Isso já incomodou lá no início do frenesi de viagens, tardes de autógrafo, entrevistas… agora não mais. Lisa aprendeu a abstrair dos olhares tortos pelo bem de sua sanidade.

Sentou-se em uma área perto do portão de embarque, colocou um boné e se refugiou com seu notebook… estava rascunhando ideias, talvez para um próximo livro que incluiria uma aposta malsucedida. Escreveu algumas frases soltas, tentou criar o sistema de tópicos que sempre

utilizava, mas esbarrou em muitas dúvidas. Não sabia qual caminho aquele processo criativo seguiria simplesmente porque a inspiração para aquela história era, pela primeira vez, a sua vida. E até então não tinha o fechamento, nem mesmo o clímax. Fechou o notebook, mas o abriu novamente em seguida. Acessou o Google, digitou *"Merci, Olivier, Vitória/ES"* e buscou resultados. Achou um link para o jornal local com uma reportagem sobre a inauguração. *"Olivier Beaumont nasceu em Avignon, mas fixou morada em Vitória/ES depois de ter rodado todo o Brasil. De hábitos e gostos simples, é mais uma atração da casa, recém-inaugurada…"*. O texto continuava tecendo elogios aos drinks, à música e à decoração do local. Tinha uma fotografia de Oli segurando um drink maravilhoso com tons de vermelho, cereja e raspas de laranja, com a legenda *"Olivier apresenta o queridinho da casa, o Kir Royale".* Lisa já tinha provado esse drink, mas não com esses detalhes. *"Ele também é criativo",* pensou. Ouviu a chamada para o voo, fechou o notebook e se preparou para embarcar. No voo continuaria a ler a reportagem,

estava curiosa.

Quando desembarcou em Vitória/ES já era quase manhã, porque o voo atrasou mais do que o normal. Estava cansada, com olheiras enormes, mas com a mente novamente desperta. Tinha tirado Oli daquele lugarzinho escuro e escondido, trazendo-o para a luz. Agora sabia que ele era formado em Direito, mas que tinha abandonado a carreira e saído da França em busca de uma vida nova. Na matéria não tinha detalhes sobre essa guinada, mas falava sobre *Petit*, um gato de rua muito fofo que aparecia em uma das fotografias do jornal absorto no colo de Oli. A jornalista descreveu que o gato ficou o tempo todo ali enquanto as perguntas eram feitas, espreguiçando-se e pedindo carinho na barriga. Lisa sempre quis ter um animalzinho de estimação, mas não achava justo deixá-lo sozinho com tantas viagens que fazia. Tinha um "ping-pong" ao fim da matéria com várias perguntas e respostas rápidas para Olivier. Ele gostava de azul, de comida brasileira – mais até que a culinária francesa – e de correr. Também gostava de rock clássico, de cerveja e de mulheres voluptuosas.

Nesse ponto, Lisa suspirou. “*Então foi isso que ele viu em mim, apenas o meu corpo...”* Oli não era diferente dos outros homens, afinal. Provavelmente para ele era só a mulata sensual com roupas de carnaval, para uma noite de prazer, nada mais… Era triste tirar essas conclusões, mas Lisa não estava disposta a ser iludida novamente. De repente as lembranças da adolescência e da faculdade voltaram em um turbilhão desanimador. *“Droga! Por que fui pesquisar?!”*

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 7

— Lis, você está em Vitória há uma semana… não vai procurar o cara? – Becca perguntou, para logo em seguida dar uma tragada no cigarro. Lisa afastou a fumaça com as mãos.

— Não… sei lá. Acho que a água passou por baixo da ponte, esfriou, sabe? – Ela tentava parecer o mais indiferente possível.

— Acho que você está deixando uma história legal passar por baixo dessa ponte aí… – Becca apagou o cigarro e deu um gole no copo de limonada. A lanchonete do outro lado do bairro tinha mesas na calçada e nos fundos, ideia inicial de Lisa, que agora evitava andar nas ruas do bairro mais próximas ao Merci com medo de novamente topar com Olivier. Mas Rebecca escolheu uma mesa da calçada para poder fumar em paz e Lisa teve que aceitar, precisava jogar conversa fora, afastar dos pensamentos aquele francês.

— Becca, responda sério… Você me acha “voluptuosa”?

— Que diabos é isso?

— Uma mulher sensual, que desperta desejo…

— Ai, amiga… eu te acho bonita, apesar de você nunca concordar. Mas, assim, não sinto desejo por você não… – As duas gargalharam.

— Exercite a criatividade, Rebecca!!! Se você fosse um homem… ou se fosse lésbica, bi… se tivesse interesse por mulheres… se interessaria por mim?! – A vergonha que Lisa sentia a fazia olhar para o chão e Becca segurava o riso.

— Acho que sim… você está perguntando isso com algum motivo?

Lisa sacou o telefone do bolso e abriu a reportagem, entregando o aparelho para Becca. Ela não lia rápido, aumentando a impaciência de Lisa… no meio da leitura, acendeu outro cigarro… Becca tinha que parar com isso!

— Anda, Becca!

— Calma, mulher… tô terminando!... Ah, ok. O bonitão gosta de mulheres "voluptuosas"... – Rebecca fez troça com o termo. – Amiga, se ele

topou entrar naquele banheiro contigo e fez o que imagino que tenham feito… ÓBVIO que ELE te acha gostosa pra caralho! Para de fugir do óbvio, vocês dois se curtiram, mas agora tem esse rolo aí… desenrole isso, Lisa Schneider! Por favor!

Era tão fácil desenrolar as reviravoltas nos livros, Lisa até curtia criar e desfazer situações com mal-entendidos, com confusões… davam gás a qualquer história. Só que agora era real e todas as suas inseguranças estavam presentes.

— É… Ele disse que estava *"se apaixonando"*...

— Ahm?! Com uma trepada rápida? Foge, amiga…. Foge.

— Não, Becca, foi sério. Vi nos olhos dele, estava sendo bastante sincero.

Rebecca revirou os olhos e jogou os braços para trás da nuca, encarando Lisa.

— Você também está apaixonadinha, né?

— Não, por incrível que pareça. Sei lá, ele mexe comigo, mas nesses dois meses consegui não pensar nele e isso me faz questionar o que de fato

rolou no quesito sentir.

— Então você precisa vê-lo! Se o seu coração disparar, a mão suar, aquelas coisas todas que você descreve nos romances acontecerem, pimba? É assim que você pode tirar a dúvida?

— Acho que sim!

— Vamos hoje ao Merci, sem falta.

— NÃO!

— Vamos sim, Lisa. Hoje, sem falta. Se você não estiver no Merci às 20h, eu vou na sua casa e te arrastarei até lá.

— Acho melhor não, Rebecca…

Rebecca pegou o telefone e ligou para Bia.

— Bia, está ocupada?

— *Não… estou fazendo compras com a Laila…*

— Ótimo! Iremos hoje ao Merci, 20h. Ok? Fale com Laila. Hoje é o dia de a Lisa saber se está ou não está caidinha pelo francês.

— *E a gente precisa ir lá para saber isso?!* – As gargalhadas ao fundo eram audíveis. Lisa se

enfureceu.

— Vocês não estão me levando a sério…

— Lisa está aqui choramingando. Mas tá combinado!

***

Olivier tinha devorado o livro de Lisa. Qualquer hora livre era dedicada à leitura, não que o gênero lhe agradasse, mas o fato de ter sido escrito por ela fazia toda a diferença. Alguns pensamentos dos personagens ele queria acreditar que eram verdades dela, sentimentos dela, e estava encantado com aquela criatividade, com a sensibilidade dada a alguns personagens do romance. *"Se ela for um pouco de cada personagem é uma mulher sensacional, melhor do que eu esperava!"*, pensava enquanto virava mais uma página.

Petit reclamava miando alto por não ser mais o centro das atenções em casa e até ameaçou destruir o livro. No Merci, Olivier lia no estoque, longe de todos. Já tinha sido pego em flagrante por Max, que agora ficava fazendo piadinhas dizendo que Oli

gostava de leitura de “mulherzinha”, ao que ele resolveu nem retrucar. Talvez por ser algo escrito por Lisa ele não estava nem um pouco preocupado com as brincadeiras, apenas ria junto com Max para evitar discutir sobre isso.

A hora de abrir o bar estava chegando. Ter um bar não era um mar de rosas, havia muito trabalho a ser feito, estocar caixas e mais caixas de bebidas, latas e vidros de conservas, trabalho pesado e bruto. Tinha descarregado bebidas, recontado o estoque e suado muito com tantas tarefas. Deixou a cargo de Max abrir e começar o turno enquanto correu em casa para se arrumar. Tomou um banho revigorante e caminhou para o Merci um pouco atrasado.

***

“Sabia que não ia dar em nada... Ele nem está aqui! E as meninas? Nada de chegarem...”. Lisa estava plantada do lado da porta do Merci, olhando para o relógio enquanto esfregava uma sapatilha na outra. Dessa vez foi caminhando e pretendia pegar um táxi na volta. Já passava das 20h e nada das amigas, nem da sua irmã. Tentou ligar para Laila,

mas ia direto para a caixa postal. *"Eu não vou ficar aqui sozinha!"*, sua mente gritava. Estava tentando ligar novamente para Laila quando sentiu uma mão em seu ombro. Quando ela se virou, ouviu "Lisa!?" e deu de cara com um largo sorriso. Olivier estava ali, quase bloqueando a passagem, parado à sua frente.

Falar que o universo parou seria o clichê dos clichês, algo que ela tentava evitar em seus romances, mas o fato é que sentia como se isso fosse possível naquele momento. Seu coração estava disparado sim, e as borboletas insistiam em tentar voo em seu estômago. Era real e ela não sabia o que fazer, apenas sorriu aceitando aquelas emoções e trancando em alguma parte de seu cérebro todas aquelas lembranças ruins de relacionamentos passados, usadas para comparar e evitar Oli. Aquele sorriso era um convite, ela precisava acreditar nisso, acreditar naquelas palavras ditas quase em sussurro no banheiro, crer que aquele olhar brilhante e concentrado só nela era um bilhete premiado. Precisava ter coragem e ceder.

Olivier, assim que teve o sorriso retribuído não se conteve e a abraçou forte, levantando-a do chão. Ele queria falar tanta coisa, mas nada vinha à sua mente. Abriu a porta do bar, enfiou a cabeça para dentro do recinto e gritou para Max.

— Segura o *mouvement* sozinho?

Max sorriu e balançou a cabeça afirmativamente, acenando com as mãos para ele se despedindo. Oli encarou Lisa novamente com um sorriso que não deixava em dúvida a felicidade por vê-la.

— Vamos?

Lisa não perguntou para onde, não vacilou, apenas aceitou o convite segurando a mão de Olivier com toda a força que podia. Se suas amigas aparecessem, que aproveitassem a noite! Ela iria com ele com certeza fosse para onde fosse. Atravessaram a rua correndo e caminharam pela calçada em passos rápidos. Em um piscar de olhos estavam no lar de Oli.

O apartamento era pequeno, mas bem projetado, lembrando um *loft* pelo conceito aberto, amplo. Lisa olhou à sua volta querendo captar cada

detalhe, as fotos nos porta-retratos, a rede na varanda, o poster enorme da Torre Eiffel na sala... Viu *Petit*, que estava no parapeito de uma janela olhando-a desconfiado. Ela sorriu para o gato, mas respeitou seu espaço. Quando pensou em dar um passo à frente, sentiu os braços de Olivier envolverem a sua cintura, virando-a para si e lhe dando um beijo quente, intenso. Qualquer pensamento foi esquecido. O beijo os uniu, fazendo com que um sentisse o coração do outro, com batidas fortes e rápidas. Oli a pegou nos braços, levando-a para sua cama. Ele a despiu com carinho, abrindo os botões da camisa de Lisa, depois puxando sua saia pelas pernas… ela deixou as sapatilhas caírem e terminou de tirar a camisa, ficando apenas de sutiã e calcinha, um conjunto branco com detalhes em renda e um pequeno strass no meio de um pequeno lacinho de cetim. Os olhos de Olivier demonstravam aprovar o que viam e ele tateou o corpo de Lisa contornando-o com os dedos, fazendo sua pele arrepiar.

— *Sexy*… – Olivier mordeu os lábios enquanto puxava a calcinha de Lisa, fazendo-a deslizar pelos

quadris. Ele a jogou para trás, olhou para *Petit* e apontou o dedo. – *Non, non, non, chat jaloux!*

Lisa se livrou do sutiã, tapando os seios nus com um dos braços. Oli segurou o braço com firmeza, mas sem aplicar força, tirando-o devagar, desnudando-a completamente.

— *Non* deve ter vergonha. Seu corpo é *délicieux.* – Oli puxou-a para si, salpicando beijos no pescoço de Lisa, descendo por seu colo e concentrando-se em seus seios. Ele estava ajoelhado na cama, com Lisa sobre seus joelhos e abraçando sua cintura com as pernas. Ela sentia a ereção de Oli quase rasgando o jeans, tentando avançar para sua vagina e tentou tirar a camiseta dele puxando-a para cima… Ele a segurou pela cintura facilitando a tarefa. Lisa apertou o peito de Olivier enquanto ele sugava um de seus seios, fazendo-a gemer de prazer. Oli a deitou e levantou em seguida para tirar o jeans, deixando-o cair no chão. *"Ele nunca usa cuecas?"*, Lisa pensou, encarando aquele pênis ereto e grosso, enquanto Olivier abria uma caixinha ao lado da cama e pegava um preservativo. Ele se

ajoelhou novamente na cama, abrindo a embalagem com os dentes. Lisa foi rápida e apressou-se à frente, envolvendo o pênis de Oli com sua boca, movimentando para cima e para baixo, arrancando gemidos de Oli. *"Non faz isso!"*, ele sussurrou, e ela olhou para ele, lambendo os lábios, *"Por que não? Eu quero..."!* As palavras saíram de supetão, entrecortadas pela respiração ofegante de Lisa, surpreendendo até ela mesma. Ela nunca tinha sentido vontade de dar prazer oral e, quando o fez, foi mais por conveniência, por ter sido pedido ou por retribuição. Era triste, era vergonhoso, mas era verdade. Agora, ali, ela realmente queria sentir o gosto de Olivier, fazê-lo sentir prazer. *"Que loucura!",* pensou. Oli estava gemendo, com uma das mãos repousada na cabeça de Lisa, mas não forçando-a para baixo, apenas acariciando sua nuca enquanto ela o lambia de cima a baixo. Quando ficou prestes a gozar pediu que ela parasse um pouco, arfando. Ela sorriu, limpando os lábios com a palma de uma das mãos…

— *À mon tour...* – Diante do olhar curioso de Lisa, Oli apressou-se em traduzir. – Minha vez…

Ele segurou seu membro, acariciando-o enquanto se inclinava vagarosamente, prolongando aquele momento com um sorriso safado e provocante, até se colocar de cara com a intimidade de Lisa. Molhou um dos dedos em sua boca e brincou com o clitóris, fazendo Lisa se remexer de tesão embaixo dele. Com as duas mãos segurou os quadris da parceira, erguendo-a um pouco enquanto literalmente caía de boca, sugando ternamente o clitóris de Lisa, o hálito quente provocando um formigamento gostoso que a fazia tremer. Ele estava a ponto de gozar, mas queria que ela atingisse o clímax antes, então continuou lambendo-a com cuidado, lembrando de como ela descrevia esse momento em seu romance. Lisa intensificou os gemidos à medida em que Oli a excitava mais e mais. Quando não estava mais se contendo de prazer pediu que ele parasse, mas ele não obedeceu, também intensificando os carinhos que fazia até Lisa gritar seu nome, o corpo em um tremor descontrolado de gozo. Lisa relaxou os músculos, lânguida, sorrindo e olhando nos olhos de Oli, que agora colocava o preservativo com

cuidado. Seu pênis estava latejando de tesão e ele sabia que teria que ser bastante cuidadoso para não gozar assim que a penetrasse. Ele se deitou com cuidado em cima do corpo de Lisa sem aplicar todo o peso, introduzindo seu pênis devagar, deixando-o escorregar lentamente, encaixando-se com perfeição em Lisa, que arfava em seu peito. *"D'accord?",* ele perguntou, ao que ela só sussurrou "*uh.uhmmm"*, pois todas aquelas sensações e formigamentos recomeçaram com os movimentos de Oli. Eles estavam unidos, atados, encaixados perfeitamente como se só aquilo fosse suficiente para viver. Olivier girou na cama puxando Lisa para si e colocando-a sentada em seu colo, ainda encaixados, e Lisa passou a se movimentar dando o ritmo que queria. Oli a alertou que estava atingindo o clímax e ela sorriu, ritmando ainda mais forte até sentir os tremores dele embaixo de si. Ele a girou novamente, colocando-a embaixo de si e mergulhando o rosto em seus cabelos, relaxado depois de ter atingido o orgasmo com ela.

***

— Você sumiu…

— Eu estava no Rio, voltei recentemente. Estarei aqui por mais três semanas. – Lisa se espreguiçou. Notou que o sol já tinha nascido e *Petit* estava aninhado perto de sua barriga. Olivier a abraçou, fazendo uma conchinha, enlaçando-a em seus braços fortes. *"Ele já está excitado ou é só a tal ereção matinal que os homens têm?"* – Lisa riu quando o pensamento passou por sua mente.

— O que foi?

— Nada… – Ela esfregou o corpo no pênis de Olivier, provocando-o. Oli gemeu.

— *Un plus?*

— Traduz?

— Mais uma? – Ele riu. A risada gostosa e quente perto do ouvido de Lisa foi como um revigorante. Ela estava excitada.

— Sim… – Lisa pegou a mão de Oli, lambeu um de seus dedos e a levou para sua vulva, fazendo-o penetrá-la. Ela gemeu, contorcendo-se.

Olivier puxou um preservativo de baixo do travesseiro… Lisa captou o momento furtivo e pegou o preservativo da mão de Oli, tomando a dianteira. *Petit* reclamou contrariado, saltando da cama para a cômoda com um miado choroso. Os dois riram. *"Ele gostou de você",* observou Oli. Ela sorriu enquanto tirava o preservativo da embalagem e o posicionava no pênis de Olivier, fazendo-o gemer e respirar profundamente. *"Vem!"*, ele a chamou segurando seus braços. Lisa assentiu se sentando nele e descendo lentamente enquanto o pênis lhe preenchia. *"Montez-le! Ride, Lisa!"* e ela riu com as palavras entrecortadas de Olivier. O prazer alterava os sentidos do francês, confundindo-lhe as palavras. Oli pedia que ela montasse mais e mais, até que ela novamente chegou ao ápice soltando um grito quase sem força, acompanhado de pequenos gemidos… Quando Oli percebeu que ela tinha acabado de gozar a deitou, invertendo a posição e investindo os movimentos com firmeza e urgência, gozando logo em seguida. Ele girou para o lado o corpo, as gotículas de suor brotando e escorrendo pelos bíceps, o rosto com um

sorriso que nada no mundo tiraria.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 8

Olivier recobrou os sentidos e virou-se para Lisa, apoiando a cabeça em uma das mãos enquanto a outra mão a puxava para mais perto de si.

— *Bonjour*...

— Você sempre acorda assim? – Lisa acariciava o peito de Oli enrolando alguns pêlos entre os dedos preguiçosamente… Tudo em Olivier a atraía, o peito másculo, com pêlos, os olhos de um azul cor de oceano, claro e cristalino, revelador de todos os seus sentimentos. Um corpo de homem maduro, que devia ter seus quarenta e poucos anos… Sua última experiência sexual tinha sido com um colega de faculdade que parecia mal ter saído da puberdade, sem pêlos, sem *punch* e sem a mínima noção de "dar prazer". Só mais um desastre em sua vida. Precisava saber a idade de Olivier, pensou curiosa.

— *Non*…, mas a companhia me causou uma mudança de *personnalité!*

— Ah, não… não, por favor. Quero te conhecer

como você realmente é.

— Ok... então vou lhe mostrar o verdadeiro Oli. – Ele desceu devagar a mão que estava na cintura de Lisa, caminhando os dedos em seu corpo até chegar à virilha. Lisa gemeu e sorriu, entendendo o que ele pretendia.

Olivier brincou com os lábios de Lisa dando pequenos beliscões sem aplicar força, apenas pressionando o bastante para provocar. Lisa puxou o rosto de Olivier, beijando-o e mordendo seu lábio inferior. Ele se colocou em cima dela pressionando entre as pernas para que ela as abrisse e Lisa escorregou uma mão para debaixo do travesseiro, achando ali várias camisinhas… *"Tem alguém com grandes expectativas por aqui..."*, Lisa observou segurando o riso, enquanto mostrava a mão lotada de preservativos. Oli sorriu maliciosamente. Lisa lhe entregou uma, deixando as outras caírem displicentemente de sua mão e se espalharem pela cama.

Outro miado de *Petit* foi ouvido e ambos olharam para a origem do som, dando de cara com um gato

preguiçoso lambendo preguiçosamente a pata na beirada da cama.

Oli jogou um travesseiro assustando *Petit* e Lisa o repreendeu ainda rindo. *"Não machuque o gato!"*, *"Ele é esperto!"*, Oli justificou, voltando a se concentrar no que eles estavam prestes a fazer.

Ele a penetrou vigorosamente enquanto brincava com seus mamilos, fazendo Lisa morder os lábios para não gritar… Com certeza o dia já tinha começado para boa parte do mundo, e ela não queria fazer escândalo. Dessa vez Olivier estava totalmente focado no prazer de Lisa, massageando seu clitóris enquanto a penetrava, atento às expressões dela, ritmando de acordo com o que ela indicava por gemidos e, assim, ambos atingiram o orgasmo novamente, unidos.

***

Quase 14h e Lisa ainda não havia levantado daquela cama. Olivier levantou, deu comida ao gato, preparou torradas francesas e um bom *macchiato*, levando-os para Lisa em uma bela bandeja de café da manhã com uma maçã e uma

margarida, desculpando-se por não ter mais flores na casa… *"Petit destrói",* justificou. Ele agora estava fazendo desenhos com os dedos na barriga dela, enquanto cantarolava uma música animada.

— Essa música, o que ela diz?

— É sobre uma pessoa que não quer riquezas, nem luxo, apenas amor, *bonne humeur*...

— Bom humor?

— *Oui!* Sim! – Ele sorriu.

— É gostosa de ouvir…

— Procure *Zaz*. *Je Veux*. Zaz é a cantora.

— *Je Veux* a música…? – Ela buscou confirmar, mas apenas para ouvir a voz dele. Aquele sotaque e aqueles atropelos na língua eram gostosos de ouvir.

— *Oui*...

— Procurarei. – Lisa se desvencilhou com carinho daqueles braços fortes e se levantou procurando suas peças de roupa pelo chão.

— Já vai? – Olivier fez um beicinho, que arrancou uma gargalhada de Lisa.

— Desculpa! Preciso de um banho.

— Tome aqui!

— Ok, mas ainda assim, preciso ir…

— *Porquoi!?* Tem um *Petit* pra dar comida?

— Não, infelizmente não…, mas você irá trabalhar à noite, precisa descansar, não?

— Prefiro continuar com você. – Oli se esticou na cama, chamando-a com um sinal com a mão. Lisa riu.

— Olivier, eu não vou fugir de você.

— *Vous jurez?*

Lisa beijou os dedos indicando que jurava, sim. Ela não queria fugir. Nunca mais. Olivier sorriu colocando as mãos atrás da nuca, despojado no meio da cama.

— Lisa, você me surpreende.

— Por quê?

— Sua amiga, Becca, me falou coisas de você. E então eu li seu último romance…E te reencontrei e cá estamos. Nada é como sua amiga disse, nem

como seu romance. Bem… às vezes foi… – Oli estava se enrolando e ficando vermelho, as palavras ficando difíceis para o que precisava expressar.

Lisa se sentou na beira da cama, olhando-o silenciosamente. Ela pigarreou.

— Nem eu sei quem sou… na verdade, não sei quem eu sou quando estou com você. O que Becca te disse sobre mim... tudo que ela te disse é verdade. Eu não tive boas experiências pessoais e usei os livros para viver outras vidas, outras "realidades" por assim dizer. – Lisa enfatizou as aspas com os dedos, fazendo Olivier sorrir. – E então apareceu você e aquela aposta, que agora nem sei se foi uma bênção ou uma maldição. – Ele franziu o cenho, ela corrigiu rapidamente a observação – Uma bênção. – Olivier tornou a sorrir. – Por mais que o fim tenha sido questionável o meio foi prazeroso, bom, um despertar para mim.

Olivier puxou Lisa para si, abraçando-a forte, sentindo o cheiro doce de seus cabelos. Estava feliz com aquela conversa… para ele não importavam mais os motivos daquela aposta porque ali, na sua

cama, ele tinha visto o prazer nos olhos de Lisa e também uma conexão que não tinha acontecido antes com nenhuma outra pessoa.

— Oli, eu acho que estou me apaixonando… – Lisa falou envergonhada, puxando o lençol para si como se quisesse se esconder sob ele. Olivier puxou o lençol de volta e a beijou ternamente.

— Isso é bom. – Ele sorriu olhando nos olhos dela.

— Agora… O banho! – Lisa se levantou, estendendo a mão para Oli, que aceitou o convite com prazer.

***

— Mana, onde você estava?! – Laila estava desesperada. Lisa tinha retornado a ligação da irmã após verificar que tinha “apenas” nove chamadas dela, quatro de Bia e duas de Becca. Também havia vários torpedos, mensagens que começaram com brincadeiras, rumaram para uma genuína preocupação e terminaram com alguns xingamentos.

— Eu estava com Olivier… – Ela respondeu, quase deixando a voz sumir.

— E não podia ligar e avisar?! Ficamos esperando você no Merci, preocupadas contigo!

— Eu realmente não tinha como ligar… – Lisa deixou escapar um riso baixo.

— Entendi… – Lisa podia apostar que Laila estava revirando os olhos. A irmã tinha sorte com relacionamentos, sempre com um namorado bonitão a tiracolo, mas eram namoros que a faziam cansar, desanimar e, invariavelmente, terminar. Laila era mais velha, quase na casa dos trinta, mas não queria admitir isso e tratava Lisa, com 28 anos, como se fosse ainda aquela adolescente espinhenta, de cabelo indomável e autoestima inexistente.

— Ah, Laila, não precisa se preocupar! – Lisa aliviou a conversa. – Oli foi super carinhoso comigo. Nós conversamos, quer dizer, mais ou menos. – Lisa riu. – Mas acho que estamos bem, no mesmo pé.

— Você ACHA que estão bem e ACHA que estão

no mesmo pé…? – Laila enfatizou as incertezas.

— Ok. Eu tenho CERTEZA de que estamos bem. Melhor assim?

— BEM melhor.

O papo caminhou para assuntos rotineiros como o interminável divórcio dos pais e o último namorado de Laila, já quase na linha de corte. Lisa perguntou por que ela não investia mais e tentava concessões, mas Laila não era esse tipo de pessoa. Com a irmã era oito ou oitenta, simples assim, não havia a menor chance de ceder, de tentar mais... se não estava bom, fim de papo.

Lisa suspirou e se despediu da irmã, foi para o quarto e se deitou, repassando na mente todos aqueles momentos íntimos com Oli. *"O que esse cara tem que me faz ser tão diferente a ponto de não me reconhecer?! Ele me liberta das amarras da minha mente, me faz querer coisas..."!* Lisa adormeceu com um sorriso no rosto.

***

Olivier apareceu no Merci às 18h, com os

preparativos para a noite já a todo vapor. Quando abriu a porta dos fundos se deparou com Max saindo do estoque com uma caixa de vodca. O amigo sorriu enquanto ia em direção ao balcão, mas Oli captou a sobrancelha arqueada, a expressão cheia de malícia. Max não ia se conter, não depois de seu sumiço. O francês suspirou fundo e se preparou para a conversa.

— Alguém teve uma noite mágica, pelo visto! – Max observou ainda rindo, enquanto continuava os afazeres.

— Uma noite, *un* dia… – Oli deu sequência alimentando Max com mais material para as implicâncias.

— E sobrou energia para tocar o balcão?! Hoje é sexta, cara. Dia de bar cheio e de muitos pedidos!

— Estou energizado! Renovado! *Content! Satisfait!* – Oli rodopiou em frente ao balcão, enrolando e chicoteando um pano de prato sobre as mesas, fazendo-o estalar.

Max pigarreou, olhando para um ponto atrás de Olivier, que se virou devagar, dando de cara com

uma Harmony de expressão triste, de lábios apertados segurando uma quantidade enorme de mágoa.

— Harmony! – Olivier exclamou, mas a DJ já tinha virado as costas e batido a porta dos fundos atrás dela, fazendo ressoar um estampido alto e surdo pelo bar vazio.

— *Putain l'enfer!* Ela estava aqui?!

— O tempo todo… – Max enxugava as mãos. – Cara, ela vai aprender a lidar com isso, tem que aprender…

— Eu não queria magoá-la.

— Essa escolha não é sua, Oli. Ela sente algo por você e você não correspondeu. Fim da história.

— Mas outro dia eu… – Olivier estancou, pegando um copo e enchendo na torneira de chope.

— Não vai me dizer que você deu uns pegas com a Harmony! – Max estava com os olhos arregalados aguardando uma resposta. Oli estava bebendo a cerveja e só levantou dois dedos para Max. – Duas vezes?! Quando foi isso?

Oli limpou com a palma da mão a espuma de chope que ficou nos lábios, soltou um arroto e depois se sentou em um dos bancos do balcão sem nada responder.

— Foi recente? – Max incentivou a conversa.

— Digamos que essa espera por Lisa me deixou com necessidades…

— Puta merda, Oli.

— Uma das vezes foi recente. A outra foi antes de Lisa.

— Cara, você deu esperanças à Harmony?

— *Non*! Nunca! Só foi sexo, mais nada. E nas duas vezes ela me seduziu, juro!

— Tanto faz quem seduziu quem… você é o chefe dela… – Max estava sério e com a expressão preocupada.

— Errei feio, né? – Oli não conseguia olhar nos olhos do amigo e de repente contar as bolhas no copo virou uma atividade...

— Bem… isso o tempo dirá. A Harmony é bem sensível, apesar daquele visual de espantar

desavisados.

— Ela é *sauvage*... – Oli estalou a língua depois de mais um gole de chope.

— “Selvagem”. E me poupe dos detalhes... – Max começou a limpar o balcão com o cenho franzido e a expressão bem fechada.

— Xi, Max… você e a Harmony…? – Olivier arqueou a sobrancelha, procurando os olhos do amigo a resposta que queria.

— Não, não tenho nenhum interesse nela. Minha preocupação é só como amigo mesmo.

— Ok, ok… – Olivier se levantou resignado, começando a se ocupar com o trabalho de abrir o bar. Não conseguiu captar dessa vez o que Max sentia, se era ciúmes ou preocupação.

Às vezes o jeito paternal de Max lhe deixava furioso, mas o compreendia. Max era como ele, sem uma família por perto, então criou sua própria família: Harmony, Speed e ele, Oli. Tinha certeza que Max os defenderia contra qualquer um, mas também não hesitaria em dizer verdades, mesmo

que fossem causar dor. Esse era Max.

Olivier olhou para a mesa de som e em seguida baixou os olhos envergonhado. Teria dado esperanças à Harmony? A última vez tinha sido desconcertante… Ele tinha sido um completo babaca e sabia disso. *"Merde!"*, deu de ombros e voltou ao trabalho, o Merci ia abrir independentemente daqueles problemas internos, se é que sua vida particular poderia ser considerada um problema de trabalho!

***

Noite de sexta-feira, Merci lotado, nenhum sinal de Harmony. Olivier colocou um CD para tocar e tentou contato com a banda que tocaria mais tarde para ver se conseguia adiantar o show, mas não conseguiu essa façanha, os músicos ainda estavam a caminho. Max estava ocupado demais no balcão e Speed mal respirava para dar conta de atender a todos os pedidos e fazer jus ao apelido.

Olivier levou as mãos à cabeça torcendo para que uma ideia brotasse, e rápido. Ele não era DJ, não sabia nada de scratches e remixes, e não podia tirar

os caras do balcão.

A porta do bar se abriu junto com o sorriso no rosto de Oli, quando viu Lisa chegar com Bia e Laila. Foi até elas indicando uma mesa vazia e dando um beijo rápido em Lisa.

— Hoje o movimento está infernal, *cher*. Não vou conseguir te dar a atenção que merece.

— Eu posso ajudar?

— *Non! Relax*... – Ele a abraçou e cumprimentou as moças na mesa.

— Sério… me diz o que está acontecendo... – Lisa sorriu para ele, incentivando-o a se abrir.

— Harmony. Ela ficou chateada mais cedo, saiu pelos fundos batendo a porta e não voltou. Estamos sem DJ e com o bar lotado.

— Um minuto! Acho que posso te ajudar... – Laila interveio com o dedo levantado, a outra mão já ocupada com o telefone. – Alô, Becca?! Temos uma missão para você. Já está chegando ao Merci?

Olivier as olhava sem entender. Lisa sorriu.

— A Becca já trabalhou como DJ. Deve estar meio

enferrujada, mas pelo menos sabe mexer nos equipamentos, isso se você não se importar...

— Me importar?! *Un miracle! Merci!* Obrigado!

— Ela deve estar chegando… – Laila concluiu já acenando para Rebecca, que acabava de entrar no bar e ia em direção à mesa.

— Então, bebidas *free* por esta noite. Se curtir meu som, combinamos um valor. E eu saio pra fumar nos fundos. – Becca estava com as mãos na cintura em uma postura determinada, enquanto esperava a resposta de Olivier.

— Fechado! – Oli estendeu a mão, mas Becca bateu nela e fechou o punho em seguida, esperando um soquinho… Ele riu e fez o cumprimento. Em poucos segundos a nova DJ já estava na cabine colocando os fones de ouvido e tocando um remix que fez a pista de dança encher.

— *Belles*, bebidas por minha conta! – Oli sorriu e voltou para o balcão, os ombros começando a relaxar.

— Harmony vai ficar uma fera… – Max observou.

– E a moça é boa! Tá deixando a plateia com sede!

– Ele apontou o olhar para Rebecca, que os olhava da cabine e acenava, piscando o olho e jogando um beijinho para Max.

— *Oui*, *mon ami*… acho que será a sua vez de *un bonjour*...

Max riu enquanto tentava manter o movimento do bar sob controle e ainda olhar para a nova DJ.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 9

As pessoas já estavam fazendo a caminhada de sábado no calçadão da praia quando o bar finalmente fechou. Rebecca e Max conversavam próximos ao balcão.

Lisa tinha se despedido de Olivier lá pelas três da manhã, já bocejando. Estava cansada e ele também, mas Oli não podia largar o bar. Lisa lhe deu um beijo quente ao se despedir e lhe entregou uma chave enrolada em um guardanapo. Ele a encarou sem entender.

— A chave é do meu apartamento. No guardanapo tem o endereço. Vou deixar avisado com o porteiro, ok?

— Mas e você, como vai entrar?!

— A portaria tem uma chave reserva. – Ela sorriu e piscou para ele, o coração disparado e a cabeça cheia de pensamentos que iam de *"Estou ficando louca, eu mal conheço esse cara!"* a *"Eu preciso vencer meus medos, arrancar esses freios... E se ele for o cara certo?"*. As questões permeavam a

consciência de Lisa. A ideia da chave foi de Bia.

— Ok, *cher*. Devo chegar lá bem cedo… Ou tarde... – Ele estava confuso, com as mãos indicando um "não sei".

— Você quer dizer que chegará pela manhã, né? – Ele concordou. – Te espero com um café pronto bem brasileiro, ok? – Ele sorriu, beijando-a novamente.

Agora Olivier estava em dúvida se ia primeiro em casa e tomava um bom banho ou se ia direto para a casa de Lisa. Pegou a chave no bolso e olhou para ela, sorrindo. Max passou pelo francês e lhe deu um tapinha nas costas.

— Está parecendo um adolescente apaixonado, Olivier…

— Você não parece muito diferente disso, *mon ami*… A DJ nova te pegou de jeito, não?

— Se tivesse realmente acontecido isso eu não estaria aqui, estaria? – Max piscou para Olivier tentando desconversar, mas o sorriso era largo em seus lábios, largo demais para esconder que ele

tinha sim se interessado muito por Rebecca.

— Você está aqui porque é um cara viciado em trabalho, só isso. Ela vai dar um jeito em você.

— Será?

Max foi para o estoque e, enquanto Olivier se decidia entre ir para casa ou direto para o apartamento de Lisa, um barulho enorme veio dos fundos do bar assustando a todos.

Ele, Max e Speed correram para a porta abrindo-a com força, fazendo ainda mais barulho. Lá fora, próxima da caçamba de lixo, estava Harmony visivelmente bêbada, com as roupas rasgadas e alguns hematomas pelo corpo.

— *Mon Dieu*, Harmony! O que aconteceu com você?

Ela começou a chorar convulsivamente e não conseguia responder. Speed a pegou no colo e a levou para o interior do bar, enquanto Max enchia um copo d'água e colocava um pouco de açúcar, uma tentativa de tranquilizá-la para que falasse. Olivier foi ao estoque pegar a caixinha de primeiros

socorros. Quando chegou perto dela, ela espalmou a mão, afastando-o.

— Não!

Ele ficou impassível e respirou fundo, puxando uma cadeira para se sentar.

— Não, Oli… – Ela deu um gole na água, suspirou e continuou. – Não que… que-ro que lim...pe, não po-podemos. – As palavras saíam entrecortadas, com dificuldade.

— Harmony, quem te machucou? – Max foi incisivo.

— Um… um c-cara qualq-qualquer… Não con-conhecia. – Ela passou a mão nos lábios e viu que estavam molhados de água e sangue. Chorou mais um pouco.

— *Merde! Merde!* – Olivier se levantou derrubando a cadeira, assustando a todos.

— Não f-foi sua culp-a. – Harmony olhava para ele.

— Precisamos levá-la ao hospital… – Speed disse. – Ou precisa ir primeiro à polícia, Harmony?

PERIGOSAS NACIONAIS

— N-não cha...mem a pol-polícia… – Ela fez sinal para que a deixassem terminar de falar, porque os três bufaram. – A-aqui. Não aqui. V-vai ser ruim… P-pro bar. – Finalizou, exaurida.

— Foda-se o bar! – Oli falou entre os dentes. – Você está toda machucada!

— Oli… – Max refletiu. – Ela tem razão. Mas não podemos ficar aqui pensando demais. Vamos à Delegacia da Mulher, não é muito longe daqui.

Max apoiou Harmony em seu ombro enquanto Speed foi pegar o carro e posicioná-lo perto da saída dos fundos. Olivier pegou uma toalha de mesa limpa no estoque e deu à Harmony. Ela se enrolou no tecido enquanto caminhava para fora do Merci e entrava no carro. Speed dirigia, com Max apoiando Harmony no banco de trás e Olivier no banco do carona, o corpo virado para trás encarando a DJ, preocupado.

— Olivier, p-para de me encarar! – Harmony estava se recuperando, a voz já estava mais firme. – Você não fez n-nada!

PERIGOSAS ACHERON

— Eu te deixei magoada.

— E eu… E-Eu não soube lidar com isso e… E fiz besteira!

— De forma alguma, garota! – Max vociferou. – Você não é a culpada disso, não!

Harmony fungou, abaixando a cabeça, o cansaço ainda presente.

— *Cher*, você não escolheu se machucar, escolheu?

— Não…

— Pois então. Você é uma vítima. E nós iremos te apoiar. – Resumiu Max, abraçando-a com cuidado.

***

A situação foi bem encaminhada na delegacia especializada. A delegada ouviu Harmony, anotou todas as informações que julgou importantes, depois a levou para os exames necessários.

A DJ relatou que tinha saído do Merci à tarde e pilotado a moto sem rumo, indo parar em um local desconhecido para ela, onde achou um bar e

começou a beber sem controle. Um homem a abordou, pagou mais algumas bebidas e ela acabou se sentindo mal. Depois disso não se lembrava de mais nada, somente que acordou no meio de um terreno baldio naquele estado e sem sinal de sua moto. Achou sua bolsa revirada próxima de onde a tinham deixado. Levaram o telefone, algum dinheiro da carteira, mas deixaram documentos e um cartão de crédito. Ela conseguiu que um táxi a levasse ao Merci pagando com o cartão de crédito… Max acompanhou todos os procedimentos. Harmony estava mais calma, mas uma nuvem de tristeza nublava seus olhos e aquilo apertava o coração de Olivier. Ele se sentia culpado pelo acontecido.

— Ela está tomando os medicamentos antirretrovirais para impedir uma contaminação pelo vírus da AIDS, foi o que o médico explicou... E a pílula do dia seguinte. – Explicou Max quando apareceu no corredor, encontrando Olivier encostado na parede, taciturno.

— Ela está bem?

— Na medida do possível, sim.

— Mandei Speed para casa para descansar e chegar um pouco mais cedo, assim ele abre o bar.

— Mandou bem.

— Max, eu sou culpado…

— Não é, Olivier. As coisas aconteceram como aconteceram. O único culpado aqui é o canalha que se aproveitou dela.

Olivier deu de ombros e se levantou, pôs as mãos nos bolsos e tateou algo… A chave! *"Putain!"*, com tudo que tinha acontecido ele tinha esquecido do combinado com Lisa e nem ligou avisando nada!

***

Lisa acordou às 9h. Sabia que não tinha dormido o suficiente, mas estava bem disposta e queria preparar um delicioso café bem brasileiro para Olivier. Desceu rapidamente em direção à padaria e de lá voltou com queijo branco, suco de laranja e pão de queijo. Preparou uma mesa farta, complementando com coisas que Laila tinha

abastecido em sua geladeira e despensa. Preparou café forte para ela. Deixaria para passar um café fresquinho assim que Oli chegasse. Mas ele não chegava.

Tomou um banho, colocou correspondências em dia, leu e-mails e o *clipping* de notícias sobre o livro, passou o olho nas redes sociais – administradas por Laila e Vicente – e fez ligações para a família. Tentou preencher o tempo o máximo possível para não ter que pensar no sumiço do francês porque sabia que isso a encheria de preocupações carregadas de insegurança e ela não precisava disso agora. Acabou adormecendo e acordando sobressaltada no fim da tarde, ainda sem sinal de Olivier. *"Aconteceu alguma coisa, não é possível!"*, ela pensou, enquanto tentava ligar para o Merci e ninguém atendia. Nada. Lisa não tinha o telefone de Oli, *"Como não pensei nisso!?"*, sentia o peso da inexperiência com relacionamentos reais se aliar ao sentimento de insegurança que lhe era bastante familiar. *"Será que ele desistiu de vir? E se foi isso, qual seria o motivo? Preciso parar de pensar!"*.

Em uma tentativa de calar as perguntas em sua mente, resolveu pedalar. A bicicleta era mais que um meio de transporte, era um veículo de fuga, principalmente das armadilhas de sua própria mente. Tirou a bicicleta da trava de segurança e respirou fundo, mais para avisar à angústia que teimava em crescer no seu íntimo de que ela não teria mais espaço por ali. Ia pedalar, deixar o vento bater no corpo e espairecer, antes que recomeçasse com todas aquelas questões negativas que já queriam se apossar de sua mente.

***

Olivier estava angustiado. Não queria deixar Harmony ali no hospital, mas também precisava avisar à Lisa o que tinha acontecido, só não tinha como fazê-lo. Praguejava em francês e português cada vez que lembrava do fato de não ter anotado o número do telefone de Lisa. De que adiantava tanta tecnologia à disposição se as emoções nublavam as coisas mais simples, como anotar um número? Andava de um lado para o outro no corredor do hospital, enquanto Max acompanhava Harmony no

pequeno quarto de enfermaria.

Oli tamborilava os dedos nas têmporas tentando racionalizar a situação. *"Ela deve estar chateada comigo... Mas tenho explicação, ela vai entender. Sei que vai entender"*, repetia para si mesmo enquanto buscava um coelho naquela cartola cheia de pensamentos bagunçados. Subitamente, um estalo. Entrou no seu serviço de e-mail e procurou nos rascunhos o e-mail que um dia pensou em enviar para Lisa. Era uma tentativa.

Começou a redigir uma mensagem tentando explicar a situação sem expor Harmony, pois ainda não sabia se ela falaria abertamente sobre o fato com qualquer pessoa. Resolveu que escreveria sobre um pequeno problema no bar, uma mentirinha que não faria mal a ninguém… estava quase finalizando a mensagem quando notou Harmony se aproximar em uma cadeira de rodas, empurrada por um homem forte vestido de azul – que pelas regras de cores do hospital devia ser um enfermeiro. Max seguia calado ao lado da DJ, segurando a bolsa e uma sacola com alguns

acessórios dela. Harmony estava com algumas suturas e agora os hematomas eram mais visíveis. Um belo soco no olho era o que parecia que ela tinha levado. Olivier respirou forte para segurar a raiva que sentiu ao ver o estado da DJ. *"Que merda de homem faz uma coisa dessas?!"*. A indignação era grande.

— Você está *bien?*

— Estou. Fui medicada, suturada...

— Eu vou levá-la em casa, Oli. – Max apertou o ombro de Olivier tentando tranquilizá-lo, sem muito sucesso.

— Não! Deixe que eu levo… – O francês quase empurrou o enfermeiro, assumindo a direção da cadeira de rodas. A culpa ainda o atormentava, apesar da conversa com Max.

— Não precisa, Oli. Vá para o Merci… São 16h agora, já, já chega o fornecedor das folhas e dos queijos, e o pessoal da cozinha sempre se enrola com isso.

— Ok, Max. Você vai ficar bem? – Olivier

começou a se afastar encabulado, olhando para Harmony.

— Sim, eu vou ficar. – A resposta da DJ foi firme, mas seus olhos não diziam isso.

***

Lisa voltava da pedalada com o corpo suado, mas a mente ainda inquieta. Menos de 2km de passeio foi suficiente para que a escritora entendesse que seu cérebro não conseguia parar de tentar processar o sumiço do francês.

Parou em uma sorveteria, pediu um sorvete de pistache e percebeu os olhares de canto de olho com os quais já estava acostumada. Sentou-se na varanda da sorveteria olhando a praia do outro lado da avenida, com o calçadão cheio. Era um belo cartão postal aquela paisagem, mas também daria um ótimo cartão postal a preta com sorvete de pistache na varanda da sorveteria chique. Riu do pensamento e arqueou a sobrancelha para a senhorinha que a olhava vigilante, apenas para fazê-la enrubescer e sair de perto. Sim, sabia lidar com aquele preconceito, ao menos isso. Esperava

que em um futuro não muito distante a sua presença em lugares chiques e caros não provocasse tamanha surpresa e riu por ter pensado em uma reação relativamente positiva. Surpresa era o mínimo. Geralmente a presença chocava, mesmo. Isso só não a abalava mais. A insegurança que ainda vivia dentro dela estava reservada apenas aos relacionamentos íntimos, aos laços que sempre tentou evitar.

"O que terá acontecido com Oli?", a preocupação não a deixava relaxar. Terminou o sorvete e resolveu passar no Merci para tentar obter informações, ao menos para parar de pensar mil e uma possibilidades. Lisa parou nos fundos do bar, trancou a bicicleta junto à caçamba de lixo e deu de cara com Speed saindo com dois sacos volumosos.

— Ei! – Speed quase soltou os sacos de lixo, assustado. Lisa sorriu.

— Ei Speed, desculpa o susto… tem notícias de Olivier?

— Ah, ele deve estar no hospital ainda…

O rosto de Lisa ficou lívido. A preocupação tinha

fundamento.

— Calma! Não foi nada com ele… foi com a Harmony. – Speed estava encabulado, não sabia se devia contar o que tinha acontecido, mas também não sabia o que dizer para aquela moça aflita que o olhava suplicando mais informações.

— O que houve com ela? – Insistiu Lisa.

— Olha… acho melhor você saber com o Oli… – O bartender já ia se virando, pronto pra entrar e abandonar aquela conversa constrangedora.

— Você poderia me dar o número de Olivier?! Espera um momento! – A porta se fechou e Lisa ficou ali, parada e ansiosa. Não tinha ideia do que tinha acontecido, não sabia se Speed voltaria com o número, mas sua mente fervia com possibilidades, das mais criativas.

Quando a porta se abriu novamente, Lisa não teve nem tempo de respirar. Era Olivier, que a puxou para si.

— *Content* que você está aqui! – Ele a apertou em seus braços.

— O bartender falou que algo aconteceu com a Harmony, que vocês estavam no hospital…

— Esquece isso! – Olivier não queria tocar no assunto. – Estou aqui.

— Não quer falar?

— Prefiro assim, não se ofenda...

Lisa ficou magoada, mas não quis demonstrar. Ok, eles mal se conheciam, mas não entendia o motivo para que não soubesse o acontecido.

— Vamos entrar? – Olivier segurava a porta.

— Preciso ir… – Mentiu Lisa. Ela não tinha nada melhor para fazer, mas não queria ficar ali, não agora. Ainda precisava digerir aquela situação, compreender que Oli ainda não confiava nela o suficiente para falar de assuntos que pareciam sérios.

— Te vejo mais tarde?

— Não sei. Acho que ficarei em casa, ainda estou com sono acumulado… – Ela se espreguiçou e bocejou, reforçando a mentira.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Posso ficar com sua chave? – Oli segurou as mãos de Lisa. Ela titubeou diante da pergunta. Tinha dado um passo muito maior do que ele estava disposto a dar. – Posso? – Ele insistiu.

— Sim. Tudo bem.

— Preciso do número de sua amiga, a DJ…

— Rebecca?

— *Oui*, preciso dela esta noite. Harmony não poderá tocar.

A curiosidade de Lisa aguçou, gritou em seu íntimo, mas ela segurou firme e não insistiu no assunto. Algo lhe dizia que tentar saber o que houve seria improdutivo. Pegou o telefone.

— Me passa seu número? – Ela se lembrou de pedir.

Olivier pegou o telefone dela e discou o próprio número, clicando em discar. O telefone dele vibrou no bolso do jeans.

— *Là!* Agora temos como nos avisar qualquer *problème*.

"Hmmm... Então foi um problema com a PERIGOSAS ACHERON

Harmony...” e a mente de Lisa criava mais mil possibilidades. Ela ditou o número de Rebecca e Olivier discou… Assim que a amiga o atendeu, Lisa lhe deu um beijo no rosto, se despediu e pedalou de volta para casa com muitos pensamentos lhe fervilhando a mente.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 10

Lisa estava confusa, mas preferiu se ocupar a ficar pensando no que poderia ou não poderia ter acontecido. Era perda de tempo e só iria desanimá-la, como sempre. Ligou a TV e tentou se entreter com um filme, ignorou a ligação de Laila porque não estava querendo papo, muito menos tentar explicar o que ela não sabia explicar. Quando o filme terminou e ficou sem ter o que fazer, resolveu tomar um banho quente e demorado. Encheu a hidromassagem – Um luxo que ela inicialmente não pensava em ter, mas agora agradecia a ideia da irmã – colocou sais de banho, agitando a água para os sais provocarem a efervescência mais rápido. Entrou na banheira devagar, acostumando-se aos poucos com a temperatura da água.

A sensação dos sais explodindo aos poucos e atingindo a pele, combinada com a temperatura do banho, era maravilhosa. Lisa riu ao olhar em volta. Ela sempre se deslumbrava com detalhes do apartamento decorado por Laila com os grandes e

pequenos luxos que agora podia usufruir. Nem sempre foi fácil. Lembrou-se dos momentos após as aulas de educação física, quando tinha que dividir os chuveiros do banheiro feminino da escola e invariavelmente ouvia gracinhas das outras alunas. Não tinha amigos naquele lugar. Seus pais batalharam para que ela e Laila tivessem a melhor educação e isso significava serem peixes fora d'água. Laila enfrentava tudo de uma maneira singular. A irmã conseguiu se tornar popular na escola a ponto de ninguém ter coragem de falar qualquer coisa reprovável sobre ela ou para ela. Também não o faziam com Lisa, se Laila estivesse por perto. O problema é que a irmã nem sempre esteve por perto. A diferença de idade era um fator crucial. Laila foi para a faculdade mais cedo, e os últimos anos na escola foram terríveis.

As lembranças a fizeram chorar. Lavou o rosto com a água do banho e, não sendo suficiente, submergiu na banheira, derramando um pouco de água no piso do banheiro. *"Droga!"*. Saiu do banho e se pôs a enxugar o chão. *"Ao menos isso ocupa a minha mente e meu tempo..."*, resignou-se. Colocou uma

camiseta velha… Presente do pai que adotou como pijama quando não podia mais sair com ela. Tinha apego às boas lembranças. O pai sempre fez de tudo para que as filhas tivessem orgulho do que eram, só era muito difícil alimentar essa autoestima diariamente. Sempre foi difícil. Os olhares tortos, a sensação recorrente de não pertencer àqueles espaços tão comuns: escola, cinema, condomínio... com a toalha enrolada na cabeça e os olhos marejados pelas lembranças dolorosas, Lisa se pôs à cozinha e fez pipoca. *"A noite vai ser longa"*. Sempre era, quando a sensação de solidão voltava e parecia tão familiar.

Enquanto salpicava queijo no balde gigantesco de pipocas, olhou dentro da geladeira. *"Boa, Laila!"*, tinha um *pack* de cervejas. A irmã sempre pensava em tudo! Sentou no sofá já pensando em um próximo filme para assistir, mas captou de relance a tela do telefone acesa. Era uma mensagem de Olivier.

"Cher, está ótimo aqui. Sua amiga está arrebentando!".

Leu a mensagem com desdenho, mexendo os lábios quase como uma careta. *"E daí? Deve estar ótimo mesmo, você com seus segredinhos..."*. Emburrou por pouco tempo, o bastante para perceber que estava superestimando o que tinha com Olivier e se dar conta disso foi motivo de alerta. Não podia baixar a guarda tão facilmente, não diante de um francês que mal conhecia e que provavelmente estava encantado com a "preta exótica", o velho estereótipo do gringo que fica de quatro pela "mulata", sempre associada ao prazer, ao sexo, nunca aos sentimentos… Não, Oli não era assim. Ou era?

A avalanche de pensamentos confusos a fez olhar para o balde de pipocas e querer enfiar a cabeça dentro dele. Não queria ficar pensando mais do que o necessário! Olhou o relógio, 23h40. É, seria uma longa noite…

***

Olivier olhava para o telefone de tempos em tempos, curtos o bastante para nem apagar a luz da tela. *"Ela não vai me responder... será que ainda*

está dormindo?”. Ele tinha optado por não ligar, pois não queria acordá-la. Mas esperava que ela acordasse para beber água, ou ir ao banheiro, e checasse as mensagens. Enviou uma mensagem para Harmony.

“Você está bem?”.

Menos de um minuto e a resposta veio. *“Sim, ainda não consegui dormir, mas uma amiga veio ficar comigo. E o bar?”*.

“Não se preocupe com o Merci. Preocupe-se em melhorar logo e voltar”, Oli respondeu rapidamente, aliviado porque a DJ não estava só. Harmony respondeu com um emoticon de beijinho, com um coraçãozinho saindo do beijo. Dessa vez Olivier não respondeu. Tinha aprendido a lição e ia seguir o conselho de Max, não alimentar esperanças. Checou novamente a caixa de mensagens. Nada de Lisa.

Rebecca estava fazendo um *set* arrasador, colocando todo mundo para suar na pista. O movimento era intenso no bar. Logo, logo, seria necessário mais um bartender, além de um reforço

na cozinha. Olivier bocejou, estava cansado, virado depois do incidente trágico de hoje. Ele não entrou em detalhes com Harmony, mas estava claro que ela tinha sido vítima de um estupro. Ficou aliviado de ela ter uma amiga com ela, pois não saberia como abordar a situação. Sabia que ela precisaria de ajuda, mas não sabia como ajudá-la. Despertou dos pensamentos quando Max o chamou.

— Cara, as coisas estão sob controle, se você puder ficar um pouco no bar, eu preciso dormir… estou quase cometendo erros por aqui.

— *Allez!* Pode deixar comigo.

Olivier assumiu o comando do balcão enquanto Max tirava o avental e saía pelos fundos visivelmente esgotado. Oli reconhecia o valor de Max e o quanto ele tinha sido protetor com Harmony. *"Tenho uma boa equipe".*

O movimento foi ficando fraco lá pelas quatro da manhã, quando Rebecca colocou um set mais calmo, fazendo as pessoas começarem a pensar em suas camas macias. Ela foi ao balcão, pegou um copo de chope com Speed e se dirigiu a Oli.

— Cadê o outro bartender, o fortão?

— Max?! – Oli sorriu.

— Isso, Max… já foi?

— *Oui*… Ele estava virado…

— *Oui*… – Rebecca o imitou, sorrindo. – Que pena…

Olivier riu.

— Bem, movimento está quase no fim, né? – Rebecca olhou no relógio. 5h.

— Sim… mais uma meia hora e acho que consigo encerrar por hoje.

— Então vou tocar algo bem *chill*, pra galera se animar em ir embora. – Rebecca riu. – Você precisa dormir, tá escrito na sua cara.

Oli bocejou e concordou com a cabeça. Estava realmente cansado. Quando fechou o último cadeado do bar o relógio já marcava sete horas e o sol já estava ali presente. Estava novamente no impasse, não sabia se ia para casa ou se finalmente usava aquela chave e ia para a casa de Lisa. Estava com saudades dela, do cheiro dela, mas seria uma

péssima companhia. Estava um bagaço e provavelmente iria roncar assim que apagasse. Pegou uma moeda no bolso pensando em jogar pra cima e decidir na sorte, mas, ainda assim, não achava justo com Lisa. Acabou pegando o caminho de casa, jogando-se na cama e quase esmagando *Petit*, que miou alto e revoltado.

***

Lisa acordou muito cedo e já foi checando as mensagens em busca de qualquer notícia de Olivier. A decepção logo voltou a assombrar sua mente quando viu que não tinha nada de Olivier na caixa postal. Rolou na cama e abraçou um travesseiro, pensando se devia procurá-lo e tentar novamente conversar sobre os acontecimentos de ontem.

O grande problema é que sua mente parecia bifurcada, trabalhando contra e a favor de suas vontades. Enquanto se decidia o bip do telefone acusou o recebimento de uma mensagem. A expectativa alta a fez pegar o telefone afoita. "*Tem que ser ele!*". Os ombros caíram junto com sua

expectativa, era uma mensagem de Becca. *"Estou no Merci, ainda. Tava lotado hoje. Faltou você. Seu francês está com a cara de quem não dorme há dias. Coitado!".* A decepção amargou seu humor.

"E daí?" Lisa estava chateada, com uma pulga atrás da orelha… *"Por que ele não se abriu comigo? O que está acontecendo? Qual a relação dele com a Harmony?".* As perguntas vinham aos borbotões e ela não tinha as respostas. Cansou de esperar notícias de Olivier, esperar que ele aparecesse de surpresa para protagonizar uma cena romântica digna de seus livros. Estava fantasiando sentimentos, era isso. Precisava voltar ao seu posto de mulher solitária, de negra solitária. Aquelas cenas românticas não faziam parte de sua vida, não era assim? Não era isso que se via nos filmes, novelas e seriados? Ela não era digna do posto de protagonista. Estava fadada a viver os romances dos livros, porque neles não caracterizava as personagens, somente seus sentimentos…, mas todas eram ela. Suas heroínas, seus alteregos, um refúgio para toda aquela solidão. Limpou as lágrimas, lembrando das palavras do pai. *"Você é*

linda, você é especial, você é forte!”. Precisava ser. Agarrou-se ao guidão da bicicleta fazendo os nós dos dedos clarearem com a pressão que exercia. Ia pedalar e parar de pensar, era o que sabia fazer quando a mente pesava.

***

Olivier dormiu quase dez horas seguidas, acordando somente porque seu estômago não estava roncando, estava berrando de fome. Lembrou-se de que no dia anterior praticamente não comeu e agora passava das cinco da tarde e não teria qualquer restaurante servindo almoço à essa hora. *Petit* tinha achado um rolo de papel higiênico no armário do banheiro – ele deve ter esquecido aberto no estado zumbi em que estava ontem – e tinha feito uma verdadeira bagunça no *loft.* Oli soltou alguns xingamentos franceses, mas deixou a bagunça para arrumar depois. Precisava se alimentar, não sem antes tomar um bom banho. Se tinha um hábito que ele adotou assim que chegou ao Brasil foi esse, o do banho diário. Achava os brasileiros cheirosos, limpos, sempre bem

perfumados por prazer e não para esconder uma falta de higiene. Tinham dentes bem tratados que deixavam os sorrisos sempre interessantes. Era um povo bonito, na visão de Olivier.

Correu para o banheiro tropeçando nas pequenas moitas de papel que *Petit* fizera. Tomou uma ducha rápida, lavou os cabelos, se barbeou rapidamente, quase se cortando. Olhou no espelho, agora estava ao menos apresentável. Colocou uma roupa simples – bermuda e camiseta, chinelos – e desceu as escadas do prédio com a missão de achar qualquer estabelecimento aberto que pudesse aplacar sua fome. Era o instinto primitivo falando mais alto.

Depois de andar duas quadras Olivier achou uma padaria. Pediu o maior sanduíche do cardápio e um copo grande de *milk-shake* de baunilha. Quando o pedido veio deu logo uma mordida enorme, esburrando maionese para os lados e fazendo uma verdadeira lambança. Enquanto tentava mastigar e limpar a bagunça, viu Lisa passar com sua bicicleta na rua em frente à varanda da padaria. Quis gritar, chamá-la, mas estava com a boca cheia e um

atendente da padaria estava vindo em seu socorro com um pano e alguns guardanapos extras. *"Que diable!"*.

A visão de Lisa pedalando displicente a bicicleta verde *piscine*, com um fone de ouvido branco e os cabelos presos em um belo lenço estampado… Aquela pequena visão em uma fração de segundos, aquele vislumbre etéreo o acompanhou enquanto terminava de "almoçar". Satisfeito, foi ao balcão e pediu duas tartelettes cheias de morango e pediu para embalar as sobremesas cuidadosamente.

***

Lisa passou o dia na rua. Pedalar lhe abreviava as escolhas, era virar para esquerda, direita, ou seguir em frente, nada mais. Fincou os pés na areia da praia depois do pedal, apreciando a vista e os banhistas aproveitando o sol. Lamentou não ter colocado um biquíni, mas não sabia que ia acabar ali na beira da praia, apesar de sempre ser o seu destino final na maioria das vezes em que precisava abandonar os velhos pensamentos amargos. O mar alivia qualquer dor.

Ligou para a irmã e Laila a encontrou na sorveteria, a mesma em que tinha ido no dia anterior. Dividiram um sundae enquanto Laila informava coisas corriqueiras da rotina de administrar a vida da mana: o que faltava na geladeira, quais contas ainda precisavam ser pagas etc. Bia as encontrou logo em seguida e as três pedalaram para um pátio cheio de lojinhas e restaurantes. Almoçaram por ali mesmo, conversando e tomando café. Quando o restaurante anunciou que ia fechar as amigas aproveitaram para fazer algumas compras no mercadinho de frutas e verduras ao lado. Às cinco, elas se despediram e Lisa pedalou para casa voltando a ficar pensativa... o domingo estava quase no fim e nem sinal de Oli.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 11

Lisa chegou em casa e foi direto para o chuveiro. Estava cansada, suada e desanimada. Enquanto tomava o banho, com o som ligado e tocando um jazz sofrido que estava mais piorando seu *mood* do que ajudando a relaxar, ela ouviu um barulho na sala. Desligou o chuveiro assustada e pegou o escovão que ficava ali para limpar as costas. Não tinha nada melhor para usar como "arma" então aquilo teria que servir. A respiração estava rápida e em compasso com as batidas do seu coração, o corpo todo em estado de alerta. *"Que merda. O que vou fazer se for alguém invadindo?"*, Lisa apertava o cabo do escovão com as duas mãos, aflita. Deixou o box meio aberto, lembrou de se enrolar na toalha e esperou. O coração quase saiu da boca quando viu a porta do banheiro começar a abrir. Preparou-se, os dedos das mãos ficando com os nós brancos, tamanha a força que fazia ao segurar a arma improvisada. Quando estava prestes a atacar ouviu um *"Lisa?"* que a desarmou por completo.

— Puta merda, Olivier! – Lisa encostou no azulejo frio do box, uma mão segurando a toalha e protegendo o coração em frenesi.

— *Quoi?* Você ia me atacar com isso?! – Oli apontou para o escovão dando uma gargalhada. – E você xinga… interessante…

Olivier parou em frente à porta do box, olhando para ela, encantado. Ela era linda de qualquer jeito, até com medo ou com raiva, ele ainda não conseguia definir qual sentimento a expressão de Lisa comunicava.

— Posso terminar meu banho? – Lisa perguntou, levando a mão à porta do box para fechá-lo.

— Posso te acompanhar nesse banho? – Oli estava se divertindo, mas também testando o terreno.

— Estou quase acabando… – Ela justificou. A verdade é que não queria que ele anuviasse a mente dela com sexo. Queria ter uma conversa e entender o que aconteceu nos últimos dois dias.

— Ok. Trouxe *un dessert*, uma sobremesa para você.

— Obrigada, já saio daqui. Me espere na sala.

"Está acontecendo alguma coisa…", Oli pensou enquanto ia para a sala coçando a cabeça. Lisa estava estranha, *sec.* Ele estava confuso.

Enquanto se enxugava e abria o closet para escolher uma roupa, Lisa enchia a cabeça com diálogos fictícios… ela nunca havia tido uma conversa íntima com um cara, nunca tinha tido um relacionamento de verdade para ter uma referência do que fazer. A realidade a estava assombrando e ela não tinha como recorrer aos seus romances, pois suas heroínas não passavam por aquele tipo de situação, eram seguras de si, uma característica que gostaria de ter e por isso a projetou nelas. Ela deu a chave de casa para um cara que ainda lhe era estranho e que agora a esperava na sala. Praguejou se olhando no espelho e logo trocou as palavras duras pelo mantra do pai. *"Você é forte!"*. Respirou fundo, colocou um vestido e enrolou a toalha na cabeça, daria um jeito nos cabelos depois.

— Oi… – Lisa parou no meio da sala e observou Olivier olhando em volta.

— Seu apartamento é muito bonito. E grande.

— Sim…

— Tudo bem? Te trouxe tartelette. Os daqui são melhores que os franceses, eu acho.

Lisa olhou para a mesa, as sobremesas estavam lá, lindas, com morangos vermelhos e frescos.

— Eu não sei se está tudo bem, Oli. Eu te dei a chave… – Ela não sabia como continuar. Suspirou.

— Sente-se aqui, *s'il vous plaît*. – Olivier indicou o sofá, sentando-se logo em seguida. Lisa o acompanhou.

— Eu ia vir, *jure à Dieu*, mas aconteceu algo…

— ...com a Harmony. – Lisa completou.

— Sim. Algo bastante *grave*. Só não te conto os detalhes porque não sei se ela se *sentirait à volonté.*

— Traduz. – Lisa ainda estava cética.

— Sentirá à vontade. É algo pessoal dela. – Olivier encostou a nuca nas almofadas depois de escorregar no sofá.

— E isso tem a ver com você? – Lisa mordia o canto da unha do dedo mindinho, torcendo para que a resposta fosse não.

— De certa forma, sim. – A pontada de culpa doeu no peito de Oli. – Calma! – Ele exclamou assim que percebeu a expressão fechada no rosto de Lisa. – *Non* é como você pensa!

— Você não sabe o que eu estou pensando...

Olivier não sabia o que fazer, mas sentia que a confiança de Lisa estava em jogo ali. Assoviou, tentando liberar a tensão que consumia seu corpo, colocou as mãos na nuca e encarou a situação.

— *Cher,* vou te contar o que aconteceu, mas como *un secret*. Ok?

Lisa concordou com a cabeça, ele respirou fundo. E então Olivier contou tudo o que tinha acontecido. Lisa foi deixando o queixo cair, os olhos se arregalarem, uma dor crescendo por dentro ao pensar em Harmony e na situação que a DJ foi obrigada a vivenciar. Ela nunca tinha passado por um estupro, mas sabia o que era se sentir usada, e só esse sentimento já era muito doloroso de

aguentar.

— E ela está bem? – Lisa perguntou assim que Oli terminou o relato.

— Sim, *la mesure du possible*. Ela ficou bem machucada. Está com uma amiga. Eu nem sabia que ela tinha amiga…

— Que triste…

— *Oui*...

— E por que isso tem a ver com você?

Olivier pigarreou. Ele achou que essa parte da história passaria batido, não contava com a perspicácia de uma escritora. Ergueu-se novamente e voltou o corpo para Lisa. Queria olhar nos olhos dela e medir as palavras de acordo com o que eles lhe revelariam.

— Eu e Harmony… rolava um *climat.* Chegamos a ficar juntos duas vezes, apenas o que vocês chamam de "ficar". Para mim era só isso.

— Sei… – Oli segurou as mãos de Lisa. O terreno era minado? Não tinha problema, ele continuaria explorando o terreno com cuidado.

— Quando te contei que ela saiu do bar sem falar nada com ninguém, na verdade, ela tinha ouvido Max brincar comigo sobre você. Eu estava *très content* e não tinha percebido a presença dela, acabei falando mais…

— Deixa eu entender, Oli. Ela se chateou por você estar comigo? Então a situação com ela era recente?

— *Plus ou moins*... Depois de nós ficarmos… bem… Depois da aposta você sumiu! Aí… – Olivier tentava não se embaralhar com as palavras, o que só fazia crescer uma espécie de raiva em Lisa.

— Aí você ficou com ela.

— Sim…, mas aí nos encontramos novamente e foi tão bom, eu queria tanto…

— E se você tivesse percebido a presença dela no Merci não teria falado nada sobre nós, sobre mim, estaríamos em segredo? – O passado de Lisa vinha à tona em sua memória, *"Você podia ir logo... Minha namorada está chegando..."*, a frase ecoava em sua mente. Ela não queria ser segredo de

ninguém, nunca mais.

— Não é bem assim, Lisa. – Olivier balançava as pernas, nervoso. – Eu só não queria magoá-la…

— Ou deixar a porta aberta, né? Quem sabe "ficar" novamente… Não era assim para você?! – Agora Lisa estava em pé e com as mãos na cintura, uma postura de segurança que ela não sabia de onde tinha vindo. – Fala, Oli!

— Não é isso! Você não está me entendendo!

— Não mesmo. Não estou entendendo mais nada!

— Lisa, eu quero você!

— Mas não podia contar à Harmony… porque senão perderia a chance…

— Não fale assim! – Olivier se levantou quase em um pulo, fazendo Lisa se assustar e pular rápido para trás, as mãos em sinal de proteção. – *Calme! Je ne veux pas t'faire de mal!*

— Fique aí!

— Não vou te machucar, Lisa… – Ele deixou os braços caírem perto do corpo e abaixou a cabeça. Nada tinha saído como ele queria… Ele achava que

teria um momento legal com ela, íntimo, que terminaria o domingo abraçado a ela… E agora ela o olhava como se ele fosse um monstro. O que tinha acontecido?! – Lisa…

— Vai embora, Olivier! – Lisa segurava as lágrimas. *"Não vou ser um segredo. Nunca mais".*

— Lisa, me ouve! Eu preciso que você me ouça.

— Você já disse…

— E você não entendeu direito.

— Como eu não entendi? Você não queria que Harmony soubesse de mim!

— Não queria que ela soubesse como acabou sabendo. Eu queria ter conversado com ela. *Merde*, Lisa, ela é a DJ do meu bar. Já era errado termos cedido, transado... E eu sabia que ela esperava *un plus,* mesmo eu não dando esperança.

— Oli, você ficou com ela recentemente, isso não era dar esperança?

— *Merde!* Não! Se for para comparar, seria algo como a aposta… uma noite, vontades satisfeitas. Mas com você não foi assim.

Lisa ficou calada. Ela não tinha o que dizer, nada lhe ocorria. Olivier chegou mais perto, ela ainda estava tentando se proteger com as mãos. Ele agiu devagar, primeiro enlaçando suavemente a cintura dela e com a outra mão puxou devagar a toalha que ainda estava em seus cabelos, deixando-os livres. A abraçou com cuidado e beijou-lhe a testa.

— *Cher*, você foi a melhor coisa que me aconteceu nesse país. Está sendo a melhor coisa. Desculpa ter priorizado outras coisas, mas era um assunto sério…

Algumas lágrimas teimaram e escorreram pelo rosto de Lisa.

— Não chora… – Ele a beijou no rosto onde as lágrimas desciam. – Eu não estou escondendo você. Eu quero que o mundo saiba que estou apaixonado por você!

— É que eu já…

— Eu sei que isso tem a ver com seu *passé*. Eu também tenho meus fantasmas. Mas não podemos deixar que nossas experiências ruins ditem as regras do que temos agora. Eu quero você, acho

que você me quer, ao menos penso...

Lisa o beijou. Não queria mais brigar, falar, não precisava de mais explicações. Olivier a pegou no colo e a levou para a cama, quase explodindo em felicidade. Ele não precisava que ela confirmasse com palavras o que ele sentiu com aquele beijo. Ela o queria!

— Você não precisa ir?

— O Merci fica por conta de Speed aos domingos. – Oli explicou enquanto a deitava na cama.

O corpo frio de Olivier contrastava com o corpo quente de Lisa, recém-saída do banho, causando uma excitação imediata. Oli puxou o vestido de Lisa e ela ajudou, livrando os braços e expondo o corpo nu. Ele sorriu quando viu a calcinha que ela usava, cheia de pequenas florzinhas.

— *Très belle*... combina com você… – sussurrou enquanto também se despia.

Lisa acompanhou aquele pequeno *strip-tease*, admirando cada detalhe do corpo de Olivier. Ele era naturalmente sensual e fazia tudo parecer muito

comum, como se eles já se conhecessem há muito tempo. *"É essa a nossa conexão... Apesar de não nos conhecermos o suficiente nossos corpos se conhecem..."*.

Olivier caminhou de joelhos sobre a cama, buscando-a. Ela sorriu.

— Você tem *préservatifs*? Saí desprevenido… – Ele sorriu.

Lisa apontou a segunda gaveta do criado-mudo, arrependendo-se no mesmo momento, pois quando Oli a abriu e viu os brinquedinhos que ela escondia ali, começou a rir.

— Quando usaremos essas coisas, *cher?*

Ela riu, mais por vergonha. Não esperava ser flagrada dessa forma. Oli contornou a situação ao ver que ela estava começando a travar. Sabia que Lisa exigia suavidade, de alguma forma sabia que havia marcas profundas a serem cicatrizadas. Curadas com amor.

— Agora entendo por que você é tão quente… você se conhece, *cher*.

— Sim… – Lisa estava envergonhada, o rosto queimava diante do olhar sacana de Olivier, que se esticava para colocar um preservativo embaixo do travesseiro, para a hora certa. A surpresa com essa descoberta lhe deu ideias mais criativas para aquele momento, e Oli passou a explorar o corpo de Lisa, beijando-a em todos os pontos que seus lábios percorriam, fazendo-a se contorcer na cama. Olhou em volta, e viu um dos belos lenços coloridos de Lisa. Com um sorriso malicioso fez sinal para que ela esperasse… puxou o lenço, fazendo-o deslizar pela cabeceira da cama, pelo corpo de Lisa, que arrepiou com o toque leve do tecido, reagindo ao clima sensual que Olivier alimentava. O francês a vendou enquanto lhe dava um beijo molhado.

— Apenas sinta…

Olivier começou a beijar partes do corpo de Lisa que nem ela tinha a noção do quanto eram prazerosas. Ele levantou as pernas dela e beijou atrás de seus joelhos, beijos longos, a respiração quente provocando arrepios nas pernas de Lisa, que gemeu e incentivou o que ele fazia com sussurros

de comando, *"Isso... Mais... Aí..."*, e Olivier estava se excitando apenas com essa dinâmica de dar prazer e de atender aos anseios daquela mulher por quem estava enfeitiçado. Oli tinha tirado o sentido de visão, mas não o de tato, e Lisa estava conduzindo-o, as mãos buscando o toque. Ele se aproximou e inverteu as posições, colocando-a sobre si. Ela sorriu, tirou a venda e declarou ser a vez de ele experimentar aquele jogo, vendando-o. Lisa percorreu boa parte do peito de Oli com a língua, concentrando beijos em torno dos mamilos, nos gomos que os músculos do abdome tinham, no caminho entre o umbigo e o, agora totalmente excitado, órgão sexual dele. A cada onda de tesão Olivier gemia e sorria ao mesmo tempo, totalmente entregue ao ato. Ele só conseguia pensar no quanto estava envolvido com aquela mulher e no quanto a queria, com ele, em cima dele, de todas as formas possíveis e imagináveis, mas não queria apressar nada, queria curtir cada sensação de choque que suas terminações nervosas lhe comunicavam. Só de estar ali tão próximo dela já ficava completamente excitado! E ela parecia tão entregue ao momento

quanto ele.

Lisa se arrastou pelo corpo de Oli para pegar o preservativo, fazendo seus corpos friccionar, quase levando-o à loucura. Depois fez o caminho de volta, com Oli perdendo o contato de seus lábios com os seios de Lisa. *"Hey vie!",* ele protestou e ela riu, fazendo-o sorrir. *"J'adore* o som desse *rire*" balbuciou entrecortado o francês, reagindo com prazer agora que seu pênis estava sendo engolido por Lisa, a boca úmida e quente escorregando devagar pelo membro duro, a língua fazendo movimentos provocantes e intensificando as pulsações. *"Oh, Lisa!"*, era o combustível, as palavras que faziam com que Lisa se esforçasse ainda mais naquele ato. Ela encostou os seios no membro agora úmido e movimentou-se para cima e para baixo devagar, arrancando gemidos de Oli. *"Por favor!"*, ele implorou, arfando. Ela entendeu a deixa, abrindo a embalagem do preservativo. Estava na hora, era chegado o momento de fazer seus corpos virarem um só.

Assim que Lisa colocou o preservativo em Olivier,

ele a puxou para si, retirando a venda dos olhos. *"Quero olhar para você!"*. Ela sorriu e o beijou, erguendo o corpo e fazendo-o colar as costas na cama… Lisa se levantou, colocando os quadris de Oli entre seus pés e então se colocou a descer devagar, provocante, os quadris fazendo movimentos que foram totalmente captados pelos olhos ávidos do francês. Ela escorregou o pênis devagar para dentro de si, observando os olhos de Oli se estreitarem… *"Ele morde os lábios e fica ainda mais gostoso!"*. Quando Lisa começou a se movimentar, Oli ergueu-se da cama, apoiando o corpo em um dos braços enquanto enlaçava a cintura de Lisa com o outro. Ela sutilmente fez com que ele a soltasse, era a rainha naquela cama e queria isso, ia dominá-lo. Ele riu e obedeceu ao comando, ele era seu servo com todo o prazer, mas não deixaria as mãos ali, inúteis. Molhou os dedos na boca e buscou o clitóris, estimulando-a e fazendo-a gemer mais intensamente.

Eles estavam conectados e dançando a mesma música, o ritmo sendo coordenado por Lisa de acordo com as reações que ela identificava nas

expressões de Oli. Quando percebeu que ele estava chegando ao orgasmo começou a movimentar-se mais forte, duro, apertando o ombro dele e sendo voraz nos beijos, marcando o pescoço de seu amante. Ele não se conteve e gozou, urrando de prazer e dor, abraçando-a enquanto o corpo tremia sem controle.

Ela se sentia satisfeita pelo prazer que tinha proporcionado, mas não tinha atingido o orgasmo ainda e isso não passou despercebido ao francês… Olivier, assim que recobrou todos os sentidos, puxou Lisa para si, girando-a na cama e arrastando-se lentamente para baixo, percorrendo o corpo da parceira com a mão suave, beijando o colo, os mamilos, a barriga, o umbigo e a parte baixa do ventre sem perder o contato visual, explorando as emoções que via claramente nas expressões que Lisa lhe devolvia. Ela ansiava pelo que ele estava prestes a fazer e ele molhou os lábios, passando a língua indecentemente por toda a boca. A conexão de olhares dizia mais do que qualquer discurso ensaiado ou carta entre amantes. Oli aprofundou-se entre as pernas de Lisa, a boca em contato direto

com o clitóris, os olhos ainda conectados aos olhos dela, aprovando cada movimento, cada lambida. Olivier a ergueu da cama, fechando os olhos e se entregando ao prazer que lhe dava, lambendo-a de cima a baixo, concentrando-se nos pontos em que ela gemia mais forte, guiando-se pelas dicas que recebia até que senti-la tremer e ouvir o grito de prazer. Estava feito, selado com desejo… aquela mulher estava gozando em sua boca.

“Mon Dieu…”.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 12

Lisa ainda tinha quase três semanas para curtir, apesar de Vicente lembrá-la, quase todos os dias, os sacrifícios que estava fazendo para redefinir a agenda de compromissos. E ela queria aproveitar aquelas três semanas com tudo que podia, já que o arrependimento por ter perdido a primeira semana com suas encucações tinha lhe assombrado naquela manhã ao acordar com Oli ao seu lado. Ele dormia tão bem aninhado a ela e com um semblante tão tranquilo que ela não teve coragem de sair da cama e correr o risco de acordá-lo. Mas o telefone dele tocou, assustando-os. Era Max.

— Cara, precisamos de você aqui na casa da Harmony… – A voz era aflita e pesarosa.

— *Dieu,* o que aconteceu, Max? – Olivier estava em pé, com uma mão à cabeça, a expressão muito séria… Lisa ficou em alerta.

— Ela…

— *PARLE,* Max! – O grito de Olivier assustou Lisa. Ele olhou para ela e fez sinal para que

esperasse, com um pedido silencioso de desculpas pelo grito.

— Ela tentou se matar, Oli. A amiga dela me ligou desesperada…

— Estou indo, AGORA.

Olivier se vestiu rapidamente, assim como Lisa. Ela iria com ele mesmo que ele dissesse não, mas ele não se opôs. Os dois pegaram o primeiro táxi que acharam livre. Quando chegaram ao apartamento de Harmony, a porta estava escancarada e um paramédico ia saindo, falando ao rádio. Na sala, a amiga, Diana, chorava encolhida no sofá. Max estava em pé e encostado na parede do corredor, em frente ao que um dia foi a porta de um banheiro. Era visível que a porta teve que ser arrebentada, pedaços de madeira estavam pelo chão e alguns ainda presos ao batente.

Dentro daquele cenário de guerra um paramédico aferia os sinais vitais da DJ. A cena era horrível. A moça estava desacordada, o sangue misturado ao pouco de água que ainda escorria pelo ralo do box. Harmony tinha cortado os pulsos e sentado

embaixo do chuveiro. Estava nua e os hematomas da violência que tinha sofrido todos ali, aparentes… Olivier segurou Lisa e tentou protegê-la daquela cena, mas ela já tinha captado aquele quadro de horror e agora teria aquilo estampado em sua mente para sempre.

— Cara... que merda. – Max estava de cabeça baixa, muito triste. – Ela não quis que eu dormisse aqui, falou que a Diana já estava cuidando dela, que estava tudo bem. Eu devia ter visto que não estava tudo bem!

— Max, nem você, nem eu vimos nada que pudesse prever isso. – Oli consolava o amigo, apertava o ombro de Max enquanto acompanhava o atendimento que a amiga recebia. Agora estavam preparando a maca.

Lisa foi para a sala e se sentou ao lado de Diana, que ainda chorava baixinho, quase em posição fetal.

— Eu… eu devia ter percebido. Ela estava distante… – A moça parecia falar mais para ela mesma do que para Lisa.

— Você estava cuidando dela, não se culpe. – Lisa segurou a mão de Diana, trazendo-a para a realidade.

— Ela falou que ia tomar um banho… eu devia ter acompanhado… ela trancou a porta… eu chamei, chamei… bati tantas vezes!

— Ela está sendo socorrida. A situação parece muito ruim, mas estamos aqui e não sairemos daqui. Tentaremos cercá-la de atenção e fazer com que ela busque ajuda… – Lisa tentava não cair nos lugares comuns dessas situações, com aqueles confortos quase automáticos que muitas pessoas acabam escolhendo para essas horas… "Tudo vai ficar bem!", "Vamos sair dessa!"... Ela já tinha ouvido essas frases muitas vezes e em nenhuma dessas vezes fez sentido ou foram o bastante. A vida tem altos e baixos, e reconhecer isso é um bom passo para viver melhor.

Diana enxugou o rosto e olhou para Lisa.

— Você é a mulher que agora está com o Olivier, não é?

— Bem, acho que sim… estamos juntos, sim. –

Respondeu com convicção, abandonando a dúvida. Ela estava sim com Olivier e estava feliz por isso.

— A Harmony gosta muito dele…, mas ele nunca indicou sentir o mesmo.

— Acho que ele gosta muito dela, de verdade. Só não é o gostar que ela queria…

Lisa olhou para o chão, uma leve angústia no peito… E se ela estivesse errada a esse respeito?

— Acho que você tem razão. – Concluiu Diana.

Elas se levantaram do sofá quando os paramédicos saíam do apartamento levando Harmony em cima da maca, apenas uma toalha como "roupa". O comboio passou rapidamente pela porta e estava levando-a para o hospital. Max iria acompanhá-los. Oli apareceu logo em seguida e estendeu a mão para Lisa.

— Vamos?

As duas moças concordaram e seguiram o francês porta afora.

***

Foi um dia angustiante e todos estavam esgotados.

Olivier preferiu colocar uma tabuleta na porta do Merci informando aos clientes que não abriria o bar naquela noite. Harmony havia acordado e chorou bastante, pediu várias desculpas aos amigos e explicou que havia sido um momento de fraqueza, de desespero. A DJ aceitou que teria acompanhamento de profissionais e que faria terapia para tentar lidar com o que tinha sofrido, era uma barra pesada demais para carregar sozinha.

Laila ligou para Lisa, mas ela desconversou sobre os acontecimentos do dia achando que precisava preservar Harmony até que ela decidisse como iria lidar com tudo aquilo. Max ficou no hospital, pediu que Diana fosse ao apartamento de Harmony e tentasse ajeitar tudo, e ainda ligou para Speed e pediu que colocasse uma porta nova no banheiro da DJ.

No hospital, o prontuário dizia “acidente” a pedido de Max, que não queria que a amiga guardasse aquela situação como uma mancha do passado. Mas quando Harmony acordou com os pulsos

enfaixados e a dor dos hematomas, ela se decidiu. Seria forte, lidaria com aquela situação de cabeça erguida e aceitaria ajuda. E pediu que colocassem no prontuário a verdade. Ela seria parte das estatísticas, não ia lidar com aquilo suavizando os fatos.

Max segurou a mão da DJ, orgulhoso de ter uma amiga tão forte e que mesmo com esse momento de fraqueza estava demonstrando o quanto era guerreira. E ele nunca tinha duvidado disso, nem mesmo quando arrebentou aquela porta.

***

Petit miou alto quando Oli e Lisa entraram no apartamento tarde da noite. Eles ficaram no hospital o máximo que puderam, mas horários de visita são sempre restritos. Tomaram banho juntos e Lisa “furtou” uma camiseta no armário de Olivier enquanto ele preparava sanduíches para um arremedo de jantar.

— Está linda! Bonita a camiseta, *cher*… – Oli brincou ao vê-la chegando à cozinha.

Estavam famintos, preocupados e cansados. Lisa tinha ajudado Diana a arrumar o apartamento de Harmony enquanto Oli cuidou da burocracia do hospital.

Fizeram uma espécie de piquenique na sala e, pela segunda vez, o gato se aproximou e se aninhou perto de Lisa, que fez um carinho no bichano… quando estavam acabando os sanduíches, *Petit* já estava confortável no colo da escritora. Olivier sorriu surpreso com aquela demonstração de confiança de seu bichinho, gatos não eram famosos por isso e *Petit* seguia à risca, era bem desconfiado. Ter gostado de Lisa era um ótimo sinal para Olivier.

Enquanto Oli foi à cozinha lavar os pratos e alimentar *Petit*, Lisa adormeceu no sofá. Ele a pegou no colo e a aninhou na cama, olhando-a com carinho e pensando que gostaria de fazer isso, cuidar dela para sempre.

***

A semana passou rápida e tensa. A preocupação com a DJ era um sentimento comum a todos.

Harmony estava decidida a não tratar a violência que sofreu como um tabu e falaria abertamente com as pessoas que a conheciam. Quem sabe assim ajudaria alguém? Decidido isso, Lisa contou à Laila sobre tudo o que tinha acontecido nas últimas semanas. A irmã ficou preocupada.

— E você, Lisa, está bem?!

— Estou, mana. O que a Harmony sofreu não foi um gatilho para mim, não se preocupe. Passei pelo trauma de me sentir usada, mas eu tive consciência do que tinha feito. A moça foi violentada desacordada… é diferente de ser usada, de ser enganada…

— Se você vê assim, fico tranquila. Eu perguntei por conta da objetificação que acontece em ambos os casos… Situações assim demonstram o quanto a mulher pode ser vista como um mero objeto para um homem. Isso me deixa com muita raiva!

— Eu te entendo e concordo. E estou bem. E, apesar de tudo isso, estou feliz.

— Você esteve com a moça, com a DJ? Ela sabe que a Becca a está substituindo?

— Eu a visitei, mas nós mal nos falamos. Ela sabe que tem uma DJ cobrindo esse momento dela. Olivier decretou férias forçadas para ela.

— Mas você vai conversar com ela?

— O que eu teria para conversar com ela, mana? Acho que o fato de eu estar com Oli não é um assunto que ela queira conversar comigo, né? E também não sei se viraríamos amigas. Eu estou tranquila e, se ela conseguir lidar com isso, também não estarei fechada para ela. É uma mulher legal, que me parece ter passado por muita coisa e que acreditava ter o couro grosso, que aguentaria qualquer tranco. Infelizmente, a vida deu essa rasteira…

— Que *bad*… ela está se cuidando?

— Ela foi orientada no hospital e está em um grupo de apoio… acho que está se cuidando, sim.

— Que bom. Então, maninha, em quase 10 dias a realidade baterá na sua porta! Sua agenda está lotada. Já conversou sobre isso com o seu francês?

— Ele não é meu…

— Ok, ok… com o francês com quem você se relaciona. Melhor?

— Sim, beeeeeeem melhor. – Lisa odiava essas "certificações" de posse. – Ainda não falamos sobre isso. E não sei como iremos lidar com essa agenda.

— Se ele realmente está "apaixonaaaaado"... – Laila brincou com a palavra ao telefone, Lisa bufou. – Ele vai entender, né?

— Espero que sim. – Limitou-se Lisa, surpresa por perceber que ainda tinha essa dúvida. – Mas com ele eu consigo ser realmente eu e isso já é tão bom. Bem… preciso desligar.

— Ok, beijos. Nos vemos mais tarde no Merci?

— Como sempre. – Sorriu Lisa. Gostaria mesmo que fosse "sempre", mas sabia que não seria assim dali a 10 dias…

***

— Como ficaremos? – Lisa arrancou um cantinho de unha com os dentes e fez uma expressão de dor, ansiosa pelo momento e pelas decisões que

precisava tomar com Oli.

— *Cher*, eu vou te esperar. Eu te esperei a vida toda…

— Oli, sem essas frases… – Ele fez uma careta e riu. Esses últimos dias serviram para conhecer essa Lisa um tanto cética e que não curtia frases feitas ou pronomes possessivos, que criava discussões imaginárias na mente quando ficava em dúvida dos sentimentos dele. Bem, tirando as duas primeiras características, ele se identificava com esta última.

— A mesma insegurança que você sente eu sinto, *mon amour.* Aprenderemos juntos. – O "meu amor" em francês ela aceitava, mas só porque adorava ouvir aquele sotaque. Ela sorriu e continuou.

— Na primeira semana estarei em São Paulo. Depois devo ir ao Sul do país… E Rio novamente, depois de umas duas semanas… – Lisa tentava gesticular com uma das mãos, pois a outra estava segura nas mãos de Oli, que tentava estancar o sangue da cutícula arrancada.

— Calma, *cher*. Podemos não sofrer antecipadamente? Tenho milhas para gastar. – Ela

ia interrompê-lo, ele acenou que esperasse. – Quando você estiver em Sampa ou no Rio, posso ir até você.

— Eu tenho muita milhagem, Oli. Muita. Posso agendar suas passagens… – Ela o olhou apreensiva, esperando o velho discurso machista do "mulher minha não…", acompanhado de "sou homem e posso muito bem…", mas esse discurso não veio e ela soltou o ar, aliviada.

— Como eu disse, daremos um jeito.

A conversa deixou Lisa satisfeita, pensando que a realidade podia ser melhor do que ela esperava. Era o terceiro dia em que eles curtiam praia depois de sair virados do Merci. Lisa se levantou da canga estendida na areia e ajeitou o biquíni. Os olhares dos outros banhistas eram sumariamente ignorados, ela e Oli estavam sendo um belo casal, a não ser pelo fato de estarem com a aparência cansada. Oli ficava embaixo do guarda-sol com uma boa camada de filtro solar, sempre no fator máximo de proteção.

Lisa correu para a água e deu um belo mergulho.

Chamou Olivier, que sorriu e se levantou, tomando coragem de enfrentar a areia quente e a combinação de sol causticante e água gelada. Depois do mergulho, outro assunto veio à tona.

— Becca e Max… Está rolando algo, não está? – Lisa perguntou enquanto se enxugava e voltava para a sombra com Oli.

— *Je ne sais pas*... – Respondeu Oli, fazendo uma careta. "Não sei" era claramente uma mentira.

Lisa deu um soquinho no braço de Olivier empurrando-o para o lado, rindo.

— Conte-me o que você sabe!

— Ele contou em segredo…, mas ok, não temos mais segredos um com o outro, né? – Lisa confirmou. – Bem, ele está interessado na Rebecca, mas se sente inseguro.

— Por quê?!

— Sua amiga, Lisa… ela não tem filtro na língua!

Os dois gargalharam. Era verdade, Becca era um "espírito livre", mas Lisa esperava que desse certo entre Rebecca e Max, seria legal ter um "casal

amigo” quando retornasse à cidade. Retornar… pensar em ir estava sendo difícil nesses dias. Olhou no relógio.

— Hora de ir!

O combinado era duas horas de praia nas primeiras horas do dia, um bom banho, um sexo melhor ainda e depois o descanso, com algumas horas de sono. À tarde Lisa tinha tempo livre com a irmã e as amigas enquanto Olivier ia pro Merci. À noite os dois se encontravam no bar e a rotina se repetia no fim do expediente do francês. Era uma rotina de férias gostosa, as melhores férias que Lisa havia vivido, quase um sonho.

Seria difícil deixar tudo isso para voltar à realidade.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 13

Bia estava terminando o almoço e se preparando para pedir um café enquanto Lisa contava as novidades.

— Eu não sei te explicar, Bia. Com Olivier eu me sinto livre para ser quem eu sempre quis ser, para ser quem eu sou, sem precisar ficar me moderando e escolhendo as palavras…

— Você quer dizer que ele te trata como uma pessoa igual a ele, né? – Bia sorriu e acenou para o garçom, pedindo dois cafés.

— Isso! Ele não me cobra nada, não me submete… nós fazemos o que gostamos e nos respeitamos dessa forma.

— Então, minha amiga, não perca esse cara. Aliás, será que ele tem um irmão? – As duas riram.

— Se ele tiver, quem garante que o irmão seria igual a ele?

— É… – Bia deu um soco leve na mesa, ainda rindo. – Droga. – Os risos viraram gargalhadas.

— Eu não esperava ter algo assim em minha vida depois daquele começo tão complicado. – Confessou Lisa. – Sinto-me vivendo um romance que nem eu mesma escreveria. Jamais escreveria um personagem masculino tão empático, tão gentil… eu colocaria atitudes machistas, de posse, de incompreensão, porque é o que costumamos viver.

— Por que você não escreve uma estória assim? Com personagens ideais e que se respeitam, que se aceitam…

— Tenho medo de soar irreal, Bia. De ser chato, patético…

— Está chamando o seu relacionamento de chato e patético, amiga?

A pergunta pegou Lisa de surpresa. Ela negou veementemente com a cabeça. Não era chato, de forma alguma! Mas era quase um sonho, algo que não se vê na realidade e isso a deixava apreensiva.

— Ele disse que leu meu último livro. Três dias atrás, fiquei de alimentar *Petit* e quando cheguei ao apartamento dele vi que meu segundo livro, “Flores

de sal", estava na cama e com página marcada… Ele está lendo meus romances, Bia.

— Que bom! Eu achava que seu estilo literário só agradava a nós, mulherzinhas! Se ele já está no segundo deve ter gostado, né?

— E se ele estiver lendo com outro objetivo? Se ele estiver se moldando a mim através dos pensamentos das minhas personagens? Digo isso porque tivemos um diálogo que me remeteu demais ao primeiro romance e foi impossível não associar… – Lisa estava séria, mas Bia estava tentando segurar o riso.

— Lis… pense comigo, por favor… Foco. SE… E é um "se" bem grande… Se ele estiver usando seus livros para aprender a lidar com você, ao menos ter dicas de como ser com você, amiga, isso é um gesto de afeto. De amor. Qual homem que você conhece que faria algo parecido? Eu não conheço nenhum.

— Mas isso não é estranho?

— Para um cara que aceitou que foi usado em uma aposta valendo um par de brincos, não, não acho

estranho.

Lisa tomou o café com um gole só. É, era preciso aceitar esse fato, Olivier era diferente.

— Agora, amiga, preciso te parabenizar… – Bia deu um gole no café. – Eu não sei o que aquela cerveja do Merci te fez ou aquela dose de uísque… ou o fato de estar apaixonada..., mas você é outra pessoa! Mais livre, mais decidida, segura…

— Não foi a bebida, amiga, posso garantir. Tá, talvez naquele momento a bebida tenha sido um gatilho, mas sinto que a partir do momento em que aceitei aquela aposta eu também decidi me aceitar como sou. Saí da minha zona de conforto, saí da sombra das minhas personagens e escolhi ser protagonista da minha vida. Passei muito tempo duvidando de mim. Apaixonada?

Bia riu.

— Gostaria de ter te provocado bem antes!

— Talvez não surtisse o mesmo efeito…

— Eu fico feliz de estar conhecendo a verdadeira Lis. – Bia piscou, abraçando a amiga logo em

seguida.

Lisa também estava feliz com esse despertar, mas não creditava isso a Oli. Não negava que ele contribuía para que ela se posicionasse e demonstrasse seus pensamentos e sentimentos, mas o primeiro passo para isso tinha sido dela. Ela escolheu não mais se calar. Não mais baixar a guarda, ceder – a não ser que fosse uma cessão que lhe fosse benéfica.

Ela estava se sentindo segura e era apenas por ela mesma. Foi um longo percurso até ali, mas até mesmo o mais oprimido uma hora grita. Ela tinha dado seu grito de revolta silencioso, interno. Revoltou-se contra si mesma, contra aquela atitude introspectiva e subserviente que lhe fazia perder oportunidades e experiências. Queria viver, queria experimentar e queria muito ser feliz.

Tinha se surpreendido com suas atitudes várias vezes nessas férias, mas cada surpresa foi um motivo de alegria. Sentia-se superando obstáculos, destruindo limites e criando laços mais fortes. Sentia-se à vontade para confidenciar com a irmã,

coisa que era sempre muito difícil.

E nessas confidências conheceu uma Laila frágil e que ela nunca tinha pensado poder existir. Esse café com Bia também tinha caminhado para assuntos pessoais da amiga, e ela se viu digna de confiança. Ela sempre tinha tido uma postura tão distante e sabia que isso fazia com que as amigas não se abrissem com ela. Como isso tinha mudado! Terminou o café e sorriu para Bia. A amiga estava esparramada em uma poltrona confortável com um livro de arquitetura no colo, uma xícara na mão, olhando distraída para a mesa ao lado.

— Gostaria de ter um relacionamento assim… – Apontou com o queixo para o casal da mesa ao lado. Eram dois velhinhos fofos e que tomavam o café de mãos dadas, com um olhar de cumplicidade que não permitia ver nada à volta deles. Era como se só eles existissem ali naquele local público.

— Quem sabe? – Lisa respondeu, fazendo uma careta. – Você é bonita, inteligente…

— Vai repetir o meu discurso? Para mim?! – Bia perguntou rindo, mas o riso carregava uma pequena

dose de tristeza. – Quando se trata de relacionamento, tenho minhas sérias dificuldades, Lisa…

— Quer falar sobre isso, amiga?

E Bia começou a despejar um pouco dos seus medos e inseguranças, tão comuns às mulheres… Sentia-se feia, sentia-se velha, sentia que seu relógio biológico estava gritando, mas que nenhum homem investiria nela, justamente porque achava que "seu tempo já tinha passado"... Bia tinha apenas 30 anos!

Lisa enxergava ali todas as cobranças que também ouviu em algum momento da vida ou que já havia feito a si mesma… Era triste essa constatação. Mulheres fadadas a achar que o relacionamento era a base de tudo, quando a base deveria ser a felicidade pessoal que, no fundo, é individual. A escritora buscou uma das mãos de Bia e a segurou firme, consolando-a silenciosamente.

— Mas você tem razão, Lis. Sou bonita, inteligente e não sabemos o amanhã… – Finalizou Bia, o olhar perdido no casal da mesa ao lado.

— Sim, não sabemos. Então concentre-se no que te faz feliz, Bia. Ser feliz consigo mesma é o primeiro passo. Pare de buscar aprovação. Aprove-se! Você é capaz disso, não duvide.

— Aí está!

— O quê?

— A Lisa de que falei. A nova Lis!

Lisa sorriu. Aquela Lis sempre esteve ali, só não se permitia ter voz. Aquela aposta foi um divisor de águas. A escritora ia mais ser apenas espectadora da realidade, captando tudo o que podia para suas próximas histórias… agora ela também participava da realidade. E vivia.

***

A mala estava pronta, Lisa tinha decidido não levar muita coisa e, se precisasse de algo, compraria o necessário nos locais onde estivesse. Podia se dar esse luxo agora que seus livros eram best sellers. Olivier assistia a tudo com os braços cruzados e uma expressão triste. Ele sabia que ela tinha que ir, que tinha compromissos a cumprir e estava

orgulhoso dela, mas ao mesmo tempo o coração estava apertado. O francês sabia que sentiria a falta de Lisa.

— Deixei alguns números anotados aqui. – Lisa estendeu um papel para ele, que o pegou sem muito ânimo. – Oli, não dificulte as coisas. – Ele sorriu meio torto. – São números dos hotéis em que irei ficar, quartos, datas. Assim fica mais fácil você me localizar, caso precise. Fora isso vamos nos falando por telefone, Skype, WhatsApp…

Olivier a puxou, fazendo com que ela caísse em seu colo. Os dois se beijaram, encostaram as testas e ficaram se olhando por um longo tempo. Era tão profunda aquela conexão! Isso fez o coração de Oli disparar e seu corpo se excitar.

— Oh, oh… temos tempo para isso?! – Lisa sorriu, olhando para baixo, para a ereção que começava a acontecer. Olivier corou.

— Vamos arrumar tempo. Agora!

E o francês começou a despir aquela mulher que o enlouquecia tanto quanto o deixava inseguro. Lisa

sorriu, ajudando-o a livrá-la da camiseta. Levantou-se daquele colo quente com os lábios ainda conectados ao do francês, puxando-o pelo elástico do short e fazendo com que os dois caíssem na cama. Olivier empurrou a mala já fechada, fazendo-a cair do lado da cama provocando o barulho de um estampido rouco.

— Os vizinhos!... – Sussurrou Lisa.

— *Shhh*... – Oli segurava o riso, enquanto terminava de tirar todas as peças de roupas, dele e de Lisa.

— Não vou nem poder gemer?! Silêncio total? – Era a vez de Lisa brincar, fazendo beicinho…

— *Non!*.. Ou *oui?!* – Oli riu da confusão. – Não só pode gemer, como deve. Muito!

Os dois rolaram na cama trocando beijos ardentes enquanto seus corpos se encaixavam. Ela gostava da forma como ele se preocupava com o prazer dela e explorava o seu corpo, sempre atento às reações, aceitando suas indicações de onde e como tocar. *"Aí... Mais devagar...Isso!"*, Lisa não tinha mais vergonha dessas palavras, elas agora eram

sussurradas com prazer para aquele homem.

Sentia-se livre para buscar o próprio prazer, com Olivier sendo o amante cúmplice e companheiro. Isso era muito bom. Os dois estavam entrelaçados, os corpos criando um atrito que provocava arrepios de prazer. Lisa tentou abrir a gaveta ao lado da cama, mas o francês foi mais rápido, abrindo-a e pegando um preservativo e o vibrador de Lisa. *"Podemos brincar com isso?"*, ele perguntou, os olhos injetados de desejo. Ela concordou com a cabeça, mordendo os lábios. Ele ligou o vibrador e direcionou para o clitóris de Lisa, fazendo-a sobressaltar com o toque. *"Devagar... Assim..."*, Lisa o orientava enquanto experimentava de uma forma completamente nova o prazer da masturbação. Ela gozou e gritou de tesão enquanto Oli observava cheio de desejo. Queria-a saciada, no grau máximo de excitação.

Olivier encostou os lábios na orelha de Lisa e entre um beijo e um sopro propôs algo novo para ela. Ela arregalou os olhos, mas no estado de satisfação em que estava e com o corpo quase dormente de

formigamentos, não pensou demais, achou que era uma boa hora para experimentar e concordou com um sim entrecortado, balbuciado, sôfrego.

E então o francês usou o preservativo e virou o corpo de Lisa, deixando-a de lado, ainda estimulando-a com o vibrador. Procurou naquela mesma gaveta cheia de sacanagens das quais Lisa não se envergonhava mais, localizando o lubrificante… as ondas de orgasmo ainda atingiam o corpo de Lisa, fazendo-a se contorcer. Oli a lambuzou com o gel, deixando-a bem lubrificada…

Quando Lisa voltou a estremecer e gemer de prazer, anunciando mais um gozo, Olivier a penetrou devagar por trás enquanto também penetrava sua vagina com o vibrador, preenchendo-a totalmente, a vibração provocando espasmos que ela não conseguia controlar… *"Olivier! Olivier!"*, o nome era repetido por Lisa, as letras carregadas de tesão.

Ela desmoronava de prazer enquanto Oli tentava controlar os movimentos para não machucá-la. O francês queria que ela jamais esquecesse aquele

momento, como se fosse possível esquecer uma primeira experiência, um prazer diferente. Enquanto se mexia devagar, penetrando-a mais e mais, mordia os lábios na esperança de prolongar o prazer. Mas as vibrações do aparelho somadas aos espasmos e tremores do corpo de sua amante não lhe permitiram prolongar nada… A onda de prazer lhe atingiu em cheio, fazendo-o gozar abundantemente. Agora eram dois corpos em frenesi, trêmulos e arrepiados, suados e abraçados.

Lisa buscou o vibrador com uma mão trôpega, apenas para desligá-lo. Ela estava em êxtase, a cabeça a mil que não acompanhava a letargia de seu corpo, recém-devastado pelo prazer. *"Nunca pensei em fazer nada disso!... Estou perdida de amor por esse homem a ponto de fazer o inimaginável..."*. Muitos pensamentos surgiam em sua mente enquanto estava ali, nos braços daquele homem, de respiração quente em seu pescoço. Era difícil não sofrer antecipado, não pensar que em breve já não estariam ali, dividindo suor e prazer.

— *Je t'aime...*

Foi um sussurro quase inaudível. Ele não tinha certeza de que ela tinha ouvido, nem mesmo tinha certeza de que queria que ela ouvisse, mas Oli sentia que precisava falar, deixar que aquele sentimento saísse de dentro dele. Quando Lisa aproximou o corpo ainda mais, encaixando-se em seu corpo, ele soube que ela ouviu. Ela não ia responder, essa certeza ele tinha. De alguma forma a vida tinha endurecido aquela mulher, não o bastante para ser insensível, longe disso, mas um tanto que a impedia de ser espontânea naquele exato momento. Ela esperaria, ela não abaixaria a guarda agora, não quando estava prestes a partir. E ele ia lidar com isso…

— Acho… acho que também te amo.

Lisa disse em alto e bom som, cortando os pensamentos inseguros de Olivier. Ela não teve medo. Quer dizer… ela estremeceu quando ouviu aquela voz rouca sussurrar que a amava. O coração acelerou, e ela aproximou o corpo para que as mãos de Oli não tocassem seu peito e sentissem a pulsação descontrolada, mas, ao mesmo tempo, sua

razão falou alto e lhe deu uma ordem direta: Sem medos. Sem amarras.

Ela tinha consciência de que estava vivendo algo novo, muito novo, e que se não fosse para se jogar de cabeça, não aproveitaria a experiência em sua totalidade. Ela precisava ser sincera com ela, mas também com ele. E assim as palavras ficaram ali, pinicando sua língua, arranhando sua garganta, prontas para sair. E ela o fez, abriu a boca e disse.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 14

Três anos. Três longos anos? Três breves anos… A verdade é que três anos se passaram desde aquela despedida romântica no aeroporto. Desde todas as promessas de ligar todos os dias, de se encontrar nos fins-de-semana. Desde aquele “acho que te amo” e das confissões de amor.

O tempo foi relativo, a distância foi impiedosa. Lisa estava envolvida com o lançamento do livro e o boato se confirmou, na verdade, muito melhor que o boato de uma série de TV. Vicente havia conseguido um contrato com muitas cifras, assinado com um produtor norte-americano para roteiro de um filme.

Em um piscar de olhos a escritora de romances estava em Hollywood, ajudando a compor o elenco e trabalhando com os roteiristas… As ligações para Olivier foram ficando cada vez mais curtas e esparsas, fazendo com que ele não conseguisse manter a insegurança e a desconfiança longe da mente, resfriando o calor que seu coração emanava

a cada oportunidade de trocar um “oi” com Lisa.

Quando o filme foi lançado, o sucesso foi estrondoso. Lisa participou de festas, premiações e tinha admiradores… todo aquele glamour não lhe encheu os olhos como Laila temia, mas os olhos de cobiça que lhe eram lançados, esses mexeram com sua autoestima. Ela estava no auge do amor-próprio, achando-se poderosa como nunca havia sido ou, ao menos, sentido.

Ter tantas possibilidades interessantes fez com que os sentimentos por Olivier resfriassem ou fossem guardados a sete chaves, colocados em um canto de seu coração para não atrapalhar aquele momento. A cada dia aquele amor parecia mais e mais distante, em quilômetros e em realidade, e Lisa não queria misturar as coisas, justo agora que ela era reconhecida e respeitada, justo quando o sucesso havia lhe atingido em cheio.

O relacionamento por telefone não se sustentou. Lisa não fez o esforço necessário e Olivier foi orgulhoso demais para dizer o que sentia, deixando o distanciamento acontecer sem lutar. Achou que

falar o que estava acontecendo seria implorar por atenção e ele não precisava disso.

De repente, cuidar de Harmony passou a ser uma prioridade para Olivier… E quando Lisa pensou em fazer uma tentativa, ligar, ele estava com a DJ. Dessa vez quem sangrou internamente foi Lisa, as facadas da insegurança atingindo em cheio a sua mente. O amor não foi suficiente. A distância tinha muito peso para um sentimento que é tão leve.

E a distância cobrou caro, a falta de um diálogo sincero foi fatal, os telefonemas cessaram. Nenhuma tentativa de encontro foi combinada, nenhuma chance de pôr em pratos limpos, simplesmente acabou. Olivier tocava o Merci com Max e Speed, tendo uma boa programação musical diversificada entre Harmony e Rebecca.

A culpa que sentiu pelo que aconteceu com Harmony foi se transformando em um sentimento que ele não conseguia determinar, apenas sabia que não era amor. Sentia-se em dívida com a DJ, algo que nem mesmo Max conseguiu lhe tirar da cabeça. Oli passou a ser mais atencioso com a DJ e, quando

viu que tinha perdido Lisa para sempre, caiu em si e passou a corresponder às investidas de Harmony.

Era confortável, conveniente, o melhor a se fazer. Estar com ela não era ruim, ao contrário, Harmony era até mais experiente que Lisa, sabia provocar… Só não tinha a mesma química. A DJ não fazia aquela energia estranha percorrer seu corpo. O coração não acelerava de repente, sem aviso…, mas ele estava satisfeito. Harmony estava com ele.

***

— Lis, esse ou esse? – Laila segurava duas fotos de vestidos maravilhosos, um vermelho bem sexy e o outro verde, um pouco mais comportado…

— O vermelho! – Lisa deu um sorriso vago. – Se eu sou a *"sexy brazilian writer",* preciso fazer jus…

— Tá soberba. E amarga. – Laila a fuzilou com os olhos.

Era verdade. Ultimamente Lisa não perdia a oportunidade de ser sarcástica, de responder ironicamente as perguntas dos repórteres ou revirar

os olhos para tudo. Estava impaciente, perturbada. Destratava quem estivesse por perto.

Lisa se jogou na cama, cruzando as mãos atrás da nuca… *"Foi isso que eu virei?"* era uma pergunta recorrente que se fazia todas as vezes em que percebia o quanto sua vida mudou, mas mais o quanto ela tinha mudado. E outra pergunta era inevitável: *"Escolhi o melhor caminho?"*. Imediatamente a mente travava um duelo, com a razão sempre vencendo: era claro que tinha escolhido o melhor caminho!

Quando chegou a São Paulo três anos atrás, Vicente estava com aquele olhar triunfante, de quem tinha acabado de descobrir um baú de tesouros. E foi com a simples questão: "Quer mais sucesso?" que o caminho que ela percorreu até ali começou a ser construído. Ou foi antes, com o primeiro romance, escrito em meio a lágrimas, pensando no cara popular da escola? Lisa não tinha mais certeza.

Apenas se deixou levar como se um pequeno diabo estivesse de cócoras em seu ombro, soprando em seu ouvido: "Saia da zona de conforto. Apenas

saia!”. Estar com Olivier significava conforto. Ele era o cara certo, legal, no qual ela podia ter um porto seguro. Talvez seguro até demais.

Ou não era, pois ela se lembrava da última ligação para Oli, quando ainda pensava que podia voltar atrás, jogar tudo pro ar e voltar para os braços dele, um acesso de loucura apaixonada. Lembrava-se do “Olá, Lisa…” e da risadinha ao fundo que se seguiu… Era a risada de Harmony. Era a voz da DJ, sussurrando ao fundo, ela sabia!

Ela fez uma leitura rápida demais?! Não, não fez… Aquela pequena frase soprada, *“fala que você arrumou algo melhor”*, aquele riso desdenhoso… Tudo aquilo tinha muito significado para Lisa.

Aquilo a fazia lembrar novamente do primeiro amor, do quanto amou Julio, aquele amor infantil, quase adolescente, de bilhetinhos e dividir merenda. Ela tentou. Ela enviou bilhetes ao menino e foi ignorada. E ouviu no banheiro as meninas cochichar e rir dela, do amor que ela sentia. “Até parece que o Julio vai gostar daquela preta”. As palavras nunca foram esquecidas.

Ouvir a voz de Harmony, ouvir que seu amor tinha arrumado algo melhor era reviver dores que ainda eram presentes em seu íntimo mais profundo. E era a desculpa perfeita para sair da vida de Oli. Ela estava se distanciando, ela estava com a agenda cheia… Era o caminho natural.

E agora Lisa estava escolhendo o vestido para ir ao Oscar. O filme não concorria ao maior prêmio, mas concorria pelo roteiro adaptado, o que para ela era o maior prêmio. Estaria entre atores e atrizes conhecidos mundialmente… será que seria reconhecida mundialmente? Cada vez que sua mente fazia essas voltas, ela se beliscava. Tudo parecia um sonho.

— Vicente conseguiu colocá-la sentada ao lado do Sam Cooper. Por mim, Lis, prometa. Você não cairá na lábia dele. Estou falando sério. – Laila suplicava, enquanto Lisa fingia não ouvir, escolhendo as joias que usaria.

Sam era o galã do momento. Tinha aceitado fazer o par da heroína, papel que coube à Mia Clarke no filme, a mais nova queridinha da América. Lisa

nem acreditou quando soube. Ele era o exemplo perfeito da fábrica de sonhos que era o cinema americano, um cara que – pelas fotos antigas e de família, descobertas por revistas – era comum, até um pouco esquisito, mas que de repente virou o "Mister Absolutamente Perfeito". Agora era o ator mais cobiçado de Hollywood e também o mais mulherengo. Já tinha saído com todas as beldades disponíveis e havia boatos de ter saído com pelo menos duas não tão disponíveis, uma delas com um marido que não o queria ver por perto. E agora ele estaria sentado ao lado dela. Olhou para o vestido vermelho, com uma fenda provocante, um decote revelador… Lisa corou.

— Está me ouvindo, Lis?

— Ouvindo eu estou, só não estou entendendo o que você quer dizer, mana…

— Está. Sim. Senhora. Lis…

— Ok! Eu mantenho minha regra. Onde se ganha o pão…

— … não se come a carne! – Completou Laila.

***

“And the Oscar of best adapted screenplay goes to… “Mists of Illusions"!”.

Lisa demorou a processar a informação, sentindo a luz forte dos holofotes do teatro correrem para captá-la. Estava em êxtase, era a coroação de um sonho que parecia distante e inalcançável, mas era ela ali, em carne e osso sendo premiada, sob holofotes, ao vivo para o mundo todo e sendo surpreendida com um beijo estalado de Sam. Ao vivo. Para o mundo todo.

Sam Cooper piscou para Lisa e disse “We won!”. Ela ainda estava com uma cara de idiota, pensando no “ao vivo para o mundo todo” que reverberava em sua mente. Ficou ali sentada, observando a equipe de roteiristas se levantar das cadeiras sorridente e vibrante, e então uma mão a puxou, fazendo-a se levantar e acompanhar aquela onda de alegria.

De repente estava no palco junto com todos eles, a música diminuindo e o roteirista principal fazendo um breve discurso que ela não conseguiu

acompanhar diante da tempestade que travava internamente, mas sorriu quando ele a olhou. Devia ter dirigido algumas palavras diretamente a ela, depois ela veria.

Então percebeu que o roteirista lhe acenava para que viesse ao microfone e Lisa se apavorou. Ela não tinha se preparado para nada daquilo, nada, nada daquilo. Foi sendo “empurrada” pela equipe até estar diante do microfone e da plateia, todos aguardando suas palavras. Em um inglês bem articulado agradeceu mentalmente aos pais pelas oportunidades dadas, inclusive a do curso de línguas, e então começou seu discurso improvisado:

— Estou muito feliz… E surpresa. Foi um caminho longo até aqui, se considerar toda a minha bagagem de vida. Não é fácil ser mulher, seja em qual parte do mundo for. Mais ainda se você for preta como sou, mas acho que a maioria aqui não vai entender o quanto esse prêmio representa. Eu tive oportunidades que muitas não tiveram e mesmo assim, MESMO ASSIM, não foi fácil até ser descoberta. O meu talento me salvou de muito

preconceito, mas não de todos. Eu sei que sou privilegiada. São raras as mulheres pretas que, como eu, conseguem chegar até aqui. Basta olhar em volta. Contem quantas somos. Dá para contar nos dedos nesse mar de gente. Agradeço aos meus pais pelas oportunidades que tive, oportunidades que podiam me ter sido negadas facilmente. À Laila, pelo suporte e ao Vicente, por acreditar, Becca… Bia! Agradeço pela aposta!

Lisa parou por um segundo, surpresa por ter se lembrado daquela aposta que nos últimos anos fez tanto esforço para esquecer. As palmas cessaram, e ela continuou. – E a você, Oli. *Je t'aime.*

A música de fundo já tinha sido aumentada quando essa declaração saiu da boca de uma Lisa completamente emocionada. Os aplausos eram altos, talvez suficientes para abafar aquela confissão que nem ela mesma sabia como tinha saído.

Naqueles curtos segundos Lisa acordou para a realidade e percebeu a verdade: aqueles três anos não acabaram com o amor. Os anos de distância

acabaram com as chances de estarem juntos, acabaram com a segurança e a confiança daquela relação, mas não com o amor.

Foi um caminho diferente, uma encruzilhada que surgiu e que fez com que cada um seguisse por caminhos diversos, mas caminhos podiam se cruzar novamente. Lisa se sentia mais segura, mais madura e talvez era isso que falta para ela. Era hora de voltar? Lisa estava se questionando mentalmente quando voltou ao seu lugar, sendo recebida por Sam Cooper.

— Quem é Oli?

— Um grande amor.

— Você está com ele?

— Não mais…

Sam piscou e passou o braço por trás do ombro de Lisa, que se sentiu desconfortável, mas não tinha como sair dali. *"Será que Oli estava assistindo?",* se perguntava. Pegou o telefone, abriu o aplicativo de mensagens… digitou uma pequena frase, um "Ganhei um Oscar!", uma mensagem como aquelas

que costumava enviar um para o outro até um ano atrás… Se deu conta de que havia se passado um ano sem mensagens, sem contato algum.

Os olhos de Lisa perderam o brilho quando percebeu o que deixou acontecer. Ela se distanciou. Mas por que ele também deixou isso acontecer? E então se lembrou de que era ela que nunca tinha tempo… Lembrou-se de que Oli tentou sim, ele ligava e enviava mensagens carinhosas que ela não respondia. Oli também era orgulhoso e ela bem sabia disso. Ela o feriu.

Deixou a mensagem no rascunho enquanto ouvia Sam lhe convidar para a festa pós-premiação. Sorriu, mas declinou. O que quer que precisava fazer para provar seu valor terminou naquele momento. Ela estava ali com seus esforços e seu talento coroados, a satisfação pessoal e profissional estava concluída para ela, não precisava de mais nada, ela tinha um Oscar para chamar de seu.

Agora ia tentar reparar o que julgava ser quase impossível, mas se ainda usava um “quase” para se referir àquele amor era sinal de que lá no fundo

reconhecia que havia chance. Tinha que ter. Estava na hora de uma outra aposta ousada e que valia mais que brincos… valia sua felicidade plena com aquele que era o seu verdadeiro amor.

***

"Ela mudou, ela não é mais a minha Lisa…".

Olivier estava em casa naquela madrugada de domingo… Harmony estava deitada no sofá com um balde de pipocas em cima da barriga e Ele estava no chão, as costas apoiadas no sofá, o cabelo sendo engordurado com os dedos da DJ enquanto ele também engordurava os pelos de Petit, deitado preguiçosamente em seu colo.

A cerimônia do Oscar era longa, mas ele sabia que ela apareceria e queria vê-la. Tinha evitado as notícias sobre Lisa nesse último ano, logo quando pararam de estabelecer qualquer contato. Passou a destinar o mínimo possível de pensamentos para aquele amor frio e distante, pois era o que ela lhe destinava… O mínimo. Ela se distanciou, até que nunca mais se falaram e então ele seguiu em frente… Olivier e Harmony estavam morando

juntos.

Quando o apresentador anunciou os concorrentes na categoria de melhor roteiro adaptado o coração de Oli disparou… *"Merde!"*. Olivier praguejava pela reação que teve e pelo puxão de cabelo que levou. Harmony estava atenta, os olhos voltados para ele. A câmera focou cada concorrente e ele a reconheceu no meio de várias pessoas. Era ela… Harmony puxou o cabelo com mais força e ele gritou um palavrão dessa vez, assustando-a, fazendo pipoca voar para todo o lado e um gato assustado se jogar para cima do sofá.

Quando restabeleceram a ordem em meio ao caos que ficou a sala, Lisa já discursava. Conseguiu entender o inglês dela perfeitamente e se emocionou com aquele discurso empoderado, emocionado e ovacionado, o teatro parecia que ia abaixo com tantos aplausos e gritos. E, apesar da música e dos aplausos, leu os lábios dela. Ela disse *"Je t'aime'?!, "Sim, ela disse. Pra mim."*, ele constatou, confuso.

Depois de todo esse tempo. Ela disse que o amava.

Ela usou o discurso no Oscar para isso. Depois de três ano, o último ano de completo silêncio. Ela disse que o amava. *"Porquoi?!"*.

Olivier voltou à realidade com o barulho da porta do quarto batendo.

— Harmony! *Cher!*

— Você é um completo idiota, Olivier! Completo idiota!

— O que eu fiz?! Não fiz nada, *mon cher*...

— Enfia esse querida… você sabe onde. VOCÊ É UM IDIOTA.

Ele deixou o corpo escorregar na porta do quarto, até se sentar no chão, com raiva dele mesmo e dos sentimentos que tinha deixado aflorar. Deixou que aqueles sentimentos transparecessem a ponto de, novamente, magoar Harmony. Todo o esforço que fez naqueles últimos anos não foi suficiente, não resistiu aos segundos em que viu Lisa dizer que o amava.

Tinha julgado estar preparado, que veria Lisa e teria a certeza de a ter superado. Ledo engano.

Estava com uma confusão enorme dentro de si, avolumando-se, gerando perguntas que não tinha como responder. Não agora.

— Harmony, abra essa porta…

Ele ouviu o barulho da chave girando e disfarçou o sorriso, permanecendo como estava, apenas uma tentativa de amolecê-la se fosse necessário. Já estava preparado para se virar e pedir todas as desculpas do mundo quando foi atingido por um travesseiro. Harmony jogou, além do travesseiro, uma coberta em cima dele. A última sensação foi de uma forte brisa quando a porta voltou a fechar com toda a força.

— Hoje o sofá é todo seu, idiota.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 15

Harmony tentava segurar as lágrimas enquanto abraçava os joelhos. Estava no meio da cama, aquela que dividia com Oli. A cama que dividia com o corpo de Oli porque, no fundo, ela sabia que aquele relacionamento tinha prazo de validade e que ele nunca foi dela, nem por um breve momento.

Os olhos dele quando a olhavam tinham mais compaixão que paixão… não era amor. Nunca foi. E ela sabia disso, mas aceitou mesmo assim por não estar preparada para ficar só, não naquele momento. Sentia-se destruída por dentro, um vaso quebrado para o qual nenhuma cola seria eficiente. Os "idiota" que gritou ecoavam em seu cérebro, inicialmente dirigidos a ele, mas agora eram todos para ela. Sentia-se uma idiota por ter embarcado naquele navio sabendo que a cabine principal não era dela.

"Como uma transa inconsequente e motivada por uma aposta imbecil conseguiu fisgar o cara?",

“Como ele pode achar que ela é melhor que eu!”, nada disso entrava na cabeça de Harmony. Olivier era um sujeito inteligente, sensível, às vezes muito turrão, mas quando se tratava de Lisa, virava um completo idiota.

Concorrer com um fantasma era injusto. Na verdade, sabia que não tinha concorrência em uma batalha já perdida. Ela era uma espécie de prêmio de consolação?! Não queria mais pensar sobre isso porque doía, e deu vazão àquela dor chorando compulsivamente.

A violência que sofreu doeu muito, recuperar-se ainda fazia parte de sua realidade, tinha a impressão de que nunca deixaria para trás a tragédia. Só que, naquele momento, doía muito mais estar naquela cama vazia enquanto o cara que amava estava no sofá, provavelmente pensando no fantasma.

Achava estranho sentir muito mais por esse momento que por tudo que tinha vivido e que era muito mais trágico que um cara idiota dormindo no sofá. Talvez porque a violência se deu enquanto ela estava praticamente desacordada, inconsciente e à

margem do abuso que sofria, Harmony não sentia a repulsa que ouvia das outras mulheres do grupo de apoio. Mas se sentia com menos valor.

A DJ estava consciente de que escolheu viver com um homem que não a amava da forma que ela queria e estava colhendo frutos bem amargos disso. Ela aceitou o menos porque achava que não merecia mais. E achava que estava tudo sob controle e caminhando bem. Morno, mas bem. Até aquela maldita premiação. O cara viu a mulher na TV e ficou enfeitiçado! Era surreal!

Ela precisava sair dali. Sorriu um sorriso raso quando pensou no ano que viveu com Oli. Foi um bom ano apesar de tudo, não ia deixar a mágoa apagar tudo aquilo. Passou a noite em claro, reunindo as coisas que tinha no quarto e colocando tudo em uma mochila… não tinha muita coisa, boa parte do que tinha ainda estava no antigo apartamento, agora ocupado por Diana. A amiga a receberia, tinha certeza disso. Tomou um banho, arrumou-se e saiu antes de o sol nascer, passando por um Olivier adormecido no sofá, torto e

desajeitado, tendo apenas Petit como testemunha de sua despedida.

No meio do caminho, ligou para Diana, recomeçando o choro. Despejou toda a dor, a amiga lhe amparando até que conseguisse chegar ao apartamento. Diana esperava na porta, com a bolsa a tiracolo.

— Amiga, não vamos ficar aqui, não podemos.

Harmony a olhou surpresa. A amiga estava com os olhos distantes, vidrados e parecia estar em outro mundo.

— Está tudo bem com você, Di?

— Oi? Sim, sim… está sim. Não se preocupe, só temos que ir para outro lugar e agora.

— Di, você está chapada?

Diana não respondeu. E Harmony não se importou. Estava cansada demais até para tentar lidar com aquilo. Talvez aquilo fosse o caminho certo a seguir, estar fora da realidade, seria menos doloroso.

— Vamos para um lugar onde ninguém vai nos

encontrar, não agora.

As palavras da amiga eram como um alento. Um lugar onde não seria encontrada era tudo o que Harmony queria. Uma saída fácil. Um refúgio.

— Confie em mim.

***

"Não me procure. Só voltarei para buscar algo que tenha esquecido e apenas se eu precisar. Seria bom se você separasse e deixasse perto da porta, caso ache algo que seja meu. Foi bom, Oli, de verdade, mas acabou. Converse com Rebecca, não irei mais ao Merci".

O bilhete estava embaixo de um copo. Olivier só o viu quando foi tirar Petit de cima da mesa. A confusão na sua cabeça só aumentou… tinha acordado e visto a porta do quarto aberta e o alívio tinha tomado conta de seu corpo. Sorriu, um sorriso que logo foi afastado de seu rosto, quando entrou no quarto e viu que nada que lembrasse a presença de Harmony estava ali. Era como se ela nunca tivesse estado ali.

Olivier rodou pela casa e viu que algumas coisas ainda estavam lá, uma calcinha pendurada no varal da pequena área de serviço, a caneca do Daft Punk no escorredor de pratos. Poucas coisas. E agora se deparava com o bilhete. O que tinha dado tão errado ontem?! Ele não estava preparado para nada daquilo. Julgou-se forte, mas foi só ver Lisa na TV para liberar sentimentos que estavam intocados, escondidos em seu íntimo mais profundo.

Estragou tudo, deixou transparecer tudo o que lutou para encobrir. Tinha magoado Harmony novamente e precisava consertar isso. Enquanto alimentava Petit tentou ligar para a DJ várias vezes. Todas as ligações foram recusadas. Colocou uma roupa qualquer e saiu com um rumo certo porque sabia que só tinha um lugar para o qual Harmony iria, o antigo apartamento. Eles precisavam conversar, não era uma necessidade de explicar o que não tinha explicação, e ele sabia disso.

Tinha que ser sincero se fosse para “se explicar” e achava que a sinceridade seria cruel demais. Não queria ter que dizer à Harmony que estava com ela

por comodidade, por uma espécie de culpa e por amizade também. Porque era isso, era essa a verdade, era ótimo estar com ela, mas ele tinha absoluta consciência de que nunca daria a ela o que ela realmente queria e merecia.

Não era algo que ele pudesse escolher. Se pudesse, por óbvio nem vacilaria, a escolheria sem pensar porque era mais fácil, mais tranquilo... não podia dizer nada disso a ela. Seria cruel demais, depois de tudo o que ela passou. Ela sempre mereceu muito mais do que aquele arremedo de amor.

Andou em passos largos, mas quando bateu à porta ninguém atendeu. Então ligou para Max.

— Você viu a Harmony? – O tom preocupado o denunciou e Max bufou do outro lado da linha, despertando Rebecca.

— O que você fez com ela, Oli?

— Calma, cara. Eu, eu não a machuquei. Não fisicamente.

Max estalou a língua. — Que merda, Oli! O que aconteceu?

— Eu… você vai pro Merci que horas?

— Estarei lá em meia hora. ESTEJA LÁ.

Max estava furioso quando desligou. Beijou Rebecca e disse que ela continuasse dormindo, enquanto se levantava e tomava um banho rápido. Precisava saber a extensão dos danos e tentou ligar para Harmony várias vezes, mas ela não atendeu. Ligou também para Diana, sabia que a DJ estaria com ela, mas nada. E ele sabia que não era bom a amiga estar com Diana, não naquele momento. Os hábitos de Diana eram de drogas e festas, um ambiente tóxico para uma pessoa com tantas tragédias como Harmony.

O barman se irritou ainda mais. Ele não queria sua amiga sofrendo, mas também tinha consciência de que a escolha foi dela. Ele disse para ela não se envolver profundamente… ela sabia que Olivier não a pertencia, mas resolveu arriscar.

Quando leu no jornal que o filme em que Lisa roteirizou estaria concorrendo ao Oscar, soube que algo aconteceria. Sabia que o amigo francês não estava preparado para ver Lisa, aquele amor fazia

parte de um passado muito recente. Um passado que não tinha passado. Agora teria que arrancar as informações de Oli e sabia que seria uma árdua tarefa.

Lisa era o problema, ele tinha certeza disso! Aquela mulher fez o amigo de trouxa e Oli aceitou, pior, ficou de quatro! Ele tinha sido simpático com ela no início, mas depois de tudo que aconteceu, depois que ela ignorou totalmente o amigo, já não guardava qualquer sentimento positivo. Se ela era o foco daquele provável incêndio, Max ajudaria a apagar. E, se possível, iria afastá-la.

***

— Estou voltando para casa.

— Você está em casa.

— Você me entendeu muito bem, mana. Estou dizendo que vou para casa, para Vitória. – Repetiu Lisa, completando a decisão, materializando seus pensamentos.

— Como assim, Lis?! – Laila estava surpresa no meio da sala, olhando diretamente para Lisa,

impassível no sofá.

— Assim como eu disse. Eu cheguei ao que considero ápice. Não tenho nenhum outro compromisso importantíssimo por aqui que não possa ser cancelado… Entrevistas, se necessárias, podem ser feitas por telefone, Internet…

— Lisa, o que está acontecendo?!

— Mana, eu escrevo melhor lá, eu vivo melhor lá…

— Você quer me convencer com esse papo? Depois de três anos aqui?! – Os olhos de Laila ainda estavam arregalados. A irmã deu de ombros. – Os aplausos podem ter abafado, Lisa, mas eu sei o que você fez ontem!

— Eu…

— Eu não estou te recriminando. Ao contrário, fico feliz por você ter se dado conta dos seus sentimentos, se é que foi isso que aconteceu.

— Eu o amo… Oli.

— Eu sei. – Laila sentou-se ao lado dela. A irmã sempre sabia.

— Queria tê-lo esquecido, mas parece uma maldição! Eu o afastei dos meus pensamentos tantas vezes… E todas as vezes ele voltou muito mais forte! – Lisa não conseguia conter as lágrimas e nem mesmo queria isso. Ela precisava daquele choro, já não suportava mais aquela postura forte que tinha se obrigado a assumir. — Droga! Eu sou uma fraca!

— Não, não é. – Laila a forçou olhá-la. – Você é a pessoa mais forte que eu conheço, Lis. Você abriu mão de um relacionamento considerado perfeito para viver sua carreira de sucesso… precisava escolher? Não sabemos, nunca saberemos, mas vocês estavam vivendo momentos diferentes, isso era inegável. E você se permitiu, deu um passo que muitas mulheres não dariam.

— Ele nunca vai me perdoar, Laila. De novo não… eu fui egoísta, eu deixei o sucesso subir à cabeça, eu arrumei desculpas esfarrapadas para me distanciar. Eu o magoei e sei disso! – Lisa parecia um grande vendaval, despejando tudo que estava represado na consciência.

— E vai voltar mesmo assim?

— Eu preciso! Mesmo sabendo que errei feio, eu preciso ouvir dele o “não”. Preciso. – Lisa se levantou e olhou para a irmã. – *“Quando se aposta na vida, as chances são de 50/50. O "não" tem a vantagem, mas os bons apostadores estão sempre atrás do "sim"*! – Lisa falou em tom soturno, como se declamasse um poema.

Laila sorriu. Ela tinha lido essa frase em um rabisco de Lisa, no caderno que a irmã mantinha sempre por perto para anotar suas ideias. Era nítida a expressão decidida de Lisa. Ela não ia se opor. Nunca tinha se apaixonado a ponto de viver situações assim, era pragmática demais para cair de cabeça em um relacionamento, mas não era cega aos sentimentos. A irmã estava amando e relutou sobre isso nos últimos anos, virando uma pessoa quase desconhecida para ela não fossem aqueles olhos sem brilho, denunciando que algo não ia bem. Ela tinha recobrado o brilho nos olhos, e isso não podia ser ignorado.

— Você vai quando? – Laila também se levantou

e pôs-se a enxugar as lágrimas da irmã.

— Se você conseguir uma passagem para hoje… já tenho as malas prontas!

— Você está preparada…

— Para não reconquistar Olivier? – Lisa completou a fala da irmã. – Não, não estou. Te confesso que estou morrendo de medo. Mas preciso tentar.

— Vocês nem terminaram…

— Eu sei. Eu ferrei tudo, eu me afastei, fiz merda mesmo. Mas eu sinto que o que temos, mesmo sem construção alguma, é forte. Eu não o tirei da cabeça e espero que ele tenha feito o mesmo.

— Ai, Lisa, não quero ver você sofrer. – Laila estava com um olhar preocupado, segurando o rosto da irmã com força.

— Mana, fica tranquila. Resolva tudo aqui e volte logo também. Esse lugar aqui… não é nosso lar!

— Eu sei. Esse lugar fez a Lis que eu conhecia se perder. Eu vou comprar sua passagem.

— Obrigada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por favor, faça valer a pena.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 16

O chão do Merci estava brilhando, mas para Olivier não era suficiente. Ele continuava a esfregar e lavar, tentando limpar também a mente. Não estava sendo o bastante – aliás, era, sim, suficiente para irritar Max, que olhava aquele esforço inútil e bufava.

— Cara, você está perdendo tempo…

— Max, *non*! – Olivier levantou a mão para o amigo, ordenando que parasse qualquer possível discussão por ali. Seria inútil.

— Eu sabia que você ia ferrar tudo com a Harmony. Sabia, cara. Você não podia ter entrado nessa…

— Falar agora é fácil, né, *mon ami?* Quando ela mudou lá pra casa, você abriu *champagne*!

— Eu torci por vocês, sim! Vocês são parecidos, esquentados, um pouco inconsequentes… dois cabeças duras! E ela precisava de alguém. Ela gosta de você.

Oli bufou, levantando-se do chão de um salto, as mãos à cabeça.

— Eu sou um *imbécile*...

— Imb…

— Tá! TÁ! – Olivier cortou a correção de Max e foi para o estoque, xingando mais um bom número de palavrões. Max o seguiu.

— Isso não vai adiantar nada, porra! Você fica aqui, se xingando, limpando o chão… E ela?!

— Eu não a achei. Ela não voltou ao apartamento antigo. Nem a Diana está lá. Sumiram. – Oli deu um soco na prateleira, olhou em volta.

Aquele estoque guardava momentos picantes, mas também guardava outra bola fora de Oli… foi ali que ele transou com Harmony e sussurrou o nome de Lisa, ferrando tudo mais uma vez. Olivier se sentia mais culpado a cada minuto. Pensava que tinha construído um castelo de cartas para Harmony, um castelo bem frágil e que estava ruindo bem rápido. Ou já estava arruinado e ele nem se deu conta?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Minha vontade é te dar um soco na cara… – Max soltou, as mãos fechadas, a expressão bem séria.

— Bate! Bate aqui. – Oli apontou para o próprio queixo. – Bem *fort*. *Un KO.* – Olivier fechou os olhos e esperou.

— Deixa de ser idiota, cara! Não vai adiantar eu bater em você. O que você fez está feito, não tem volta, Oli.

— Você acha que ela não vai me perdoar?

— Você perdoaria?

— *Non*... não sei.

— Você só perdoa aquela mulher… – Max abaixou os olhos. Sempre que falava de Lisa não olhava para o amigo. Ele não sabia explicar o que sentia, mas não curtia a dinâmica entre eles. Achava que Lisa brincava com os sentimentos de Oli, que ela era uma egoísta, só pensava nela, no sucesso dela. Ele também sabia que era amigo demais de Harmony e que isso influenciava seu julgamento.

PERIGOSAS ACHERON

— É diferente.

— Diferente o quê, Olivier?! Ela fez você de idiota! Harmony não fez… ela abriu os braços para você…

— Você não está ajudando, Max…

— E você só soube continuar lambendo o chão da Lisa!

— Para, Max…

— Bastou ver a mulher na TV… na TV! Mas que merda! A mulher está lá no outro hemisfério, Oli!

— Max!

— Você…

O soco foi impensado e inconsequente, como o amigo o classificava. Olivier não se conteve e nocauteou Max, fazendo-o cair em uma pilha de panos de copa e toalhas de papel, a mão esbarrando em alguns copos, fazendo um belo *strike* e deixando vários cacos no chão. Max não teve sequer reação, tão rápido foi o golpe.

— *Merde! Stupide! Imbécile! Asshole!*

Olivier amparou o amigo, segurando-o pelo ombro

e esperou Max recobrar os sentidos. Speed veio correndo assim que ouviu o barulho de vidros se quebrando. Quando se deparou com a cena, ficou estático na porta do estoque.

— Rápido! Pegue gelo! – Ordenou Oli, tirando Speed daquela inércia.

— Você… bateu… – O bartender balbuciava, assustado.

— *Oui*… – O francês estava envergonhado. Mais uma vez, agiu sem pensar nas consequências.

Max estava recobrando os sentidos devagar. Sentiu o saco de gelo no queixo e piscou os olhos, dando de cara com o amigo e aquela cara de quem estava muito arrependido, mais uma vez. A raiva cresceu em si, fazendo com que o empurrasse. Olivier estava de cócoras e se desequilibrou, batendo as costas em um dos armários, fazendo um barulho surdo que chamou a atenção de Speed novamente. O bartender chegou à porta do estoque arfando.

— Pessoal, por favor… daqui a pouco abrimos…

— Desculpa, Max. – Olivier levantou as mãos em

rendição. – Eu, eu…

— Oli, cala a boca. – Max respondeu entre os dentes.

Olivier se levantou calado e saiu do estoque, passando por Speed e seus grandes olhos, atentos ao menor sinal de um novo estopim. Oli tirou o avental, recolheu o balde e o escovão. Depois, lavou as mãos, principalmente a que estava latejando por causa do soco e logo saiu pelos fundos, batendo a porta. Estava em uma bola de neve de acontecimentos desastrosos e, coincidentemente, todos se iniciaram em um único ponto – Lisa.

***

A passagem era para dali a dois dias. Lisa estava apreensiva, arrumando as malas quando Vicente entrou no quarto.

— É sério isso?!

— Ei! Eu ia conversar contigo…

— Lis, temos compromissos!

— Ah, Vicente, não força. Eu escrevo, não atuo,

não canto… escrever é uma atividade que eu posso cumprir em qualquer lugar!

"Por que não me dei conta disso antes...", Lisa se lamentava por não ter sido mais firme nessas decisões, mas estava ali, estava tentando mudar o destino mais uma vez.

— Mas, Lis, nós nos estabelecemos aqui! – Vicente choramingou.

— Nós, não. Não fale por mim.

— Você estava feliz aqui. Estava se divertindo.

— Eu não pertenço a esse lugar. – Lisa apontou à sua volta. – Eu quero estar em Vitória. Eu quero…

— Você vai atrás do francês, não é? – Vicente parecia ressentido.

— Também. Sim. Vou, sim. – Lisa confessou e respirou fundo. Sim, ela ia atrás de Olivier. Falar isso era bom.

— Então é inútil eu falar qualquer coisa. Você está decidida. – Vicente se sentou na beirada da cama, ajudando Lisa a fechar a mala.

A moça sorriu e lhe deu um beijo no rosto. No fim

das contas, ele era um bom amigo, empenhado em lhe conseguir sempre o melhor. Não iria ignorar isso.

— Eu não estou abandonando minha vida, Vicente. Vou cumprir os compromissos necessários, vou continuar escrevendo e a nossa parceria é firme. Só te peço que facilite as coisas para mim. Eu quero conciliar minha vida profissional e pessoal. Nós conquistamos o mundo, você sabe disso. Olhe em volta! Mas eu preciso ser feliz também aqui. – Lisa apontou para o peito, as lágrimas quase desabando.

— Eu entendi, Lis. Vou desmarcar o que for excesso na sua agenda, mas, já adianto, você vai fazer umas pontes aéreas!

— Tudo bem. Eu posso lidar com isso.

Os dois se abraçaram. Laila apareceu na porta.

— Sam está na linha, quer falar contigo, Lis. – A irmã fez uma careta, a mão tapando o bocal do telefone.

— Fala que eu estou ocupada, que estou no banho, qualquer coisa!

— Ok, maninha! – Laila desapareceu atrás da porta, a voz sumindo pelo corredor.

Lisa colocou as mãos na cintura e respirou fundo, olhando suas malas prontas. Mordeu os lábios, ansiosa. Faltava pouca coisa, itens de higiene que ela juntaria rapidamente, assim que estivesse prestes a ir embora de verdade, a voltar para casa, finalmente.

Voltar para Oli.

***

— Eu estou bem.

Harmony segurava o telefone com força, segurando o choro. Não queria aparentar fragilidade, não mesmo! Ela era uma sobrevivente, uma lutadora. Ela só precisava de um tempo e aqueles dias à beira da praia estavam sendo reconfortantes. Os pais de Diana tinham uma casa de praia que ficava fechada o ano todo, aguardando as férias e seus “moradores temporários”. Ela e Diana se isolaram ali, para organizar a vida e os sentimentos. E realmente estava sendo legal. Mas a DJ sentiu necessidade de

falar com Max, sabia que ele estaria preocupado. Ele sempre agiu como um irmão mais velho e não seria diferente agora.

— Onde você está?! – A voz de Max estava cheia de urgência e preocupação.

— Não vou dizer, Max. Você vai acabar dando com a língua nos dentes…

— Não vou falar nada com Olivier. Nós brigamos feio. Meu queixo que o diga.

— Ele bateu em você?! Quando foi isso?

— Sim, nos desentendemos dois dias atrás…

— Puta que o pariu! Que idiota!

— Eu provoquei, Harmony. Ele estava aqui igual a um siri na lata, nervoso, esfregando o chão pela enésima vez, comecei a falar e enumerar os erros dele… O soco no queixo foi a cereja do bolo.

— Max, ele não podia ter feito isso…

— Ele não podia ter feito um monte de coisas. Eu podia ter me calado também… as coisas vão se ajeitar. Só vou deixar ele remoer um pouco mais essa coisa toda.

— Você é um santo! – Harmony sorriu.

— Nada disso… Longe de ser. Você vai voltar para o Merci quando?! Preciso que você reveze com a Rebecca e a deixe livre algumas noites, para mim… – Ele riu, indicando que o assunto estava mudando para algo leve, mas confidencial.

— Hmmmm… sei…, mas não tenho boas notícias nesse ponto. Não vou voltar pro Merci. – Harmony declarou.

— Sério?! Poxa, Harmony. – Max levou a mão livre à cabeça, coçando a testa.

— Max, não dá. Não vou ficar aí, olhando pra cara dele… eu sou forte, mas tudo tem limite. – As lágrimas vieram e a DJ fechou os olhos com força, balançando a cabeça para os lados em negação.

Ela não era forte, sabia disso. Queria muito ser. Ela repetia isso como uma oração pessoal: Sou forte, sou uma sobrevivente, uma lutadora! E quando olhava as cicatrizes em seus pulsos, a memória percorria aquele caminho obscuro, as sensações de medo, angústia e dor voltavam. Nessas horas a

oração era ainda mais forte. Ela superou coisas muito maiores que Olivier. Ela daria conta.

— Eu te entendo, minha querida. – Max finalizou. Ele estava aliviado por saber que ao menos pelo tom de voz ela parecia bem.

— Bom, eu vou ficar fora do radar por mais um tempo, Max. Quando eu voltar para Vitória, eu te aviso.

— Você viajou?! – Ele perguntou, a curiosidade aflorada pelo excesso de mistério da amiga.

— Quase isso. – Ela riu, entendendo o lado curioso do amigo. – Não se preocupe, sério mesmo. Eu estou bem. Acabou, só isso. – Essa última frase Harmony disse quase apenas para si.

— Ok, Harmony. Conte comigo. Sempre, por favor.

— Eu conto.

— Dê um beijo em Diana.

Ela sorriu e se despediu, desligando o telefone e colocando-o no bolso de trás do jeans. Não ia preocupar Max mais do que o necessário. Diana a

esperava na areia da praia, perto da faixa do mar, conversando com aquele rapaz que parecia saído de um livro de fantasia, o do violão colorido, calça jeans rasgada e puída, camiseta tão colorida quanto o violão. O cara tocava um reggae enquanto Diana acompanhava com palmas, totalmente chapada mais uma vez.

Harmony sentou-se perto deles e começou a fazer um *beatbox*, atraindo a atenção e o sorriso do cara. Ele era bonito, mesmo com aquele estilo despachado, bagunçado, drogado. Diana sorriu para ela.

— Está tudo bem?

— Vai ficar.

***

A ida ao velho apartamento, o lar doce lar, foi apenas para deixar as malas. Dessa vez, diferente de todas as outras vezes e decisões exaustivamente pensadas, Lisa não quis perder tempo. A viagem de longas horas só serviu para alimentar ainda mais a urgência de ver Olivier. Ela só precisava ver. Não

precisava falar com ele, não agora. Talvez só o olharia através das janelas francesas do Merci. Mas precisava vê-lo o quanto antes. O coração já estava disparado antes mesmo de isso acontecer. Pegou a velha bicicleta, passou um pano para tirar o excesso de poeira e passou em um posto de gasolina apenas para usar o calibrador e encher os pneus, que estavam bem vazios. Quando chegou à frente do Merci, o bar estava aberto, mas ainda vazio. Oli não estava à vista.

Esperou uns bons minutos pacientemente, olhando pela janela, atenta a todos os movimentos do bar, inclusive ao movimento de Max em sua direção. Ele estava com a cara fechada, as mãos nos bolsos da calça… ela ficou em estado de alerta.

— Ora, ora, se não é a estrelinha de Vitória… – Desdenhou Max, olhando Lisa de cima a baixo.

— Oi, Max. Oli está aí?

— Não, não está. Você veio vê-lo, Lisa? Finalmente?

Ela abaixou a cabeça e respirou fundo. Não achava que devia explicações a ele, mas entendia a rispidez

do cara. *"Ele é amigo de Oli e eu ferrei o que tínhamos"*, pensou. Olhou novamente para Max, um sorriso conciliador formando em seus lábios.

— Eu precisei ficar um tempo fora, Max, meu trabalho…

— Um tempo?! TRÊS *fucking* ANOS, para ser bem exato.

— Opa, calma aí, Max! – Lisa o olhava surpresa. – Olivier contratou você como bartender ou advogado da vida pessoal?!

A brincadeira não foi bem interpretada. Max tirou as mãos do bolso e segurou o guidom da bicicleta com força.

— Você devia ter ficado onde estava, Lisa Schneider. Você só fode com tudo o que toca. Aliás, mesmo longe você é nociva.

— Eu não estou te entendendo…

— Olivier não merece alguém como você. Sua egocêntrica.

As palavras foram ditas com calma e ponderação, mas a força delas tinha gosto de metal e cortou os

ouvidos de Lisa, como uma faca bem afiada. Ela chegou para trás instintivamente, fazendo com que Max soltasse a bicicleta. Foi a única reação que conseguiu ter. Deu meia-volta e saiu em disparada, pedalando o mais forte que podia, quase esbarrando em alguns pedestres que atravessavam a rua.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 17

De repente, a adolescência batia à porta da alma de Lisa, deixando-a da mesma forma que se sentia aos 15 anos, com as roupas folgadas, tentando esconder as mudanças do corpo, o jeito estabanado e a vontade de ser apenas parte de alguma coisa. *"Você é nociva", "Você só fode com tudo", "Não merece alguém como você", 'Egocêntrica"*... As frases se repetiam em sua mente e se confundiam com outras, de tempos passados: *"Você nunca terá o nosso nível", "Você não serve como companhia", "Não a convide", "Essa escola não tem espaço para alguém como você"*.

Ela nunca tomaria parte naquele mundo? Nunca teria o seu lugar? Tudo aquilo doía e eram mágoas, medos e frustrações presentes e passados, misturando-se, sufocando a ponto de tornar difícil pedalar. Lisa parou a poucos metros de casa aos prantos. Um pedestre parou e perguntou se estava tudo bem, ao que ela respondeu com a cabeça afirmativamente, apesar de estar longe de ser

verdade.

Nada estava bem. Lisa empurrou a bicicleta pelo resto do caminho e foi direto para o banheiro e ligou o chuveiro para misturar suas lágrimas à água quente. O interfone tocou e por um segundo ela desejou que fosse Oli, mas ao atender a voz de Bia a fez lamentar a realidade em que estava. Deixou a amiga subir e abriu a porta desanimada. Bia e Becca apareceram no corredor com dois packs de cerveja nas mãos e uma sacola de supermercado. Os sorrisos foram cessados imediatamente, assim que olharam para a cara triste da amiga.

— A gente veio te dar boas-vindas… – Rebecca abraçou Lisa, deixando que a amiga chorasse em seu ombro.

— Ai, Becca… – Lisa soluçava.

— Vamos entrar! – Bia empurrou as amigas com cuidado para dentro, fechando a porta e colocando as coisas na mesa. – O que é isso?! O que está acontecendo, Lis?!

Lisa se jogou no sofá, puxando uma almofada para

si, a posição de defesa quase fetal, de uma pessoa acuada e com medo. Ela despejou o que aconteceu enquanto Bia abria as cervejas e passava as latinhas para as amigas. Becca bufava, indignada com a atitude de Max.

— Não acredito que eu tô trepando com esse idiota! – Rebecca sibilou.

— Calma. Ele foi estúpido sim, mas ele estava defendendo o amigo…

— Ah, para, Lis! Ele não tinha que ter se metido em nada disso! O papo é entre você e o francês, ele não tem nada a ver com o que acontece entre vocês! Não tem! – Becca estava a ponto de explodir. – Eu vou tirar satisfação com ele, ah vou!

— Não faça isso. Por favor!

Becca bufou.

— Deixa a poeira baixar… – Bia ponderou. – Não sofre por antecipação, Lis. Ele disse o que ELE pensa, não o que o Oli pensa. Você não encontrou o cara ainda…

— Agora nem sei se foi uma boa ideia voltar… eu, eu ferrei tudo…

— Você não sabe ainda! – Becca deu um gole na cerveja. – Você precisa encontrar o cara, não o cara que se acha porta-voz do cara… ah, embolei, mas você me entendeu. – Outro gole.

— Você parou de fumar? – Lisa observou. Rebecca estava na conversa desde o início sem nenhuma pausa…

— Ela parou. Por causa do Max, do "idiota"... – Bia brincou. Rebecca fez uma careta.

— Parei. Agora estou careta, quase saudável. Quase.

— Caramba, eu perdi tanta coisa… – Lisa limpou o rosto e fungou.

— Mas ganhou muita coisa também. Prêmios, sucesso, dinheiro, realização profissional… – Bia foi enumerando, contando nos dedos tudo o que lembrou de positivo. – Você fez uma escolha lógica. Se fosse um homem em seu lugar, teria escolhido da mesma forma e não estaria se

culpando…

— Porque teria uma mulher largando tudo e o acompanhando… – Rebecca observou. – Ai! – E levou um beliscão de Bia. – Lisa, as coisas aconteceram como tinham que acontecer e pronto. Ninguém questionaria um homem por fazer o que você fez. E nem o chamariam de "egocêntrico"... – Becca desdenhou da palavra.

— Você pretende ficar até quando? – Bia estava agora ao lado de Lisa, segurando a mão dela enquanto falava.

— Pra sempre. Conversei com Vicente, pretendo tocar tudo por aqui, só viajar para cumprir compromissos estritamente necessários. E ele topou. Chegamos a um ponto em que posso fazer algumas exigências, né?

— Então só falta encontrar o cara… – Rebecca chegou mais perto, juntando-se às amigas.

— E se ele me destratar? – Lisa estava ansiosa e receosa de tudo, principalmente depois das palavras de Max.

— Se ele fizer isso, Lisa, quem estará perdendo é ele. Só isso! – Falou Bia com convicção.

— Concordo! – Becca sorriu para Lisa, incentivando-a.

Lisa sorriu de volta, um sorriso tímido, quase inexistente. Talvez porque não refletia a apreensão que ela guardava em si. Encontrar Olivier estava se tornando um evento muito maior, com dimensões que ela não tinha considerado. Estava com medo de ter uma recepção fria, magoada ou, pior, cheia de palavras duras demais para engolir e aceitar. Mas pior mesmo era pensar que se essas palavras viessem, havia motivo. Lidar com isso era a questão.

As amigas mudaram o rumo da conversa, afastando um pouco as preocupações de Lisa. As novidades foram contadas, as cervejas bebidas e, ao fim, as risadas regadas a álcool prevaleceram.

— Que beijo foi aquele, Lis?! Sam Cooper! Garota, quando você resolveu sair da redoma e ganhar o mundo não foi pra brincar, hein?!

— Beijo?! Do que você está falando, Rebecca?

— Lis! Do beijo que o Sam te deu no Oscar. Está em todas as revistas de fofoca, Lis! *"A brasileira que fisgou o galã"*, *"Sam comprometido?"*, e mais uma série de títulos chamativos... Onde você estava nesses últimos dias?

— Estava colocando tudo nos eixos, me organizando para voltar… eu, eu não beijei o Sam Cooper!

— Então ele te beijou, mas que rolou um beijo, rolou. Passou ao vivo na TV… – Bia se levantou e foi buscar mais cerveja na geladeira.

Lisa estava com os olhos arregalados, assustada, tentando repassar a cerimônia de dias atrás em sua mente… não se lembrava de ter beijado o ator mais desejado de Hollywood na atualidade. Como deixou isso passar?! Isso realmente aconteceu?

— Gente… eu não me lembro desse beijo…

— Um minuto! – Rebecca pegou o telefone e fez uma pesquisa rápida, passando o aparelho para as mãos de Lisa. Era um vídeo rápido e recortado da cerimônia oficial, com vários replays daquele selinho inconveniente e roubado. O semblante

perdido de Lisa com o susto ao se dar conta de terem sido os escolhidos na categoria… aquele semblante perdido se repetia agora, a cada replay.

— Mas que merda! – Finalmente conseguiu balbuciar. – Merda!!!

— Eu achei que vocês estavam se pegando… Ai! – Rebecca levou outro beliscão de Bia. — Porra, Bia, para com isso!

— Lis, foi um daqueles momentos em que os paparazzi piram… tem vídeo e foto desse beijo em todas as revistas de fofocas e nas sessões de entretenimento dos jornais. Vamos combinar, a cerimônia é bem chuchu, sem graça, longa e monótona. O beijo foi uma notícia e tanto! Pô, é o Sam Cooper!

— Espero conseguir explicar mais isso para Oli…

— Ai, amiga, já tá tudo uma merda mesmo… – Becca a abraçou, dando um empurrãozinho em Bia antes que o beliscão lhe alcançasse, fazendo-a rolar no tapete. As gargalhadas foram altas, fazendo o vizinho cutucar o teto com uma vassoura e Lisa

pedir silêncio, o que era bem difícil agora, dada a quantidade de cervejas que beberam.

Lisa acordou no dia seguinte com uma baita ressaca e a certeza de que precisava encontrar logo Olivier. Bia e Rebecca tinham deixado tudo jogado na sala… ela ajeitou a bagunça e colocou um biquíni. O dia estava bonito, praia seria uma boa forma de esperar as horas passarem, a fim de encontrar um Olivier descansado… tentar encontrá-lo pela manhã, na saída do Merci, seria começar qualquer conversa com o pé esquerdo. Ele estaria cansado, com a energia baixa e bem propenso ao mau humor.

A praia estava vazia, apenas alguns pescadores por ali, com seus barquinhos pequenos e coloridos. Lisa sentou-se na areia e ficou observando aquele vai e vem das redes de arrasto. Queria que a vida fosse mais simples, assim como aquele movimento das redes de pesca. Mudou de ideia quando viu os pescadores limpando as redes, retirando as algas e objetos trazidos com os poucos peixes. Teve a certeza de que não era nada simples quando viu

uma mulher remendando pacientemente uma das redes de pesca. Era a realidade, nada é muito simples e ela precisava contar com a paciência. Seria necessário ser paciente com Olivier e esperar que ele também fosse paciente. As urgências do amor só eram interessantes no desnudar dos corpos… E, ainda assim, nem sempre eram bem-vindas. *"Calma, Lisa, muita calma. Respira…"*, pensou, enquanto fazia o caminho para o apartamento de Oli, devagar e cheia de receio.

"Perdi a porra da chave…, mas não ia entrar no prédio e abrir a porta, do nada. Não depois de tanto tempo…", Lisa estava empacada na calçada do prédio de Oli. Depois de muito pensar e imaginar diálogos, apertou o botão do interfone.

— Oli?

— *Oui…* – Olivier respondeu ressabiado. Ele reconheceu a voz, claro que reconheceria, mesmo em um milhão de anos. E o que aquela voz ainda podia fazer com seu corpo, as sensações que ela ainda despertava o fez fingir não a reconhecer.

— Oli… É a Lisa. Abre o portão, por favor?

Gostaria de conversar…

— Lisa? – O coração estava disparado, duelando com a razão, que teimava em manter o nível de frieza perto do glacial. Ele não podia mostrar o poder que ela tinha sobre ele.

— Sou eu, Olivier. A Lisa. Por favor…

— Quanto tempo, Lisa. Está tudo bem com você? Mas é claro que está!... *Très bien.*

— Oli, não faz isso… abre o portão. Por favor!

— Lisa, veio passar *un* dias? Deixou seu *affaire* em Los Angeles? – Olivier levou a mão à cabeça e apoiou-se na parede. O suor tomou conta de seu rosto.

Lisa segurava a grade do prédio com força, os olhos fixos na luzinha do interfone.

— Olivier, não estou com ninguém…

— *Cher*, não tem que me explicar nada. Não precisa. Tanto tempo...

— Mas eu QUERO explicar! – Lisa elevou o tom de voz. O desdém de Olivier só fazia a angústia aumentar.

— Mas EU não quero explicações. De novo, *non*. – Oli escorregou pela parede até se sentar no chão da cozinha. Ele não esperava por isso, não esperava por essa situação, não a esperava ali à sua porta e implorando para entrar.

Olivier estava deixando o orgulho novamente agir. Estava levando a vida numa boa sem aquelas emoções, sem os disparos em seu coração… Era uma vida sem o brilho que ele gostaria, mas estava conformado. Em qual encruzilhada ele errou o caminho?!

— Oli… Me ouve, por favor. Eu preciso conversar com você. Eu preciso me explicar.

— Lisa, vai atrás do seu galã, do *acteur* de Hollywood…

— EU ESTOU SOZINHA, CARAMBA!!!

Olivier já tinha desligado o interfone.

— QUE MERDA, OLIVIER! APARECE AÍ!!! – Agora Lisa gritava para a janela, para todas as janelas do prédio, para a rua. – POXA! EU PRECISO FALAR COM VOCÊ, OLI! EU SEI

QUE VOCÊ ESTÁ AÍ! – Todo e qualquer vestígio de vergonha ou sombra de sanidade foram soprados pelo desespero que tomou conta de Lisa. Ela gritou, em vão.

Olivier, assistiu à cena escondido atrás da persiana da janela da sala, a mente ainda fria e injetando raiva nas veias. Mas o coração, esse não desacelerou em nenhum momento.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 18

Olivier estava parado no fundo do balcão do bar, apenas assistindo ao movimento fluir. Na verdade, Oli fingia assistir, pois a mente estava longe dali, imersa em pensamentos conflituosos, uma vontade louca de correr até Lisa, esquecer qualquer resquício de mágoa e, ao mesmo tempo, um orgulho pungente que não o deixava mover um dedo ou dar um passo em direção à porta do Merci.

"Ela me dispensou, me abandonou aqui como um nada, como se tivéssemos apenas sexe occasionnel", a mente alimentava aquele orgulho, cerrando a expressão do rosto e do corpo, as sobrancelhas quase juntas, os braços cruzados. Speed o encarou.

— Chefe, preciso da sua ajuda. Chefe? CHEFE!

— *Oui*... – Respondeu, despertando daquele embate pessoal. – Max ligou?

— Não, chefe. – Speed falou enquanto entregava mais dois chopes para os clientes que se amontoavam no balcão. – Não vai ligar para ele?

— Agora não. Vamos dar conta do *service* e depois resolvemos nossos *problèmes*. – Oli sorriu para uma cliente, enquanto lhe entregava um drink. – Conto contigo, Speed!

— Sempre, chefe.

No fim da noite, Rebecca colocou um mix para tocar e foi ao balcão. Ela ia respeitar Lisa, não ia falar nada com Max – ainda mais porque Max não apareceu no Merci! –, mas a amiga estava empenhada em tirar alguma informação do francês.

— E aí, Oli? – Becca puxou conversa, pegando um dos potinhos de amendoim que ficavam sobre o balcão. – Já encontrou com a minha amiga Lisa? Ela está de volta.

— Não quero falar sobre isso, Becca.

— Não é "isso", é Lisa. Uma pessoa.

Olivier revirou os olhos e continuou enchendo copos de chope. Ela não desistiria facilmente.

— Cara, eu sei que você tem motivos para estar bem puto…, mas eu posso te garantir uma coisa… ela te ama.

— *Putain d'enfer.*

— O quê?!

— Porra nenhuma. Se amasse não teria sumido como fez.

— Oli, foram as circunstâncias... se coloca no lugar! Tudo acontecendo, projeto profissional dando super certo, oportunidades surgindo…

— Rebecca, eu já soquei a cara de Max por bem menos…

— Ele mereceu. Destratou Lisa sem mais nem menos.

— *Quand?* Max encontrou Lisa?

— Ela esteve aqui… te procurando. – Rebecca segurou o sorriso. A forma como o francês falou o nome da amiga e a preocupação que ele não conseguiu disfarçar… tudo isso ela captou. Esse cara ainda estava apaixonado, só estava sendo aquele tipo de homem estúpido e orgulhoso, que acha que mulher não tem uma vida independente da dele. Revirou os olhos, buscando paciência.

— Ela me procurou lá em casa… – Olivier soltou,

limpando as mãos no avental enquanto se afastava um pouco do movimento e se debruçava no balcão.

— Então vocês conversaram?! – Becca quase empoleirou no balcão, as mãos segurando o queixo e a atenção toda voltada para Oli.

— Mais ou menos… brigamos. Pelo interfone.

— Puta que o pariu, Olivier! Você não deixou minha amiga subir e se explicar?!

— Ah, Rebecca, *aller*! Ela não tem que explicar nada. Ela podia ter subido, ela tem a chave… – Ele deu de ombros.

— Sei… E você ia achar supernormal ela aparecer abrindo a porta, depois desse tempo todo…

— Vamos mudar o rumo da *conversation*...

— Oli, eu sei que você ainda sente algo por ela. Algo bom e forte.

Ele abaixou a cabeça, os braços apoiados no balcão, esticados e rígidos, como se estivessem suportando um peso colossal. Era angustiante assistir àquele combate visível entre a mágoa e um sentimento que, inexplicavelmente, resistia às

mudanças. Rebecca suspirou. *"Homens sendo homens…"*.

— Eu não posso.

— Oli?

— *Simplement non.* Não posso fingir que nada aconteceu, que ela não sumiu por anos e que ela não estava se divertindo com o galã americano…

— E você estava com a Harmony. Vivendo casadinho. Ela nem sabe disso ainda. – Rebecca olhava fixamente, captando todas as reações dele. Ele se empertigou com esse banho de verdade, o que a fez sorrir. – Olivier, não existem santos e pecadores nessa história. Existem decisões mal tomadas, circunstâncias… E também existe um sentimento maior aí, que não pode ser ignorado!

— *Putain!* Me deixa, Becca! Está atrapalhando o *service!*

— Só tem uns gatos pingados por aqui… já passou da hora de o bar fechar, Oli. Decida sua vida!

— Tudo que Lisa fez em minha vida foi bagunçá-la, Becca. – Ele desabafou por fim.

— E você amou essa bagunça. – Piscou Becca, enquanto se distanciava e Oli acompanhou a cena com os olhos confusos, enquanto a mente voltava a fervilhar.

***

Assim que saiu do Merci, Rebecca foi até Lisa e contou toda a conversa. Lisa queria ficar animada como a amiga estava, mas não conseguiu. Achou por bem esperar, ver se Olivier iria digerir aquela situação e procurá-la. Isso foi há uma semana. Laila estaria de volta à tarde, já tinha combinado de buscá-la no aeroporto. Foi uma semana arrastada, triste, com sabor de derrota. A presença da irmã e o abraço caloroso seriam um alento.

Lisa chegou ao desembarque e conferiu o horário do voo. Tudo certo, era só esperar - havia um voo minutos antes, talvez Laila tivesse até se adiantado, mas não foi bem isso que aconteceu. Quando os passageiros do voo anterior começaram a aparecer na área de desembarque, uma pessoa lhe chamou a atenção. Apesar do boné e óculos escuros, era inegavelmente Sam Cooper. *"O que ele está*

fazendo aqui?!”, o espanto tomou conta de Lisa.

Quando ele a viu, sorriu e acenou, indo até ela e a abraçando forte. Ela estava atônita, sem saber o que dizer. Outro selinho a pegou novamente de surpresa, mas dessa vez ela o afastou.

— O que você está fazendo aqui, Sam?!

— Descobri que Laila estava vindo e, de certa forma, a segui. Ela não quis me trazer, mas fiz minha assistente descobrir todos os passos para chegar até você, doce Lisa… você me deixou sozinho em LA… – Ele fez um beicinho nada convincente. Quando se tratava da vida real, Sam era um péssimo ator.

— Eu não te deixei sozinho, nós não temos nada um com o outro!

— Shhhh! Vai atrair a atenção das pessoas! Já foi bem difícil me disfarçar e me manter irreconhecível até aqui… peguei voos adiantados para Laila não me encontrar também. Bem, posso ficar na sua casa?

— Tenho certeza de que você tem um hotel

reservado… – Lisa não conseguia, muito menos queria, esconder a insatisfação.

— Não está feliz em me ver?! – Sam estava sério.

— Não é isso… – Lisa pensou em Vicente e o quanto ele falaria no seu ouvido se destratasse o astro da franquia Mist of Illusions. – Só não esperava vê-lo aqui, no Brasil!

— Doce Lisa, tenho certeza de que esse lugar é especial para você… E também será para mim. Só esperava uma recepção mais calorosa. – Piscou. – Foram horas de voo e estou bem cansado…

— Meu apartamento está uma bagunça. É melhor que fique em um hotel, com serviço adequado para você. – Lisa convenceu com um sorriso.

Laila estava parada atrás de Sam agora, incrédula, apontando para ele e abrindo os braços, gesticulando para a irmã algo como *"Que raios esse cara está fazendo aqui?!"*. Lisa deu de ombros. Uma confusão a mais era tudo de que ela menos precisava.

— Oi, Lisa. Sam?! – Laila o olhou, as faíscas, se

existissem mesmo naquele olhar, o teriam queimado.

— Olá, cunhadinha!

— Vai sonhando… – Laila não media as palavras, não tinha obrigação de passar pano quente para aquele cara convencido e idiota. Sam Cooper era um mulherengo nato e só estava ali porque achava que precisava conquistar Lisa. A tal "questão de honra"... Laila sabia disso depois dos vários telefonemas que atendeu, de um Sam soberbo, com frases do tipo *"ela não pode me esnobar, logo eu?"* ou *"quem se atreveria a não querer uma noite comigo, Sam Cooper?!"*. Nojo.

— Sonho mesmo, todos os dias. – Sam piscou para Lisa e Laila fez cara de nojo. Lisa revirou os olhos e começou a andar em direção ao estacionamento.

— Vamos…

Laila alfinetou Sam durante todo o percurso. Perguntou sobre os compromissos profissionais, as notícias, jogou indiretas. Sam acabou entregando que teria poucos dias ali, precisamente uma semana, pois tinha largado um projeto alegando

stress e que precisava de umas minifférias. “Então esse é o tempo que você julga necessário para faturar minha irmã?”, a irmã mais velha deu esse último golpe, seguido de um cutucão da caçula.

Lisa estava tentando apaziguar os ânimos, atenta ao humor de Sam, até então inabalável. Ele era o astro da franquia, era a cara que lhe trazia mais e mais leitores. E era o astro padrão, cheio de vontades que ela teria que contornar com maestria, se quisesse que tudo ficasse realmente bem. Vicente jamais a perdoaria se perdesse a chance de ter Sam Cooper nas continuações de Mist Of Illusions.

Por tudo isso, Lisa deixou o astro no melhor hotel da cidade com a promessa de, à noite, levá-lo para jantar e conhecer um pouco da cidade. Era isso ou deixá-lo aos cuidados de Laila, que provavelmente o trucidaria. Nesse ponto, o gelo que vinha tomando de Olivier seria providencial. Só esperava não esbarrar com ele tendo Sam Cooper a tiracolo.

Laila quis ficar no próprio apartamento, queria ligar pra Vicente e tirar satisfações, saber como sua agenda foi repassada para o “conquistadorzinho

barato de Hollywood". Lisa se sentiu aliviada, precisava ficar sozinha e digerir mais esse grande acontecimento. Depois dessa, tinha material para um bom romance, com grandes pitadas de comédia ou de tragédia, era só escolher o tom.

E assim dirigiu para a praia, disposta a se sentar na areia e admirar o pôr do sol, os pescadores, a vida. Essa semana de ser companhia de si mesma a fez descobrir que era gostoso se ouvir, pôr em ordem seus pensamentos. Nunca tinha estado tão atenta aos seus sentimentos e reações. Estava cavando a areia, brincando com uma concha que tinha encontrado, quando percebeu que alguém sentou ao seu lado. Um calor percorreu seu corpo imediatamente, antes mesmo de se virar e olhar nos olhos de Olivier. Olhos tristes, com uma mágoa que ela precisava conter, curar, cicatrizar.

— Eu sei que te magoei demais… – Os olhos de Lisa estavam marejados, com lágrimas acumuladas e que os olhos já não represavam. – Eu só sei que tentei anestesiar meu coração e seguir com a minha vida e com tudo de bom que estava acontecendo…

eu, eu nunca tinha tido tanto reconhecimento e não sei se você um dia irá entender, mas não é fácil alguém como eu ter respeito e reconhecimento nessa sociedade. Olhe para mim, Oli. Olhe quem sou eu. E quando cheguei ao ápice, ao que entendi ser o auge do sucesso que eu sempre persegui, eu só consegui pensar em você. Eu, eu te amo, Oli.

Olivier abaixou a cabeça, colocando-a entre os braços, as mãos apoiadas nos joelhos. O que ele murmurou Lisa não conseguiu ouvir e questionou. Então ele a olhou novamente.

— Achei que tinha perdido você para sempre.

— Eu precisei percorrer um longo caminho para ter certeza de que era você. Só você. E então eu voltei. Estou aqui por você.

Os dois ficaram se olhando enquanto o sol sumia e deixava o céu rosado, o pôr do sol característico da cidade. Aos poucos, aquele tom quase escarlate foi dando lugar à escuridão daquela noite de lua nova. E eles continuavam ali, nenhuma palavra dita, mas muita coisa sendo lida naquela troca de olhares. Lisa estendeu a mão para Olivier e ele sorriu,

enlaçando seus dedos aos dela.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 19

— Um momento… – Pediu Lisa, à porta do apartamento de Oli. Ele a olhou ressabiado, mas ela sorriu, tranquilizando-o. Revirou um dos bolsos da bermuda e alargou o sorriso, quando enfim achou o que procurava. E, então, abriu a porta. Olivier sorriu, surpreso por ela manter aquela chave.

Petit recebeu Lisa com um miado que mais parecia um enorme riso… Ele se aproximou e se enroscou em uma das pernas dela, dando boas-vindas mesmo depois de tanto tempo.

— Agora *non*, *Petit!* – Olivier pegou o gato e o colocou no sofá, enquanto puxava Lisa para si. – Tenho muito o que conversar com nossa Lisa…

Ela sorriu e o abraçou, envolvendo-o em um beijo apaixonado. Qualquer palavra perdeu o sentido ou a necessidade de ser dita. O beijo os reconectou, fazendo todo aquele tempo distante parecer frações de segundo. A energia que seus corpos emanavam e emitiam era forte, fazendo com que ambos ficassem arrepiados, eletrizados com aquele toque

tão íntimo. Lisa abriu os botões da camisa que Olivier vestia um a um, com calma. Ela não pensava em sair daquele abraço, tinha todo o tempo do mundo para dedicar ao amor. A camisa caiu no chão da sala, sendo logo interceptada por Petit, que brincava com ela enquanto os amantes se dirigiam para o quarto, depois que Olivier sustentou Lisa em seus braços sem interromper o beijo ardente em que se perdiam.

Eles se despiram devagar, como se estivessem redescobrindo cada parte daqueles corpos tão familiares, tão complementares. Oli beijou os seios de Lisa com um sorriso teimoso nos lábios. Ele pertencia àquele colo, o cheiro daquela pele o perseguiu e agora estava ali, ao alcance de suas narinas. Aquela mulher o tinha por inteiro, sem qualquer margem para dúvidas. Ele já estava preparado para dar todo o prazer que ela pedisse, como ela quisesse. Ela estava pulsando de desejo, puxando-o para si. Quando ele se deitou, ela engatinhou na cama, posicionando-se cara a cara com aquele membro intumescido e então o engoliu, preenchendo toda a sua boca, movimentando-a para

cima e para baixo, aplicando uma leve pressão enquanto mantinha contato visual, analisando cada onda de prazer que provocava naquele rosto expressivo e tão transparente.

Lisa investiu no prazer de Olivier até que ele pedisse para que ela parasse. Ele estava a ponto de se perder em um gozo incontrolável, mas não queria que isso acontecesse antes de tê-la sobre si, antes de estar dentro dela. Oli preparou o caminho, puxando-a para si e fazendo o mesmo que ela, descendo devagar, sorrindo maliciosamente. Ele encontrou o clitóris e se deliciou com o gosto de Lisa, deixando-a se contorcer nos lençóis enquanto a chupava com prazer e vontade. Ela estava gemendo e repetindo o nome dele, o eco daquele nome fazendo cócegas no ego de Oli. Ela o queria, ela o amava, ela o desejava! Ele não se conteve e avançou para cima, abraçando-a com força enquanto a penetrava. Eles se amaram por inteiro, os corpos conectados perfeitamente, os movimentos de um completando os do outro em um vai e vem que os conduziu, unidos, a um orgasmo descontrolado, intenso, reverberado nas

paredes daquele quarto.

— Não usamos *protection*... – Lembrou Oli, depois que se recobraram daquele momento perfeito.

— Estou tranquila. Se preferir, posso me certificar e…

— Eu teria quantos filhos você quisesse, *mon cher!* – Interrompeu Oli, arrancando risos de Lisa.

— Nunca pensei em ter filhos, Olivier.

— E não quer?

— Não sei. Nunca pensei, como disse.

— Ok, deixe-me saber quando souber. – Ele piscou para ela e sorriu, puxando-a para cima de seu corpo. Ela riu e escorregou para o lado dele, olhando em volta.

O quarto de Olivier estava mudado, arrumado de uma forma diferente. *"Um toque feminino?",* pensou. Observou os detalhes, a persiana, alguns livros e objetos de decoração… E um porta-retratos. Nele, Oli estava sorridente, abraçado a Harmony, a Torre Eiffel ao fundo. Era uma foto relativamente recente, percebeu. De repente, sentiu

vontade de desencostar seu corpo do dele, uma sensação de insegurança e alerta.

— O que foi, *mon amour?* – Oli se sentou encarando-a e, depois, buscou com os olhos o que os olhos dela encaravam. *"Merde!",* ele tinha reunido a maioria dos pertences de Harmony, como aquele retrato passou despercebido? – *Mon cher*, eu e Harmony…

— Vocês estão juntos?! – Os olhos de Lisa voltaram a encharcar.

— *Non! Non*... estávamos, estivemos… ela veio morar comigo. Mas terminou! Ela foi embora, pediu que eu separasse as coisas… foi recente. Ela ainda não teve oportunidade de vir e buscar tudo.

— Quando foi isso? – Lisa só queria ter a certeza de que não estava sendo usada. Por mais que confiasse nos sentimentos de Olivier, não queria passar por uma situação que considerava humilhante.

— O término? Quando te vi no Oscar. Não disfarcei o que sempre senti. E ela pirou. Não tiro a razão dela. Tentei fazê-la feliz…

— Vocês viajaram juntos… estavam há quanto tempo juntos?

— *Un* ano… viajamos logo que nos assumimos juntos. Eu não esperava que você voltasse. Não esperava te ver! Você me abandonou, Lisa Schneider!

— Eu sei, Oli. Não o estou recriminando. Acabou, mesmo?

— Você tem dúvidas, Lisa?!

Não, ela não tinha. Lisa apenas sorriu e o abraçou, complementando com um beijo suave. Ela não tinha dúvidas, apenas certezas. Certeza de que não ia deixá-lo mais. Certeza de que o amava. E certeza de que o passado não podia ser uma pedra de tropeço, pois era uma pedra que ficou no caminho e eles estavam à frente disso, partindo para uma nova jornada, juntos.

***

O barulho do chuveiro abafou o barulho do telefone, mas não totalmente. Olivier tomava um banho demorado, enquanto Lisa secava os cabelos,

quando Sam ligou. Quando ela atendeu ao telefone, ouviu a voz de Sam e a pergunta de Oli.

— Foi o meu telefone?

— Não! É Laila me ligando… – Mentiu, já arrependida, enquanto evitava que Sam os ouvisse.

— Mande um beijo para ela! – Gritou Oli, tentando fazer com que sua voz ultrapassasse o barulho da água caindo.

— Ok! – Lisa respondeu e se afastou, indo para a cozinha.

Só quando chegou à cozinha é que Lisa se sentiu menos tensa. Respirou fundo e tornou a colocar o telefone no ouvido.

— Você esqueceu que íamos jantar?

— Não! Que horas agora? – Ela olhou para o relógio de parede, na cozinha. – Droga!

— Pois é, nove horas. Você me deve um jantar. Ou devo sair sozinho pela cidade? Me disseram que há uns bares bem legais aqui perto do hotel…

Lisa apavorou-se com a ideia. O hotel em que Sam estava hospedado era relativamente perto do Merci.

A possibilidade de um encontro entre Olivier Beaumont e Sam Cooper provocou um leve calafrio na espinha de Lisa. Isso não podia acontecer, não agora, não depois de tudo voltar aos trilhos e estar tão certo!

— Me espere aí, não saia do hotel! Chego em meia hora! – Lisa respondeu e desligou, sem dar chance para qualquer argumentação de Sam.

Olivier apareceu na porta da cozinha, os quadris enrolados na toalha de banho, uma visão provocante e deliciosa.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, mas preciso ir...

— Também. Speed deve estar louco no *service* sozinho. Não sei quando Max volta. Vamos para o Merci?

— Passo lá mais tarde, agora preciso ir para casa. – Mentir para Olivier fazia o coração de Lisa ficar apertado, mas ela não queria gerar um conflito desnecessário. Logo, logo, Sam iria embora e tudo voltaria a ficar bem.

— Tudo bem. – Oli beijou a testa e os lábios de Lisa ternamente, enquanto a puxava para o quarto. Lisa sorriu, puxando a toalha dele. Mordeu os lábios ao vê-lo nu. Respirou fundo.

— Preciso ir. Droga!

Olivier riu e piscou para ela, acenando a mão.

— Vai logo! E volta logo!

***

Meia hora foi o bastante para Lisa correr para casa, trocar de roupa e ir para a recepção do hotel onde Sam estava, se convencendo de que não tinha propriamente mentido para Olivier, apenas omitido aquele fato, porque sabia que geraria confusão.

Sam Cooper não estava disfarçado, mas estava com roupas confortáveis e sem aquele ar de "astro superfamoso", que atraía flashes e fãs a quilômetros de distância. Estava apostando todas as fichas no fato de que ninguém em Vitória acreditaria que Sam Cooper estava na cidade. Ele abriu o sorriso de milhões de dólares quando a viu entrar no hall, mas ela não retribuiu.

— Vamos pedir serviço de quarto? – Sam perguntou, divertido e malicioso ao mesmo tempo.

Lisa bufou, fazendo com que Sam erguesse as mãos em rendição. Não era má ideia prendê-lo no quarto, mas estaria em uma jaula com um leão faminto e só de pensar nisso, Lisa rejeitou a ideia. — ÓBVIO que não!

— Calma! Calma! Só brinquei… você não parece querer sair para jantar… – Ele a olhou de cima a baixo e, só então, Lisa também se observou. Ela estava com uma roupa que mais parecia um pijama. Merda!

— Vamos aqui perto, é um local bem legal e pequeno, sem badalação! – Redarguiu, olhando-o sério. Sam deu de ombros.

— Estou com fome. Espero que seja bem legal mesmo…

— E é. É tradicional por aqui.

— Qualquer lugar com você é bom, doce Lisa!

Lisa revirou os olhos e não tentou retrucar. Apenas começou a andar, saindo do hotel e fazendo com

que Sam a seguisse, torcendo para não serem vistos.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 20

— Você não devia estar aqui! – Lisa não conseguiu se segurar.

— Você é a única culpada por eu estar aqui, doce Lisa... eu me senti rejeitado, abandonado! Entendi que era esse o seu jogo e comprei minhas fichas para jogá-lo. Sou um bom jogador. – Sam levou uma azeitona à boca e piscou para ela.

— Não tem jogo algum, Sam. Eu escolhi vir embora e a decisão não teve nada a ver contigo!

— Achei que estávamos flertando, nos conhecendo melhor… – Ele fez um beicinho, mas a expressão do rosto não indicava tristeza. Aquilo só fez Lisa ficar com mais raiva.

— Eu não flertei contigo em nenhum momento, Sam.

Ela tinha admirado a beleza dele, claro, quem não admiraria? O cara era realmente bonito. Mas era só isso. Uma beleza estonteante em um ser de pura soberba, vaidade e canalhice. E, pelo visto, um bom ponto cego no quesito percepção.

— Não sei de onde você tirou essa ideia. – Finalizou Lisa, enquanto enviava uma mensagem para Laila pedindo socorro e indicando onde estava.

— Nós nos beijamos!

— VOCÊ me beijou, mocinho. – Ela forçou a reprimenda. – Para ser sincera, estava tão absorta em meus pensamentos naquele momento que só fui me dar conta daquele beijo quando vi as fofocas nos jornais.

— Você está machucando meus sentimentos… – Sam estava sendo patético e o meio sorriso que sustentava em seu rosto dava conta disso. – Pensei que poderíamos ter algo duradouro.

— Duradouro para você é o tempo de esquentar sua cama, não é?

— Está sendo dura comigo…

— Você faz por merecer, meu querido.

Os pratos chegaram à mesa e a conversa - se é que esse fogo cruzado poderia ser considerado um bom papo - foi interrompida. Lisa evitava encará-lo, pois

a expressão de Sam indicava que ele não desistiria fácil. Como ele disse, tinha comprado as fichas e encarava aquela dinâmica como um desafio a ser vencido. Lisa conhecia esses termos e isso a deixava ainda mais alerta. Não seria fácil colocar um astro de Hollywood, acostumado a nunca receber um não, em seu devido lugar. Ela só não queria sair dali ilesa.

O jantar já caminhava para o fim quando Laila chegou. Lisa a viu e desenhou um “Obrigada! Te amo!” com os lábios e Sam não percebeu, entretido com as últimas garfadas.

— Poxa, perdi o melhor… – Laila brincou ao chegar à mesa, passando um dedo no molho respingado no prato de Sam e levando-o à boca. – Que delícia!

— Olá, Laila. – Sam a cumprimentou, olhando-a por inteiro. A irmã de Lisa tinha caprichado no visual, estava bonita e dona de uma segurança que colocava qualquer mulher no chinelo. Lisa assoviou, não escondendo o contentamento.

— Mana, você está belíssima!

— Vou ter que te corrigir, doce Lisa. Sua irmã É belíssima…

Laila piscou para Lisa e sorriu. O homem seria domado.

— Lisa, preciso ir ao toalete… me acompanha? Você não se importa, não é, Sam? – Laila fez um biquinho sensual ao dizer o nome dele. Sam sorriu e acenou com a cabeça, indicando que elas estavam livres para fazer o que quiserem.

As irmãs foram ao toalete sorridentes, mas assim que ficaram fora da vista do galã americano, Laila segurou Lisa.

— Você me deve essa!

— Eu sei, desculpa, deve ser um esforço enorme mesmo fazer companhia ao grande Sam Cooper, o homem mais sexy do momento… – Lisa provocou.

— Ah, qual é, Lis? Se fosse tão bom assim você não estaria me pedindo socorro!

— Laila, eu amo Olivier. Não quero nada atrapalhando o que parece estar voltando para a estrada depois de um mega descarrilamento que eu

mesma provoquei. Sam é um caminhão sem freio, mas é um puta caminhão, lindo, sexy…

— Ainda estamos usando analogias?

— Não. Você não está comprometida, conhece esse homem e não vai se envolver, mas pode aproveitá-lo, se é que me entende. Vai dizer que não gostaria?

Laila sorriu, mesmo tentando fingir estar ofendida.

— Ok, ok. Só que vou por na sua conta de favores.

— Eu posso lidar com isso. – Lisa deu um beijo no rosto da irmã e, quando passou pela porta do local e viu que Sam a olhava surpreso, deu tchau e soprou um beijo, enquanto Laila assumia seu lugar à mesa.

***

— Max, o Deus. Dono dos destinos. Senhor das decisões.

— Para, Rebecca! Já entendi seu ponto de vista!

Rebecca provocava Max, que tentava, em vão, se concentrar nos pedidos do balcão, enquanto a DJ ajudava com os chopes e não perdia a oportunidade de lhe puxar a orelha. Max nunca desejou tanto que a banda fizesse um intervalo. Por mais que o balcão

ficasse lotado nos intervalos da banda – um verdadeiro inferno –, era a chance de se livrar do tribunal de inquisição que Rebecca havia instituído. Ela teria que ir para a mesa de som e deixá-lo em paz, longe daquele papo no qual ela tinha parcial razão.

— Você já parou para pensar que você pesa a mão demais quando se trata da Lisa? A minha amiga tem tanto direito de errar quanto qualquer outra pessoa, Max! Olhe os outros lados desse "triângulo". Todos intransigentes, mas você só questiona e pega pesado com as atitudes da Lisa…

— Tá, Rebecca…

— Você devia pensar no porquê disso. Só acho.

Ele realmente havia se excedido, sabia disso. Não tinha o direito de falar metade do que falou para Olivier, tampouco do que falou para Lisa, muito menos como falou. Mas Max tomou as dores de Harmony e isso o fez pensar apenas em um dos lados daquela história. E ele realmente pegava pesado com Lisa e não queria admitir isso porque se envergonharia. Sabia que muito do fato de

criticar as atitudes da moça estava no fato de até ali estar enxergando Lisa como uma pessoa inferior a eles. Rebecca o fez enxergar isso e muito mais. Ele amava aquela criatura que ainda estava falando em seu ouvido e servindo chopes.

— Só acho que você deve desculpas. Aos dois. Só acho.

— Eu não vou me desculpar com Olivier. Esqueça! – Max apontou para o queixo, indicando os motivos para discordar da opinião da namorada. O queixo ainda latejava um pouco, mas não estavam mais tão evidentes os sinais do soco que levou. – Isso merece desculpas. Isso!

— Mas ele já se desculpou, Max. Você está sendo mimado, chato e ranzinza. – Rebecca entregou mais dois chopes, enquanto tentava sussurrar em meio àquele caos de mãos afoitas, doidas por um copo cheio.

Max bufou e sorriu para uma cliente, enquanto preparava um daqueles coquetéis coloridos, cheios de sombrinhas de papel, canudo e cerejas. Ele não ia conseguir convencer Becca, isso estava claro e,

pra falar a verdade, nem queria, sabia que ela só estava falando o óbvio e para o bem dele. Olhou para a namorada, senhora de si, atendendo os clientes com um belo sorriso, mesmo não sendo esta a função dela no Merci. Ela era um bilhete premiado. Sorriu com satisfação, desejando terminar aquela discussão que parecia sem fim.

— Becca, eu te amo. Você está certa. Vamos encerrar esse papo, por favor!

Rebecca olhou para Max, incrédula, surpresa. Ela esperava qualquer comentário idiota, um sarcasmo bem colocado ou um trocadilho cheio de obscenidades, mas não aquilo. Os clientes que estavam se deliciando com a conversa agora estavam assobiando e vibrando, como se estivessem em uma partida de futebol e um gol tinha acabado de acontecer. Os que ainda estavam sem copos nas mãos, até aplaudiram.

— Eu também te amo, seu cabeça dura!

***

Speed e Olivier voltaram do estoque trazendo mais

algumas garrafas e notaram o burburinho incomum perto do balcão. Quando se aproximaram, viram o final de um grande beijo e a plateia enlouquecida, quase ensaiando um grito uníssono de bis.

— Opa, opa! Façam isso em outro lugar! – Speed falou, arrancando algumas vaias.

Max sorriu e soltou Becca, que estava corada de vergonha, talvez pela primeira vez em sua vida. Ela foi para a mesa de som, deixando os rapazes com o serviço no balcão. Max olhou para Olivier, que o encarava sem dizer nada.

— Cara, foi mal. Me desculpa.

— Tudo bem, Max. Os clientes não ficaram enfurecidos…

— Não estou me desculpando por isso.

Olivier entendeu a mensagem do amigo e sorriu, dando uns tapinhas no ombro de Max. Eles voltaram a atender aos pedidos, principalmente porque a banda anunciava um intervalo e o balcão estava chegando ao nível insuportável que Max bem conhecia.

Lisa entrou no Merci e não tentou alcançar o balcão. Ficou na ponta dos pés, acenando, até que Oli a viu e sorriu, fazendo uma cara divertida para demonstrar o auê que estava acontecendo no bar com tanta gente, rock and roll, bebidas, beijos e declarações de amor. Ela sorriu e soprou um beijo, procurando um lugar para ficar até que ele ficasse menos atarefado.

Observou o Merci, como fez na primeira vez em que esteve ali, novamente encantada com o charme do lugar, que era acolhedor, quase uma extensão de um lar. Era bom estar ali. Viu Becca a todo vapor, colocando a galera para suar na pista de dança. Contornou a pista e foi ficar perto da amiga, que sorriu ao vê-la. Rebecca estava particularmente radiante. Quando a banda voltou para o palco, as amigas se abraçaram.

— Não aguentei e conversei com Max. – Rebecca falou, em tom de desculpa. – Ele precisava ouvir umas verdades!

— Tudo bem, Becca.

— Ele disse que me ama. Eu também disse.

Lisa sorriu e abraçou novamente a amiga, que sempre ostentava uma aparente fortaleza, mas que, no fundo, também tinha suas dúvidas e inseguranças. Ela estava claramente feliz com aquele relacionamento e Lisa sabia que só podia apoiar. Esperava que Max a merecesse, ainda guardava um pouco de mágoa - as palavras dele ecoaram na mente. Afastou os pensamentos, balançando a cabeça ao som da música. Olivier aproximou-se e a abraçou.

— Podemos ir, o *service* está sob controle.

— Se quiser ficar até fechar, eu fico aqui com Rebecca…

— Não, não… Ainda não resolvemos todas as nossas pendências… – Ele piscou, segurando-a mais forte na cintura, pressionando-a contra a crescente ereção que sentia. Ela sorriu com malícia e o beijou.

— Ah, saiam logo daqui! Não vão diminuir o meu show no balcão, não! Fui a estrela da noite, vão pra casa transar! – Rebecca provocou.

— Tchau, Becca! – Lisa respondeu em meio a uma

risada.

O casal apaixonado foi andando para o apartamento de Lisa para pegar roupas e um biquíni, já pensando no dia seguinte. Estavam abraçados e trocando carícias, Olivier puxava a amada pelo braço, fazendo-a girar ao seu redor para então abraçá-la novamente, salpicando beijos em seu rosto. Quando chegaram à porta, Olivier sorriu e pegou a chave no bolso.

— Posso?

Lisa concordou com a cabeça, um sorriso de felicidade e cumplicidade emoldurado em seu rosto, que se dissipou instantaneamente quando seus olhos encararam Sam Cooper, sentado quase nu em seu sofá.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 21

“Isso não pode estar acontecendo!”, Lisa estava em pânico. O primeiro pensamento foi de tentar fechar a porta, mas o que ela faria em seguida? O problema não deixaria de existir como mágica! Olivier estava logo atrás dela e o medo de girar nos calcanhares era enorme. Qual seria a reação dele, o que ele estaria pensando?!

Oli estava surpreso. *“O que esse cara está fazendo aqui?!”* foi o primeiro pensamento que lhe veio à cabeça. Depois olhou para Lisa, que estava parecendo uma estátua, nem um fio de cabelo se movia. Ele precisava entender a situação antes de qualquer conclusão.

— *Cher,* o que esse cara…

— Eu não sei! Deixei ele com Laila… calma. – Ela bufou para Sam, que estava impassível, olhando divertido para aquela cena. Virou-se e encarou Olivier. – Laila chegou de LA e esse cara a seguiu até aqui. Eu o deixei com Laila, era pra ele estar com ela!

— Eu ainda não estou entendendo.

— Esse é o Oli?! – Sam perguntou com desdém.

— Não fale uma única palavra, Sam. – Lisa espalmou a mão indicando que ele parasse sem nem mesmo olhar para ele. A atenção dela estava toda em Olivier. – Meu amor, eu não te falei que ele estava aqui porque eu não queria uma situação exatamente como esta aqui. Droga.

Olivier respirava fundo, tentando organizar aquilo tudo em sua mente. Era quase ilógico, depois do encontro na praia, da vinda até ali como um casal que sempre esteve junto… por que ela escondeu a presença desse cara? Olivier estava confuso e a explicação de Lisa não estava ajudando. Ele foi para a cozinha, sendo seguido de perto por Lisa. Sam Cooper se ajeitou no sofá, espreguiçando-se. Estava divertida a situação e ele não faria nada para esclarecer os fatos.

— Oli…

— Lisa, eu *non* consigo entender esse cara estar no Brasil e você não ter sequer comentado, além do fato de ele estar quase *nue* na sua casa!

— E nem eu entendo! Sam!? – Lisa o chamou, sem obter resposta. – SAM?!

— Oi, doce Lisa…

— Onde está Laila?!

— Minha doce Lisa, como vou saber? – Sam tinha se aproximado, sorridente, agindo com toda a intimidade que se dava.

A reação de Olivier foi mais rápida que o movimento da boca de Lisa para gritar um "Não!". O soco acertou o nariz de Sam Cooper em cheio, fazendo o barulho de algo se quebrando. O grande astro de Hollywood, protagonista da franquia dos livros de Lisa, caiu para trás sem oferecer qualquer resistência, ele não esperava a agressão, estava se divertindo com a provocação e a situação sem perceber a ira crescente que tinha se instaurado ali.

— Que merda, Oli! Você não podia ter feito isso!

— Agora vai defendê-lo? *Putain,* Lisa! Você está complicando tudo!

— Jesus! – Lisa correu para a geladeira, pegou gelo, embolou em um pano de copa e se colocou

em frente ao astro caído. Sam chorava, de raiva e de dor.

— Eu vou processar esse cara! – Os xingamentos vinham aos borbotões. Lisa olhava para Olivier, que estava com as mãos na nuca, o olhar fixo nela. Lisa passou a dar ordens.

— Olivier, vá para a sala, agora! Já vamos conversar e resolver tudo isso. Sam Cooper, você é um mimado idiota! Acha que o mundo inteiro tem que estar aos seus pés. Esse é o resultado da sua soberba. Você provocou essa situação. Não, Oli, nada de sorrir com isso! Você não podia ter partido para a violência! Nós somos adultos, merda!

No meio dessa cena de jardim de infância, Laila entrou no apartamento.

— Só achei dessas aromatizadas, era o que tinha na farmá-ci-a… – A palavra foi sumindo na boca da irmã, quando se deparou com Olivier em pé no meio da sala, olhando para a cozinha. – O que VOCÊ está fazendo aqui?!

— *Bonne question.* – Oli deu de ombros e sentou-se no sofá, olhando para o teto, esparramado como

se o cansaço o tivesse atingido em cheio. – Pergunte à sua irmã, Oli apontou com a cabeça para o burburinho que vinha da cozinha.

— Lisa?! – Laila foi à cozinha e viu o resto da cena, analisou o cenário todo. – Gente… foi um mal-entendido, né?!

— Com certeza! – Lisa respondeu. – Me ajuda!

O olhar da irmã era de desespero.

— Calma. Eu estava com Sam… bem, estávamos nos divertindo, mas tive que ir à farmácia, se é que me entendem.

— Ela não tinha preservativos, nem eu. – Sam completou, as palavras saindo bagunçadas da boca, um tanto ocupada com sangue.

— Ele preferiu ficar aqui esperando, sabe como é, o risco de ser reconhecido… – Mas o que houve? Olivier defendeu sua honra?! – Laila arrematou sorrindo e tentando amenizar o clima, mas a irmã balançava a cabeça em negativa, implorando para que ela se calasse.

— Sam provocou…

— Eu não provoquei!!! – Sam choramingou.

— Provocou sim, você percebeu que era uma saia justa você estar aqui, DESSE JEITO, – Lisa enfatizou a seminudez – e se aproveitou da situação mantendo o mal-entendido!

— Sam, Sam… um dia você vai virar um homem decente? – Laila o encarava. Era impossível adivinhar o que se passava na mente dela.

— Me tira daqui, Laila. Por favor!

— Ok, galãzinho…

— Por que você o trouxe para cá, mana? – Lisa já estava de pé.

— Porque meu apartamento está um caos. Achei que você iria para a casa dele. – Apontou para Olivier, que agora parecia dormir sentado no sofá. – Pensei que não havia problema…

— O universo deve estar me castigando… – Concluiu Lisa.

— Ou fortalecendo essa sua relação! Ah, olhe o lado bom… eu cheguei e expliquei tudo… – Laila sorriu, ajeitando o cabelo de Lisa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não tinha falado para Olivier sobre Sam estar aqui… – Lisa murmurou.

— Que merda, Lis! Bem… Boa sorte! Deixa eu cuidar desse bebezão aqui… – Laila deu apoio para que Sam se erguesse. – Vamos cuidar desse narizinho milionário?

Sam revirou os olhos, mas sorriu para ela.

— Fiquem aqui, vou para a casa de Olivier… se ele topar.

— Ok, Lisa. Desculpa não ter avisado, foi tudo tão rápido…

— Considere seu favor quitado! – Lisa respondeu e virou-se. O fio de confiança que tinha recuperado estava prestes a se romper novamente. Ela precisaria de força e sorte.

***

— Oli, meu amor. Acorda.

— *Oui*... – Olivier despertou com o som suave da voz de Lisa. Ele tinha se desligado de tudo ao redor, deixado o sono tomar-lhe os sentidos para não ter que pensar. – Lisa?

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos para a sua casa? – Ela repousou as mãos nos ombros dele, aplicando uma leve pressão. – Laila está cuidando do nariz do Sam…

— Eu apaguei…

— Eu vi.

— Ele e Laila?! – Oli piscou os olhos, tentando raciocinar melhor. – Ele e ela estão…?

— Não sei. Acho que sim. Mas isso não importa nem para mim, nem para você, não é? Vamos? – Lisa usou um tom de urgência e Oli se levantou, segurando uma das mãos dela.

— *Excusez-moi*, Lisa. Desculpa. Eu, eu… eu perdi o controle.

— Ok, por hoje. Mas precisamos controlar essa sua raiva, Oli.

— *Oui*... É que ele estava rindo, provocando…

— Se você sabia disso, devia ter se controlado.

— Eu sei.

Lisa o beijou, cessando aquele enfrentamento de emoções. Os nervos estavam à flor da pele, alterados, mas agora tudo estava sob controle. Os

dois caminharam sem pressa para o apartamento de Olivier, o céu já ficando claro, tomado por sonolentos e tímidos raios de sol. O dia estava se iniciando para boa parte do mundo, mas para aqueles amantes era só o fim de uma noite longa demais e bem movimentada.

***

O sol já se preparava para deixar o céu, cedendo espaço para a noite, quando Olivier acordou assustado. Tinha sonhado com Harmony e não era um sonho bom, mas não se lembrava dos detalhes. Olhou para Lisa que ainda dormia aninhada em seu corpo, com Petit aninhado no corpo dela. Aproximou-se da nuca da amada e pressionou os lábios ali, dando um beijo quente, sentindo-a se mexer e acordar devagar em seus braços.

— *Bonjour*, *mon amour.*

— Perdemos o dia… – Lisa suspirou, olhando para a janela. – Boa tarde, meu amor.

Oli sorriu ao ouvir aquelas palavras. Ser o amor de Lisa era o que ele ansiava há muito tempo. Ela

girou o corpo, ficando frente a frente com ele. Petit deu um salto e foi para a cômoda sem miar reclamando. Ficou ali, apenas assistindo aos amantes se entregarem ao prazer com beijos apaixonados, que logo viraram beijos voluptuosos, na medida em que o tesão foi se avolumando nos pontos mais sensíveis e sexuais de seus corpos. Lisa tomou a iniciativa, deslizando nos lençóis e alcançando o pênis de Oli, já enrijecido, pronto para que ela o provasse. Ele gemeu gostoso quando sentiu o contato dos lábios da amada pressionando a glande, enquanto ela esticava um dos braços e tocava o dorso dele, acariciando um dos mamilos. Ele segurou firme nos cabelos dela, indicando os movimentos que ela devia fazer, e ela obedeceu com prazer, porque queria que ele chegasse ao orgasmo em sua boca. Lisa movimentou-se com firmeza, tomando conta de toda a extensão do membro de Oli, fazendo-o gemer e repetir seu nome, enquanto buscava inutilmente o controle das emoções. Quando sentiu que não conseguia mais, tentou fazer com que Lisa parasse, mas ela estava empenhada em lhe dar o melhor sexo oral que ele

já tinha experimentado, fazendo com que ele gozasse compulsivamente, arrepiando os pelos do corpo e provocando leves tremores. Ele gemeu alto, assustando Petit, que saiu do quarto com um único pulo, derrubando alguns livros. Lisa limpou os lábios, e Oli a puxou de volta para seu colo, beijando-a preguiçosamente, ainda atordoado com o prazer que tinha acabado de explodir dentro dele.

— *Je suis inutile*... – Ele sorriu. – Preciso de um tempo para me recuperar!

Lisa sorriu e retribuiu com mais um beijo.

— Tudo bem, meu amor.

— Mas eu posso ser *utile d'une autre manière*... – Ele sorriu maliciosamente, já escorregando para baixo, beijando o colo e seios de Lisa.

Ela não ofereceu resistência, apenas segurou os cabelos de Olivier, tomando o comando para si. O fez caminhar devagar pelo seu corpo com aqueles beijos molhados, distribuindo prazer em seus poros até chegar à sua intimidade. Ali, Oli olhou para ela e sorriu novamente. Estava em seu parque de diversões particular. Ele afastou as pernas dela,

colocando-se entre elas, olhando-a fixamente. *"Elle est toute belle..."*, pensou, quase em voz alta, ao admirar cada detalhe da intimidade de Lisa. Ele molhou os dedos nos lábios, afastando-os com carinho, penetrando-a devagar, observando os olhos dela semicerrarem e os dentes apertarem os lábios da boca, com prazer. Salpicou alguns beijos demorados no clitóris, fazendo-o vibrar em sua língua, até ouvir seu nome, balbuciado languidamente por Lisa. Estava disposto a dar o mesmo prazer que tinha recebido. *"Eu te amo, Lis. Je t'aime!"*, ele repetia enquanto a penetrava com os dedos, fascinado com a expressão de prazer que ela sustentava. Lisa também conseguiu balbuciar o quanto o amava, enquanto sentia os espasmos de prazer que percorriam seu corpo. *"Meu amor... Me chupa!"*, ela implorou e ele sorriu satisfeito, partindo com a boca para aquela deliciosa fenda. Ele a provocou com a língua e provou o gosto dela, lambendo-a em retribuição, as sensações do gozo ainda em sua mente. Lisa chegou ao orgasmo, perdendo toda a força que ainda usava para segurar os cabelos de Olivier. Ele parou e assistiu àquele

espetáculo lascivo, os arrepios retornando ao corpo só por admirar a beleza de ver aquela mulher gozar.

— Agora quem precisa de um tempo sou eu… – Ela balbuciou, sem se mexer.

— Que seja breve… – Ele brincou, pois já estava sentindo uma ereção novamente.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 22

— Tem certeza de que tem que ir?

Lisa segurava firme a mão de Laila. A distância eminente a deixava apreensiva. Mas Laila estava decidida.

— Lis, eu vou tocar tudo por lá. Estar em Los Angeles vai ser importante para a sua carreira, pois poderei fazer contato direto com bons roteiristas etc.

— Mas você vai estar ocupada com aquele mimado!

— Sam não será um problema, te garanto.

As coisas entre Laila e Sam se desenvolveram nos últimos três meses. O que era para ser uma noite de sexo casual não parou por ali. A semana sabática de Sam em Vitória acabou virando quase um mês. Ele só foi embora quando foi ameaçado com uma multa milionária por quebra de contrato. Foi a contragosto, arrancando de Laila a promessa de que ela iria logo em seguida. E a promessa estava tomando forma, virando realidade e sendo

cumprida.

Pela primeira vez, Lisa estava assistindo à sua irmã se entregar de corpo e alma a uma paixão. Sem prós e contras, sem porém e sem amarras. Ela resolveu apostar, finalmente, ainda que fosse com Sam Cooper. Lisa não se colocaria no meio disso, como um problema. Apoiaria a irmã, principalmente se aquela paixão fulminante, que Sam Cooper tinha feito questão de alegar em cada entrevista nos últimos meses, fosse apenas mais um dos seus papéis. Lisa abraçou a irmã e se despediu, assim que ouviu o último aviso para o embarque. Quando o avião decolou, enxugou uma lágrima que teimou cair, já insinuando a saudade que sentiria. Depois, abraçou Bia, que assistiu à despedida apertando um lenço entre os dedos das mãos, emocionada.

— Vai ficar tudo bem, amiga. Deixa ela ir atrás do que ela acha que vai fazê-la feliz!

— Eu sei, Bia. É só a distância…

— Mas você tem a nós, tem o Oli.

Pensar em Oli a fez sorrir. Sim, ela tinha as amigas e tinha Olivier. Eles estavam bem. Depois de uma

conversa séria, sopesando cada ponto, Olivier se mudou para o apartamento de Lisa, com Petit a tiracolo. O gato levou uma semana para se adaptar e decretar que o lar era dele. Estavam dividindo o mesmo teto há quase dois meses, vivendo uma vida de casados que mais podia ser declarada como "vida de grudados".

Só se largavam nos finais de tarde, quando Olivier ia para o Merci dar início aos preparativos do serviço do bar e Lisa ficava em casa, tocando a escrita de um novo romance e enviando os capítulos para Vicente, que estava empolgadíssimo com o que ele chamava de "nova fase de Lisa Schneider". O romance novo tinha nuances bem diferentes dos anteriores, e Lisa também estava empolgada com isso.

Se as noites eram vividas no Merci, os começos de dia eram na praia, todo o resto dividido entre dormir, ter prazer, cuidar um do outro e de Petit. Estavam felizes e isso era o mais importante. Pensar em tudo isso fazia Lisa se alegrar e ela aproveitou e ligou para Oli.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Amor!

— Ela já se foi?

— Sim…

— Não fique assim, Lis. Vem para cá! Chegaram os novos cardápios do Merci!

Olivier ampliou o quadro de funcionários para não ficar sobrecarregado, e finalmente colocou Max como sócio, apesar de ele ainda revirar os olhos vez ou outra com algum comentário feito por Lisa. Olivier tinha esperança de que o amigo parasse com aquela implicância sem motivo.

Agora, além de Speed, o Merci contava com Mel e Alex. Mel era uma bartender de primeira, rápida e criativa, ajudou a montar um novo cardápio cheio de novidades de encher os olhos dos clientes e o caixa do bar. Seus drinks já estavam fazendo sucesso e tinham rendido mais uma boa matéria no jornal local. Alex era um bartender e também um leão de chácara, do alto de seus quase dois metros bem distribuídos. Inspirava medo, mas tinha um coração de ouro. Lisa gostou dos dois de cara. Só Max que ainda a deixava um pouco retraída.

PERIGOSAS ACHERON

Ela e Oli estavam folheando o novo cardápio, rindo dos nomes dos drinks de Mel, quando alguém bateu na porta dos fundos do Merci. Speed foi atender e voltou coçando a testa, a cara de surpresa não disfarçada.

— O que foi, cara?

— Max, acho melhor você ir lá nos fundos…

— *C'est?*

— É que…

O jeito afobado de Speed denunciou que era algo importante. Olivier e Max foram juntos aos fundos do bar, deixando todos os demais em alerta. Lisa não sabia se ia atrás ou esperava ali. Decidiu esperar.

Quando Max abriu novamente a porta dos fundos, tomou um susto. Ali estava Harmony, ou o que parecia ser a sombra do que a DJ já tinha sido. A aparência era péssima, as roupas sujas e um olhar vazio, desprovido de brilho. Descendo os olhos, notava-se uma barriga proeminente, o que fez Olivier suspirar e soltar um "Merde!", levando as

mãos à cabeça. Harmony deu um sorriso carregado de sarcasmo e era só o que ela tinha forças para fazer. Max a apoiou nos ombros, trazendo-a para dentro do Merci.

— *Mon Dieu*... O que aconteceu com você, Harmony?

Ela não respondeu. Estava fraca demais, até mesmo para um *"Olá, idiotas!"*. Lisa veio da cozinha do Merci, com um copo d'água açucarada.

— Tome isso, Harmony. Já pedi ao *chef* que agilize algo para você comer. Tome devagar… isso…

Aos poucos, parecia que o sangue voltava a correr nas veias da ex-DJ. Lisa tentou arrumar o cabelo dela, tirar algumas folhas que estavam presas, mas ela estava arredia. Harmony fedia e estava visivelmente sob efeito de alguma droga. Ela evitava a todo custo qualquer ajuda de Lisa.

O *chef* trouxe um prato de massa e rosbifes, que foi devorado em questão de minutos. Depois daquele almoço - que parecia ser o primeiro em muito tempo -, Harmony deu sinal de que iria dormir a qualquer momento.

— Não devíamos levá-la a um hospital?

— Sem hospital! – A DJ conseguiu sibilar.

Olivier olhava para Lisa, atônito. Pela proeminência daquela gestação a criança poderia ser dele, e essa possibilidade o deixava feliz, mas ao mesmo tempo preocupado com a saúde da criança e com a sua relação com Lisa.

Era mais uma provação e ele não tinha certeza de quantas provações o amor era capaz de superar.

Lisa só pensou na criança. Ao ver Harmony daquele jeito e se dar conta de que tinha um bebê ali, não processou mais nada. Aquela criança precisava de ajuda.

— Lisa… – Olivier a segurou nos braços.

— Depois conversamos… vamos cuidar dela.

***

Dois dias. Foram necessários dois dias para Harmony recuperar o mínimo de força para conseguir colocar seus pensamentos em palavras e explicar o que estava acontecendo em sua vida. Contrário ao pedido dela, Max a levou para uma

clínica particular, na qual ela foi examinada, colocada no soro e medicada. Estava desnutrida, desidratada e sofria com uma séria abstinência, palavras do médico que a estava atendendo.

— O que estou fazendo aqui? – Foi a primeira frase ao acordar. Ela queria tirar a agulha do soro, mas estava presa à cama. Max a olhou com severidade, arrumando o cabelo agora limpo.

— O que você fez com a sua vida, Harmony?

— Não quero falar sobre isso…

— Mas você precisa falar! Precisamos conversar! – Max estava transtornado. Aquela não parecia a amiga forte e cheia de vida que ele tinha. Era uma versão magra, triste, uma aparência digna de pena.

— Eu conheci uma pessoa… – Os olhos dela foram para longe. Olhavam o nada, fixos em uma parte da parede do quarto e inundados em lágrimas.

Harmony começou a chorar e soluçar. Max a abraçou acalentando, fazendo-a se acalmar. Deu-lhe um pouco de água e, quando a amiga se acalmou, incentivou-a a falar.

— Eu e Diana fomos à praia, os pais dela têm uma casa de praia a poucas horas daqui. Eu estava bem, tranquila, lidando com o término do relacionamento da melhor forma possível. Conhecemos um cara na praia, daqueles meio hippie. Ele tocava na rua, ganhava uns trocados dessa forma. Diana gostou dele, ofereceu estadia. A princípio fui contra, Diana já estava com uns vícios, mas nada muito sério e ele era uma pessoa que a gente não conhecia, mas ela se envolveu… nós nos envolvemos… tinha as drogas e aí…

— Que tipo de drogas, Harmony?

— Crack. — Ela foi lacônica e cortante. Era o maior medo de Max tomando forma ali, em uma única palavra. Já tinha lido sobre o crack e sabia o quanto viciava rápido e como era difícil sair dessa.

— Você sempre foi tão inteligente, Harmony… por quê?!

— Quando eu disse que estava lidando da melhor forma possível, incluí os altos e baixos. Em um desses baixos, acabei experimentando… queria sair da realidade em que eu estava vivendo… Se Olivier

não tivesse ferrado tudo…

— Não faça isso. Não coloque em Olivier uma culpa que não é dele. Ele não colocou a droga no seu cachimbo. Ele não te obrigou a nada. Você é inteligente demais para se valer disso.

Harmony chorou. Ela foi fraca e agora nem isso conseguia admitir. Estava sentindo falta da droga, sentia dores… E tinha aquela criança.

— Eu estou grávida.

— Sim. Já sabemos.

— Não é do cara. Juro. Eu não estava...

— Seu bebê está com dezoito semanas. O médico já nos falou. Ninguém está te julgando.

Os dois se abraçaram. Essa era outra conversa difícil, mas não seria com Max. Harmony precisava conversar com Oli.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 23

Foram dois dias de muitos conflitos de emoções. Quando o médico alertou os amigos quanto ao tempo de gestação, Olivier não teve dúvidas, ele era o pai daquela criança. Teria que lidar com isso e teria que conversar com Harmony, mas primeiro conversaria com Lisa. Precisava saber qual seria a reação dela e como ela enfrentaria isso – sozinha ou junto a ele.

De certa forma, Lisa já esperava a confirmação do que lhe era suspeito. Apesar do estado lastimável de Harmony era possível desconfiar que o tempo de gestação já era adiantado. De início, ela se preocupou com a criança como um ser inocente, que precisava de cuidados. Em seguida, pensou na criança como filho de Olivier, seu amor, e um medo cresceu em seu coração.

Ela estava em casa, terminando de arrumar uma bolsa com algumas roupas para Harmony, quando Olivier chegou, trazendo-lhe tartelettes.

— Esse é o seu jeito de lidar com algo importante?

Me trazer açúcar? – Lisa sorriu, mas aquele sorriso trazia um pouco de amargo e temor.

— Nem pensei nisso, mas agora que você disse, talvez seja… – Ele deixou o pacote em cima da mesa e a abraçou. – Precisamos conversar.

— Você estava no hospital?

— Harmony acordou… Ainda não tive oportunidade de conversar com ela. Max a está acompanhando...

— Estamos evitando conversar sobre essa situação, não é? – Lisa apertava a barra dos shorts, tensa.

— Lisa, a criança que a Harmony está…

— É sua.

Olivier suspirou. Era óbvio que ela sabia, Lisa não era uma tola. Ele concordou com a cabeça, enquanto a encarava.

— Como ficamos, Oli?

— Do mesmo jeito que estamos, espero. Eu sei que para uma criança a família é importante, teremos que dar um jeito nisso. Mas não quero abdicar do nosso relacionamento. *Non.*

Lisa suspirou, a sensação de alívio tomou conta de seu corpo. Ela o beijou, selando sua concordância. Ela não o perderia, não depois de tanto desentendimento. Isso eles poderiam enfrentar, juntos.

— O que você pretende fazer?

— Primeiro, conversar com ela, com a Harmony. Saber o que aconteceu e como iremos lidar com isso.

— E se ela estiver pensando que vocês vão se reconciliar?

— Ela terá que entender, não há essa chance.

Lisa o abraçou forte. Olivier estava tenso.

— Vai para o Merci? Já está na hora…

— *Oui*. *C'est la vie.*

***

— Já pensou em escrever um romance autobiográfico? – Rebecca perguntou assim que ouviu de Lisa as últimas novidades.

A amiga já tinha conversado com Max e estava a

par de alguns detalhes, mas Lisa deu um apanhado mais amplo da situação. Rebecca tinha ciúmes de Harmony, daquela preocupação exagerada de Max, mas, naquele momento, seu lado humano gritou mais alto. Foi dela a ideia de Max acompanhar a amiga no hospital e ela estava pesquisando clínicas para uma internação e reabilitação da ex-DJ.

Lisa deu um sorriso cansado. Realmente, aquela sequência de acontecimentos absurdos, mas ao mesmo tempo tão reais, daria uma bela novela. Ao mesmo tempo, a ideia de colocar no papel algo tão pessoal lhe amedrontava.

— Eu não sei o que pensar. Meu medo é que ele acabe optando por ficar com ela…

— Por que ficaria, Lis?! Por causa da criança? Um filho não segura relacionamento, não… E ele te ama enlouquecidamente, é visível.

— Eu também o amo muito.

— Então o apoie nessa. Não seja um obstáculo, seja um degrau. Ajude-o a passar por isso da forma mais fácil.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sei como fazer isso!

— Saberá. Coloque seu sentimento por ele em primeiro lugar e você saberá exatamente o que fazer. Confie.

Lisa sorriu para Becca. Quando foi que ela ficou tão tranquila, tão madura? Sentiu orgulho da amiga.

— Tem notícias de Laila?

— Chegou a LA, já está trabalhando para Sam Cooper… trabalhando e namorando. – Lisa revirou os olhos. Aquela ideia ainda precisava ser processada.

— Espero que ela não se machuque, mas sei que Laila tem o couro grosso, é forte.

— Às vezes as pessoas que parecem fortes são as mais frágeis. Meu medo é esse.

Rebecca franziu os lábios e levantou os ombros. Sabia que Lisa podia ter razão nessa, mas preferia pensar nas amigas como mulheres fortes e decididas.

***

A conversa entre Harmony e Olivier foi cheia de PERIGOSAS ACHERON

sentimentos difusos. Quando bateu na porta dos fundos do Merci, Harmony esperava encontrar Max e Olivier, ambos preocupados. Esperava encontrar um Olivier triste, amargurado pelo término. Mas não esperava ver Lisa, muito menos ver os dois juntos novamente. Agora ela tinha noção de que não tinha volta, de que qualquer plano de criar o filho tendo o pai ao lado estava fora de questão. Isso a dilacerou, sentia-se partida, quebrada em minúsculos cacos. Ao mesmo tempo, sentia falta de estar fora daquela realidade, anestesiada… Precisava de drogas.

— Preciso sair daqui!

Max, acatando a pesquisa de Rebecca, internou Harmony em uma clínica a poucos quilômetros da cidade. Ela estava recebendo tratamento e cuidados. Olivier estava ali, no horário de visitas, sentado ao lado dela em um balanço longo de madeira, no meio de um jardim muito verde e florido.

— Você precisa se tratar, *cher*.

— Não me chame de querida, Oli, isso dói.

— Eu te quero muito bem, mesmo você não acreditando em mim. Eu gosto de você, *mon cher*.

— Eu sei, mas não é como eu gostaria. Não é amor. Não é aquele amor que faz o coração bater forte, que faz o corpo despertar… E eu sempre soube disso.

— Eu tentei, Harmony, *le jure*. Tem sentimentos que não controlamos, coisas que não escolhemos.

Ela olhou para a barriga já arredondada e suspirou. Com isso ela tinha que concordar, há muitas situações não controladas ou não escolhidas.

— Eu pensei em tirá-lo. Eu tentei… – Ela alisou a barriga. Um pânico cresceu em Oli.

— *Par Dieu!* Você…

— Não, eu não fiz, Oli, tá na cara, né? E o bebê está bem, por mais incrível que lhe pareça. Eu tentava segurar ao máximo meu vício. Deus sabe o quanto eu penei, tentando me manter bem para que essa criança ficasse bem…

— Podemos lidar com esse bebê, *cher*…

— Mas não estaremos juntos!

— Não viveremos juntos, mas podemos estar juntos nessa.

— Não vejo como, Olivier!

Ela estava dando voz ao desespero que a consumia. Como ia cuidar daquela criança, se ela não soube cuidar nem dela mesma? Não tinha vocação, não tinha experiência e, também, não tinha vontade de ser mãe. A maternidade viria no pior momento de sua vida, em meio a um tratamento que ela nem esperava ter sucesso. O vício era cruel e lhe faltava força de vontade para eliminá-lo.

— Harmony, não se sinta só. Nós vamos nos arranjar e iremos dar o melhor para essa criança…

— Eu estou internada, desempregada e sem um lugar pra ir! – Os olhos dela estavam arregalados e neles era possível ver todo o medo que ela sentia.

Olivier a abraçou, permitindo que ela explodisse um choro convulsivo.

— Acho que já está na hora de eu abandonar esse apelido, Har-mo-ny…

— Harmony?!

— Sim… Há muito ando sem harmonia, que era o sentido disso. Talvez meu nome tenha mais a ver com esse momento da minha vida…

— E eu nunca te perguntei, *cher.* Você sempre disse que odiava o seu nome…

— Meu nome é Alice. Alice Boaventura Dias.

Olivier sorriu. Nunca imaginou Harmony sem ser "Harmony", mas Alice caía bem a ela.

— *Cher,* você está dizendo que é a hora de acordar? É essa a referência que você está fazendo?!

Ela ensaiou um sorriso. Sim. Ela estava pensando no clássico da literatura, naquela menina que era obrigada a tomar decisões e amadurecer. Ela foi testada e tentou fugir de suas dores o quanto pôde, mas agora precisava estar pronta para tomar decisões, ainda que fossem dolorosas e talvez incompreensíveis, mas que seriam necessárias para que recomeçasse a sua vida. Ela queria uma nova chance consigo mesma, uma vida totalmente nova. Iria gestar essa ideia assim como estava gestando aquela sementinha teimosa, cheia de vontade de

viver.

— Sim, eu acho que tenho que deixar a Harmony, meu eu antigo, ir embora… viver a vida como Alice Boaventura Dias.

— Ok, Alice. – Oli sorriu. – Lisa te mandou umas roupas, alguns *articles de toilette*.

— Ela é uma pessoa legal, Oli. Eu demorei para ver isso, para aceitar isso. Era mais fácil odiá-la e ser estúpida, achar que eu era melhor que ela. Fui preconceituosa, sim, e, no entanto, ela permanece me apoiando. Não a perca, Oli.

— Não pretendo.

Era difícil para Alice sorrir quanto a isso, mas ela se esforçou. Oli passou a mão no rosto dela, enxugando algumas lágrimas que ainda estavam por ali.

— Você precisa ir agora.

— Está me mandando embora?! Achei que estávamos nos entendendo…

— Deixa de ser bobo! Não estou te tocando daqui. – Ela apontou para a porta, indicando a enfermeira

sorridente que ali esperava. – Acabou o horário de visitas.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 24

A gravidez de Alice evoluiu bem, acompanhando o tratamento de desintoxicação que também funcionou, graças ao profissionalismo da equipe médica e também à força de vontade da ex-DJ. Faltavam poucos dias para o nascimento daquele bebê, que nem mãe nem pai quiseram saber antes se era menino ou menina.

No apartamento de Oli, Lisa preparou o quarto que ele como escritório para abrigar a mãe e a criança. Seria temporário, pois Alice já tinha deixado claro que queria ter um lugar só dela. Iria trabalhar assim que fosse possível, foi o que ela deixou claro para todos.

Lisa abusou das cores neutras e se dedicou a decorar o quarto como se fosse para um filho seu. Ela nunca tinha pensado na maternidade, mas ver aquela gestação e o carinho de Olivier ao planejar coisas simples, como preparar todo o apartamento para que a criança ficasse segura, fez com que ela imaginasse e até sonhasse com essa possibilidade.

Acabou marcando uma consulta com uma ginecologista, apenas um *check-up* normal, mas no fundo queria saber mais sobre maternidade e sobre suas chances caso optasse por isso. A médica pediu exames, todos prontamente realizados. Agora ela voltava da nova consulta com as informações dos exames. *"Como vou dizer isso para Oli?",* era uma pergunta recorrente em sua cabeça.

Oli já estava no Merci, cuidando de um carregamento de bebidas que tinha chegado, quando Lisa apareceu nos fundos do bar.

— *Mon amour,* que boa surpresa! – Ele sorriu ao vê-la, mas o sorriso foi sumindo assim que as lágrimas apareceram nos olhos dela. – *Pourquoi* choras? – Ele correu para abraçá-la.

— Eu… eu não poderei ser mãe.

— Não estou entendendo…

— Não posso ser mãe, Oli. Fiz exames, estou voltando da consulta médica… – As palavras saíam como em um turbilhão, molhadas pelas lágrimas e abafadas no peito de Oli, que ouvia tudo ainda sem entender. *"Por que Lisa foi ao médico? Por que*

isso agora?” eram seus pensamentos gritando enquanto a afagava e tentava acalmá-la sem muito sucesso. Seu amor estava aos prantos em seus braços, e ele não sabia o que dizer. Esperou que ela explicasse.

— *Mon cher*...

— Estou sendo ridícula, eu sei.

— *Non, non* está. Só me explique… por que você foi ao médico? Estava sentindo alguma coisa?

— Eu comecei a decorar o quarto, comprar coisas de bebê…

Era mesmo um turbilhão de palavras. Lisa se abriu, despejando em Oli a frustração de saber que não poderia gerar filhos. Explicou ao amado que na adolescência teve o diagnóstico de ovário policístico e que por isso sempre fez uso dos remédios anticoncepcionais, pois ajudavam na regulação e diminuíam todos os sintomas – acne, menstruação irregular etc. – e isso deixou de ser um problema na sua vida.

— Mas você foi se consultar por que voltou a sentir

dor?

— Não… eu comecei a pensar na maternidade. Quis saber quais eram as minhas chances. E, de acordo com os exames, se não for por um tratamento indutor, são chances próximas do zero. – Lisa tornou a chorar.

— Não chore, *amour*. Não sabia que você gostaria de ter filhos comigo…

— Nem eu sabia, meu amor, mas quando comecei a arrumar tudo, ver as roupinhas, o berço, você…

Ele afagou os cabelos dela, abraçando-a mais forte. Era insensível estar feliz naquele momento? Ele estava feliz, não com a notícia, mas com o fato de ela pensar em ter filhos com ele. Ela pensava em um futuro com ele. Isso era bom.

— O que seria esse tratamento indutor?

— Medicações para forçar uma ovulação…, mas meus óvulos talvez não sejam de boa qualidade…

— Então há chance?!

— Próxima de zero.

— Ainda é uma chance. Podemos tentar bastante…

– Ele sorriu, segurando o queixo dela e fazendo com que ela reagisse à piada. Ela sorriu, dando um tapinha no peito dele.

— Não brinque. Eu estou realmente triste.

— Estaremos juntos, Lisa. Independentemente de qualquer coisa. Qualquer coisa. – Enfatizou. – E iremos tentar. Bastante!

Ela sorriu. Estava sorrindo não só pela brincadeira de Oli, que agora fazia uma careta. Estava sorrindo porque ele não se abalou e a compreendia. Porque ele estava tentando animá-la. E porque ele – independentemente de qualquer coisa – não a deixaria.

***

— Respira, Harmony! Vamos!

— ALICE!!! – Foi o grito dado em conjunto por Olivier e pela própria Alice para Max, que estava em pânico.

Tinha chegado a hora. As contrações estavam próximas umas das outras, indicando que o bebê queria vir ao mundo e dizer o seu “olá!” em forma

de choro. Ter ficado na clínica foi uma boa escolha, a equipe médica se preparou rapidamente e agora era questão de tempo para o parto acontecer.

A sala de espera estava cheia. Lisa, Rebecca, Bia e até Speed estavam ali. O bartender deixou os novatos por conta do Merci e correu para a clínica assim que soube que as contrações começaram. Estava se mostrando um apaixonado por crianças, apareceu com um urso de pelúcia gigante, que mal passou pela porta.

Diana não apareceu, nem nessa hora. Speed lamentou, tentou em vão ajudá-la, gostava dela…, mas ela estava em um caminho conturbado e não quis ajuda. Não como Alice. A ex-DJ estava ali e sendo aquela mesma pessoa forte que todos antes conheciam. Os gritos de dor podiam ser ouvidos na sala, as paredes eram finas e a cada grito todos estremeciam na sala de espera. Um misto de preocupação e excitação que fazia os corações de todos batucarem como uma verdadeira escola de samba.

O choro do bebê também foi audível, mas foi

superado pelos vivas e gritinhos dos que esperavam. Em menos de um segundo, a cabeça de Max apareceu na porta, com um sorriso enorme e a notícia *"É um menino!"*. A celebração de uma nova vida encheu todos de alegria.

O coração de Lisa apertou, mas ela controlou a respiração. Estava feliz por Olivier, por aquela criança ter conseguido vir ao mundo, por Alice e pelo quanto ela foi forte. Mas não conseguia ignorar o quanto estava apreensiva.

***

O bebê passou por vários exames, para afastar todas as preocupações que aquela gestação trouxe. Aparentemente e pelos resultados dos exames tinha nascido normal, sem problemas causados pelo vício da mãe. Ela ter tentando se controlar e se tratado durante a gestação, pelo visto, foi crucial. Se havia algum problema não era visível, muito menos rastreável pelos exames existentes. Um milagre e uma verdadeira vitória.

— Nicolas. *Mon fils.* – Olivier estava em êxtase. O menino tinha muito dele, mais do que ele poderia

desejar.

Alice tinha deixado que ele escolhesse o nome, e Nicolas foi uma escolha pensada. Era francês e significava “vitorioso”, do grego *Nikólaos*, formado pela união dos elementos *nike* que quer dizer "vitória" e *laos*, que significa "povo".

— Gostei do nome. – Alice sorria, enquanto dava a primeira mamada. O menino era esperto, agarrou o peito como se fosse experiente naquilo. Ela contou os dedos dos pés e das mãos, emocionada por ter gerado uma pessoinha perfeita, mesmo dentro de toda aquela imperfeição. – Ele é perfeito?!

— *Oui!* É! Ele é perfeito. – Os olhos de Olivier transbordavam emoção, amor e lágrimas. – É um *petit Oli.* Espero que o Petit o ame.

Alice sorriu.

***

— Ele acabou de arrotar.

Lisa estava com Nicolas no colo, que dormia tranquilo, a cabeça quase pendendo de seu ombro. Alice o ajeitou no colo dela, sorrindo e a olhando

nos olhos.

— Você dará uma ótima mãe... O que foi?! – Alice se surpreendeu com a reação de Lisa diante daquele elogio, que foi sincero. – Falei algo errado?

— Eu não terei filhos, Alice. Não poderei. – Lisa se sentou na poltrona de amamentação, a tristeza tomando conta de seu rosto.

— Não sabia, Lisa, mil desculpas!

— Tudo bem. Eu não contei para ninguém. Só para Olivier.

Alice acariciou o rosto de Lisa, limpando as lágrimas que escorreram, depois sentou-se na cama que vinha usando nos últimos seis meses.

— Lisa, você vai ser uma ótima mãe.

Lisa a encarou, surpresa. Tinha acabado de contar para aquela mulher algo que lhe trazia tristeza e era isso que ela fazia? Esfregava novamente em sua cara uma possibilidade que lhe era próxima de zero? Estava prestes a se revoltar e só não ia explodir porque tinha um anjinho nos braços e que nada tinha a ver com aquela insensibilidade.

— Calma. – Alice estendeu as mãos, tocando os joelhos de Lisa ao perceber sua inquietação. – Não me interprete mal. Deixa eu te explicar.

Alice abriu o coração para Lisa, despejando tudo que ela pensou durante as semanas de gestação. Toda a dor do término que a levou às piores escolhas, a vontade de um recomeço e o quanto ela se achava despreparada para aquela novidade. Lisa ouvia a tudo, tentando organizar em sua mente todas as informações. Era muita coisa para ser digerida e Alice não tinha deixado nada de fora, nem mesmo toda a raiva que sentiu de Lisa e como ela conseguiu convertê-la em gratidão, por tudo que Lisa fez.

— Eu esperei, Lisa. Eu ouvi tantas vezes que quando eu olhasse no rostinho dele, quando o tocasse a primeira vez, seria inundada por um amor incondicional que não me permitiria pensar uma vida sem ele. Não foi o que aconteceu. De novo, não me entenda mal! Não me julgue! – Lisa balançou a cabeça em negativa, incentivando-a a continuar. – Eu amo essa criança e sei que faria

tudo por ela. Inclusive tomar essa decisão. Eu consigo pensar na minha vida sem estar com esse bebê. Consigo, porque o bebê tem um bom pai… E terá você.

— Alice, eu não…

— Deixa eu terminar, por favor. Eu pensei muito. Eu pensei em todas as minhas chances e pensei nas melhores chances para o Nicolas. Eu não vou criar essa criança. Não devo. Eu tenho a sombra de um vício me rondando e nem sequer tenho certeza de que sou forte para me manter sob o sol. Não vou estar proporcionando a ele um bom futuro. Você vai. Você vai ser mãe, Lisa.

— Mas…

— Ele já está desmamando. Meus seios já quase não produzem leite, é questão de dias… eu preciso me afastar, Lisa. Preciso de uma nova vida.

— Mas os médicos! Eles disseram que você precisa do apoio dos amigos!

— E eu tive. E o maior apoio é saber que meu filho será bem cuidado e amado. Eu vou voltar para o

Rio, eu sou de lá. Vou para perto da minha família, não vou falar para eles sobre o Nicolas. Ele não precisa de problemas, nem de se sentir confuso. Ele terá vocês dois…

— Alice, você tem certeza disso?! É, é muita informação, muita louc…

— Não é loucura. Eu tive tempo para pensar e está decidido. Além disso, tive tempo para ver você me ajudar e cuidar do Nicolas com carinho, mostrando que eu não farei falta. Veja bem… eu estou confiando em você. Estou deixando o que mais amo, porque sei que é o melhor para ele. Vamos oficializar isso. Quero que você seja a mãe do meu filho.

A cabeça de Lisa estava a ponto de explodir. Era quase uma insanidade, ela pensou. Nicolas se mexeu em seu colo, abrindo um sorriso. Devia estar sonhando, se é que bebês sonhavam… O que ela sabia sobre bebês? Tinha lido algumas coisas, curiosa com aquela gestação, mas não tinha lido com esse objetivo.

— Olivier. Ele sabe disso?

— Ainda não.

— Meu Deus, Alice!

— Irei conversar com ele. Escolhi falar primeiro com você. Você aceita?

— Eu, eu não sei o que responder!

— Você é capaz de amar essa criança como se fosse sua? – Alice perguntou, sem desafiar, o carinho suavizando o tom da pergunta.

— Eu já o amo dessa forma, Alice.

A mãe sorriu e se ajoelhou aos pés daquela nova mãe.

Não precisava de uma resposta audível. Estava decidido. Era o que ela precisava.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 25

Uma profusão de sentimentos consumia Lisa. Ela estava orgulhosa da confiança de Alice, principalmente depois de tudo o que passaram. Estava feliz com aquele pequeno bebê em seu colo, que a olhava com um sorriso cheio de baba, mas muito doce, trazendo puro deleite. Ao mesmo tempo estava com um medo crescente de não estar à altura daquela tarefa quase sagrada para uns e que parecia impossível para outros. Ela ainda não sabia em qual lado dessa balança ela se encaixaria e isso era assustador!

Também estava angustiada, Olivier não fazia ideia dos planos de Alice, como ele reagiria? O temperamento do amado era próximo do "destemperado", o que a preocupava. Bem no íntimo, ela temia que ele resolvesse abandoná-la e ficar com Alice e Nicolas, apenas para que a mãe do menino não sumisse no mundo. *"Mas ela não vai sumir! Ela já falou que vai para o Rio! Ela só quer um novo começo."*, eram os pensamentos

desencontrados de Lisa, pensamentos que lutavam contra todos aqueles temores.

Nicolas começou a chorar e o pânico quase a dominou. Ela sentiu vontade de chorar junto. *"Eu não sei o que esse choro quer dizer! É fome? Sono?",* pensava, enquanto o balançava no colo, uma tentativa de fazer com que ele parasse, em vão. De repente, Alice entrou no quarto, trazendo uma mamadeira. O bebê a agarrou como se fosse a coisa mais importante do mundo, avançando para o bico e sugando com vigor.

— Como você sabia que era fome? – Ela precisaria aprender o máximo possível com Alice, que a olhava sorridente.

— Eu não sabia. Mas ele estava sem comer há quase três horas… geralmente, ele come de três em três, é a orientação do pediatra. Então…

— Entendi.

— Lisa, não pense que existe algo de mágico na maternidade, ou que só por gerar a vida já dominamos o "manual". – Alice enfatizou a palavra, desenhando as aspas no ar. – Não há

manual, não tem mágica… E muitas vezes você vai se sentir perdida. Não hesite em pedir ajuda, principalmente de Olivier. Ele é um ótimo pai, tenha fé nisso.

— Você tem certeza de que é isso que quer, Alice? Não está com medo?

— Vivi muito da minha vida com medo. Vivi muita coisa que me amedronta até hoje. Mas deixar meu filho com vocês dois não é uma dessas coisas. Eu sei que ele será amado.

— Não tem medo do que vão pensar? – Lisa estava colocando Nicolas para arrotar. Alice reparou em como ela fez isso quase no modo automático e sorriu.

— Eu serei julgada de uma forma ou de outra. Já fui julgada outras vezes. Minha família me abandonou na minha adolescência, me colocou para fora de casa porque eu engravidei… E não me aceitaram de volta, mesmo quando eu perdi o bebê. – Alice se sentou na beirada da cama e estava dobrando algumas roupinhas do bebê, despejando aquela parte do passado como se fosse algo

corriqueiro, como se não desse conta do quão dura era aquela história. Lisa a estava olhando surpresa. Não esperava ouvir algo tão chocante, tão íntimo, tão triste.

— Ai, Alice… eu… eu não sabia.

— Ninguém sabe. Quando decidi vir para cá, escolhi deixar o passado para trás. O superei. Criei a Harmony, renasci.

— E agora você vai voltar para o Rio e para ver sua família? Como vai ser isso para você?

— Quando estava me reabilitando, a psicóloga pediu que eu ligasse para os meus pais, conversasse com eles, os confrontasse. Eu esperava que eles desligassem na minha cara, esperava todos aqueles julgamentos e xingamentos que recebi anos atrás, mas não foi o que aconteceu. Meus pais estavam arrependidos de não terem me apoiado. Nós conseguimos nos reconciliar e isso foi muito importante no meu tratamento. Falei que quero uma nova vida, mas, na verdade, creio que estarei recomeçando…

Houve uma conexão entre elas, que agora estavam

emocionadas. Nicolas dormia calmamente, e Lisa o colocou no berço, para depois abraçar Alice. As duas choraram juntas, um choro catártico, que dissipou todas as mágoas do passado.

— Obrigada, Lisa.

— Preciso que você converse com Olivier. Não me sinto confortável…

— Assim que ele chegar do Merci. – Alice a beijou na testa. – Prometo.

***

Depois do nascimento de Nicolas, Oli estava mais caseiro, ficando menos tempo no Merci e mais tempo babando a cada sorriso do filho. Ele chegou cedo do bar, deparando-se com um belo jantar preparado por Lisa. A mesa posta com a melhor louça, com meia-luz… Ele estava confuso. Estavam em um momento confuso, com sua ex convivendo com eles e na mesma casa, com uma criança… Lisa vinha da cozinha, trazendo uma travessa de lasanha. Ela colocou a travessa na mesa e foi até ele, beijando-o ternamente.

— Estamos comemorando alguma coisa? – Ele sorriu, olhando para a mesa arrumada.

— Não! Só quis fazer um jantar… – Ela corou, o coração acelerado. Sentia-se mentindo para ele. Apenas achou que um jantar viria a calhar e ajudaria na conversa.

Alice saiu do quarto, terminando de ajeitar os cabelos, cumprimentou Olivier e se sentou à mesa.

— E o bebê? – Oli olhava à sua volta com a expressão preocupada.

— São nove da noite. O bebê já dorme. Relaxa! – Alice fez sinal para que ele se sentasse.

Oli foi ao lavabo lavar as mãos, uma desconfiança crescente em si, avolumando-se. *"O que essas duas andaram aprontando?"*. Voltou à mesa, mas não se sentou.

— Podemos tomar um vinho?

— Ótimo! Ótima ideia! Um vinho! – Lisa se apressou, uma efusividade exagerada.

— Deixa eu escolher? – Oli estendeu a mão para ela, para que se sentasse. Foi à cozinha e escolheu

uma garrafa da adega. Lisa estava esquisita e aquele clima o estava enervando. Abriu a garrafa e se sentou.

— Agora, vocês duas podem me dizer *qui se passe?*

As duas mulheres o olharam sérias, mas nenhuma das duas indicou que começaria a falar. Lisa estava claramente desconfortável e não queria ser ela a falar, queria respeitar o momento, era algo decidido por Alice. Por sua vez, Alice não sabia como iniciar aquela conversa, quais palavras usar e, o pior, como Olivier receberia sua decisão.

O silêncio foi quebrado quando Olivier se levantou, fazendo um barulho surdo e alto quando as mãos espalmaram a mesa. Nicolas acordou e começou a chorar, Lisa foi rapidamente acalentá-lo, agradecendo silenciosamente aquele susto e o choro do menino. Agora era entre Alice e Olivier.

— Então, Alice. Vai começar a falar? O que vocês andaram aprontando?

— Oli, espero que você esteja de coração aberto para ouvir tudo o que eu tenho a dizer.

— *Oui*…

— Nem eu, nem você escolhemos estar nessa situação que estamos vivendo. As coisas foram acontecendo, nos unindo e nos separando…

— Alice, você pode ir ao ponto?

— Não. Não posso. Preciso que você compreenda o todo. Você pode ser paciente?!

Lisa tentava ouvir tudo através da parede que dividia corredor e copa. Ela segurava Nicolas com cuidado, ninando a criança para que não chorasse. O bebê estava com uma das mãos na boca, coçando as gengivas. Ela o olhou com amor, admirando aquele anjinho tão pequeno e tão inocente, tão alheio a tudo que estava acontecendo. Melhor para ele. Na copa, o crescente das vozes indicava que a conversa seria acalorada.

— Eu não sou paciente?! – Oli perguntou, ofendido.

— Para muitas coisas, não. – Ponderou Alice. – Mas para essa conversa em específico, preciso que você seja.

— *Ouais! Ouais!* Estou ouvindo. *En son temps*. – Ele fez um meneio com as mãos floreado, quase bem-humorado, indicando que ela continuasse. Alice respirou fundo. Agora era para valer.

— Enfim, tivemos o Nicolas. Não foi uma escolha nossa, mas ele está aqui neste mundo, saudável e muito amado por todos. Eu nunca contei a você sobre o meu passado, sobre mim, nunca quis que as pessoas dessa cidade conhecessem a Alice. Então vocês conheceram a Harmony, mas agora irei te contar sobre a Alice. Ela saiu de casa quando ainda era uma menina, com quase 16 anos. Estava assustada, lidando com as mudanças do corpo e também com uma gravidez. Sim, a Alice já tinha engravidado antes, não faça essa cara assustada, por favor. – Alice roeu uma ponta de unha, aflita.

Oli estava recostado na cadeira, realmente assustado. Não tinha ideia de qual rumo essa conversa tomaria.

— Eu, eu não tinha ideia…

— Eu sei. Eu não contei nada para ninguém. – Alice engoliu em seco, colocando-se naquela

história que ela relutava revelar. – Meus pais me expulsaram de casa, Oli, não teve conversa. Um dia eu era uma adolescente “normal”, que tinha casa, estudo, amigos, um namoradinho… No outro, eu era uma mulher sem lugar para ir, sem ninguém. Meus amigos eram jovens demais para lidar com os meus problemas, meu namoradinho virou as costas assim que soube da gravidez… Só esteve presente na clínica, no dia em que decidi e abortei aquela gestação. Ele queria garantir que eu não estragaria o futuro dele.

Alice bufou, sufocando as lágrimas. Não era fácil colocar tudo aquilo para fora.

— Os pais dele me deram algum dinheiro para que eu sumisse. E foi a alternativa que eu aceitei, sumir. Peguei aquele dinheiro, acumulei mais um pouco com a venda de um violão que eu tinha e vim para Vitória. Eu já conhecia Diana, passávamos férias no mesmo lugar. Ela me acolheu por um tempo…

— E sua família? Não te procuraram?

— Nunca.

— Caramba, Alice! – Ele levantou, fazendo

menção de que iria abraçá-la. Ela recuou, gesticulando para que ele se sentasse. Precisava terminar.

— Aí eu virei Harmony. Sempre gostei de música, de tirar som das coisas e ser DJ era rentável. Aprendi muito com o namorado da Diana à época. Fiz economias trabalhando em bares e lavando pratos, até ter bons contatos na cidade e poder comprar meus primeiros equipamentos.

— Quando abri o Merci, você já era conhecida…

— Sim, tive bons contatos, que me ajudaram muito a conseguir bons trabalhos. Conhecer você foi bom, Oli. Nunca vou lamentar isso.

Ele sorriu, mas os olhos ainda demonstravam a tristeza ao saber de todo aquele passado pesado, cheio de marcas.

— Bem, fui forte, consegui batalhar e ter um lugar ao sol, como dizem. Nunca tinha me envolvido com drogas, nem tive problemas com excesso de bebida… mas tinha feito essa escolha no passado e lidava com ela todos os dias. Eu tinha escolhido abortar, eu não podia ter um filho naquele

momento. Achava que nunca daria uma boa mãe, mesmo.

— Mas você é!

As lágrimas ficaram evidentes e o nó na garganta estava quase impedindo que ela continuasse. Lisa, ainda tentando ouvir, segurou Nicolas com mais força, o coração pulsando forte. A criança reclamou e ela correu para o quarto para aninhá-la no berço, torcendo para que não chorasse e a denunciasse. Estava sendo curiosa, era verdade, mas quem não seria no meio daquele furacão?

Alice gesticulou para que Oli esperasse um minuto e deu um bom gole no vinho. Oli já ia reclamar, mas ela o encarou, fazendo com que ele engolisse qualquer repreensão quanto ao fato de ela ter bebido. Nicolas já não estava mamando no peito, ela cuidou para que isso acontecesse. Respirou fundo, era a hora de continuar.

— Eu não sou uma boa mãe, Oli. Não serei. Ou talvez seja, depende do ponto de vista. O fato é que não me sinto confortável em guiar uma vida com uma bagagem tão pesada nas costas. Eu amo o

Nicolas, não duvide nunca disso. Amo tanto que… – Ela pausou, tentando concentrar forças.

— Tanto que…?! Fala, Alice!

— Tanto que não irei criá-lo.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Chapitre 26

— *À la merde!* Que brincadeira é essa?! – Olivier saltou da cadeira. – Explique-se!

— Quero que você e Lisa criem meu filho. – Alice vomitou as palavras, e depois que elas saíram, o alívio foi imediato. Respirou fundo. Olivier a encarava com uma expressão de incredulidade que era difícil encarar de volta.

Alice se sentou, pegando a taça de vinho. Oli a deteve.

— Você está bêbada?!

— Não. Esse é o segundo gole que eu dou. Você me ouviu bem e eu estou muito lúcida, nunca estive tão lúcida. Não duvide do que você ouviu. Eu quero que Lisa seja a mãe dessa criança, que ela a crie com muito amor. Com você.

— LISA! – Olivier gritou, acordando e assustando Nicolas mais uma vez. O bebê tinha acabado de adormecer! Até Petit levou um susto, indo parar embaixo do berço.

Lisa também se assustou, deu um pulo e quase caiu da beirada da cama. Ela pegou o bebê e, com outro pulo, já estava na copa.

— Você… – Ele a olhou nos olhos. – Você sabia disso, Lisa?! SABIA?!

— Calma, meu amor… – Lisa colocou Nicolas no colo de Oli. Assim ele teria que se acalmar, por bem ou por mal. – Eu e Alice conversamos nesta tarde. Ela me contou os planos dela… achei melhor que ela conversasse contigo.

Olivier bufou, mas afastou da mente a sensação de ter sido traído. Elas não estiveram confabulando, planejando aquilo tudo e o deixando de fora das decisões. Percebeu que o plano era coisa de Alice… E voltou a encará-la.

— Alice, você não pode fazer isso! Vai abandonar seu filho!

— Nosso filho! Não o fiz sozinha, Olivier!

— *Oui*...

— Não entendo a sua resistência. Vai ser melhor para todos!

— Melhor para o seu filho?!

— Também, Oli. Ele já não depende de mim nas questões de amamentação. Não há nada que Lisa não possa fazer para ele. Vocês dois estão juntos e não vejo vocês se separando em um futuro, nem mesmo distante.

Olivier se sentou, balançando Nicolas, que voltava a dormir. Olhou para Alice com tristeza. Não acreditava que ela fosse capaz disso, capaz de abandonar aquela criança.

— Não me olhe assim. Você pode estar achando absurdo, mas estou saindo da vida do meu filho por amor a ele! – Os olhos de Alice marejaram e ela respirou fundo, olhando para o teto e se forçando a não chorar.

Olivier bufou e sussurrou um xingamento, quase inaudível. Alice revirou os olhos. Ele era um cabeça dura, definitivamente.

— Ok. Você não acredita em mim. Quantos pais abandonam seus filhos com as mães e somem do nada? Ou simplesmente dizem que não vão cuidar, não vão assumir o filho e pronto? Eu não estou

abandonando o Nicolas, Olivier! Estou deixando meu filho com um casal estável e cheio de amor que poderá criá-lo! Ele terá família! Terá uma vida muito melhor do que a que eu poderia dar.

— E você vai fazer o que da sua vida?!

Ela sorriu. A pergunta demonstrava que ele começava a digerir a ideia. Ao menos para ela era isso que significava e isso a fortaleceu.

— Vou voltar para o Rio, para a minha família. Abandonei a Harmony e, agora, voltarei a ser a Alice como um todo.

— *Comme?!* Vai voltar pro Rio? Sua família? Eles te abandonaram!

— Um dos passos na minha reabilitação foi me conectar com minha família novamente. Eu liguei para eles, nós conversamos. Foi uma conversa dolorosa, com acompanhamento da psicóloga da clínica. Eles se deram conta do que me causaram e nós nos perdoamos…

— *Simple* assim?! - Oli passava uma mão na cabeça, quase arrancando os cabelos, enquanto

equilibrava Nicolas com a outra. O menino dormia sorridente, ignorando tudo à volta. Lisa se aproximou, mas Oli sinalizou que estava tudo sob controle.

— Por que deveria ser difícil, Olivier Beaumont?! As pessoas precisam ter a chance de mudar…

— E é isso que você quer. Mudança. Isso sem considerar o que aconteceu até aqui?!

— Sim, quero recomeçar e considerei tudo, realmente tudo que aconteceu até aqui. E sei que com Nicolas será difícil um recomeço. Entenda, eu já tinha me conformado de que nunca seria mãe, foi o que me falaram naquela maldita clínica clandestina! Que tinha havido complicações, que eu sangrei muito… não foi uma ida à Disney, *cherry*! – Alice estava exausta. Sabia que seria criticada, mas não esperava que a inquisição começaria justamente com Oli.

— Ah, Alice…

Lisa a confortou, massageando os ombros dela, ela estava emocionada com tudo aquilo.

— E você, Lisa? *Ok* com essa decisão da Alice?

Lisa encarou Olivier. Não sabia como responder essa questão. Escolheu deixar as emoções falarem.

— Eu amo o Nicolas como se fosse meu filho e sei que posso amá-lo mais e mais. Oli, o que está em questão aqui é a felicidade de todos… você não pode julgar a Alice dessa forma.

Olivier respirou fundo. Não tinha o que dizer, mas precisava pensar.

— Eu fui filho de uma mãe solteira. Meu pai a abandonou ainda grávida. Eu sei o que é ser criado sem um pai… – Olivier estava com a voz embargada.

— Meu querido, eu não sabia… – Lisa o olhava com ternura.

— Eu sei, Oli. – Alice o encarou, estendendo a mão sobre a mesa. Ele a pegou, apertando-a, enquanto as lágrimas desciam.

Lisa contornou a mesa e pegou Nicolas. Sentiu-se mal por não saber algo tão pessoal, algo que Alice sabia. Ainda tinha muito o que conhecer daquele

que era uma parte importante de sua vida, e ele também tinha muito a conhecer sobre ela. Aquietou-se com aquela pequenina vida em seu colo, torcendo para que tudo ficasse bem.

— Então você sabe o quanto a sua decisão mexe comigo.

— Sim, eu sei. Mas não estou fazendo o que seu pai fez. Ele deixou você e sua mãe sem suporte, totalmente perdidos. Sua mãe teve que lutar para criá-lo sozinha. Não será o mesmo com Nicolas. Estou deixando com você porque é o melhor pai do mundo, será o melhor, sempre. E você tem a Lisa, confio nela porque sei que ama meu filho e fará sempre o que for preciso por ele. – Alice olhou para Lisa e sorriu, fazendo com que Lisa sorrisse de volta em agradecimento. Confie nisso, Olivier, confie em nós!

O silêncio que tomou conta da mesa indicou que a conversa tinha chegado ao fim. Lisa colocou Nicolas no berço e voltou à mesa.

— Podemos jantar, por favor?

— Acho que devíamos esquentar essa lasanha…

Olivier soltou um riso baixo. Lisa pegou a travessa e voltou para a cozinha, Alice serviu o vinho novamente… A roda da vida voltava a girar e o ar pesado se dissipava. Só dentro da cabeça de Oli as coisas ainda estavam nebulosas. Ele não sabia o que pensar daquilo tudo. Passado e presente se fundiam, se confundiam, fazendo com que qualquer projeção de futuro fosse assustadora. Ele precisaria pensar e precisaria do apoio de Lisa.

***

O colchão era da melhor qualidade, os travesseiros macios, a mulher que ele amava estava aninhada em seu corpo, mas Olivier não conseguia dormir. Aquela conversa estava em loop, repassada dezenas de vezes em sua mente. *"Como posso concordar com isso?!"* era um questionamento válido.

— Está acordado? – Lisa sussurrou, acordando Petit, que levantou a cabeça encarando-a. O gato só dormia com ela, desde que se mudou para aquela casa. Oli não tinha ciúmes disso, mas sempre brincava sobre essa proximidade, dizendo que perdeu espaço para um bichano. – Oli? –

Novamente sussurrou.

— *Oui*...

— No que está pensando? Divide comigo…

— Estou assustado.

— Eu também estou. Acho que é normal nesse caso.

— Alice nos jogou uma *patate chaude.*

— O quê?! – Lisa segurou Petit, enquanto se sentava.

— *Un* batata quente.

— Ela está decidida, Oli.

— É isso que me assusta! Não nos foi dada a opção de discordar.

— Ela está segura de que é o melhor.

— E o que você acha?

— Sinceramente? Não sei. Mas confesso que a possibilidade de ser mãe, mesmo sendo dessa forma, me fez sorrir. Eu amo o Nicolas, disso eu tenho certeza. Iremos criá-lo juntos…

Olivier olhou para Lisa. Não tinha notado o quanto

aquilo tudo também mexia com ela. Ela ainda estava lidando com o fato de que não poderia ser mãe, não iria gestar uma vida em seu próprio ventre. De repente, todas as peças daquele quebra-cabeça faziam sentido, encaixavam-se. Ele a abraçou, trazendo-a para mais perto de si.

— Desculpe-me, *cher*. Não tinha percebido o quanto tudo isso te afetava…

— Eu também não sabia que te afetaria tanto. Você não me contou sobre o seu passado... – Lisa encaixou o rosto no peito de Oli. – Não sabia sobre sua infância. A Alice…

— Ela sabia. Eu convivi mais tempo com ela, natural que ela saiba algumas coisas, mas a intensidade da minha vida foi com você. Lisa, nós ainda temos tempo para falar tudo sobre nós, um para o outro. Não se preocupe com isso. Nada que você diga fará eu me afastar de você.

Lisa depositou um beijo no peito de Olivier. Ela tinha certeza do amor dele, mas ouvi-lo reforçar era sempre muito bom.

— O que iremos fazer?

— O que você quer fazer, minha *fleur de Lis*?

— Quero ser feliz. E te fazer feliz. E quero fazer o Nicolas ser feliz também. Só não sei como iremos lidar com essa situação.

— Podemos decidir enquanto a vida segue?

— Prefere assim?

— Nós não temos as respostas…

— Você é um bom pai, meu amor.

Olivier sorriu. Ele sabia que era, ele fazia questão de ser. Ele seria para Nicolas o pai que ele nunca teve. Ele tinha o exemplo da mãe para seguir. Até o último minuto de vida a mãe tinha sido uma heroína, enfrentando todos os obstáculos que surgiram e ficando sempre presente em sua vida. Ele faria o mesmo pelo filho. Devia isso à mãe. E, agora, à Alice.

— Você será uma ótima mãe. – Ele disse, depositando um beijo nos cabelos de Lisa.

Lisa ergueu o corpo, encarando-o.

— Isso quer dizer o que eu acho que quer dizer? – Ela segurou a respiração e não evitou o sobressalto

e o sorriso que a frase lhe provocou.

Olivier também sorria, os olhos já mais claros, a nuvem de preocupação tinha se dissipado. Ele concordou com a cabeça e Lisa sorriu, voltando a deitar e se aninhar no peito de Oli.

Ver o quanto aquela situação envolvia Lisa fez com que tudo se esclarecesse para ele. A decisão nunca foi dele, o papel dele não se modificava naquela equação. A decisão era de Alice e, mais ainda, era de Lisa. Ele daria esse passo não só pelo filho, pela memória de sua querida mãe ou por Alice e sua chance de recomeço de vida sem a dificuldade de criar uma criança, como ela imaginava ser. Ele assumiria essa situação também por Lisa, pela chance de ela viver algo que lhe havia sido negado biologicamente, mas que poderia ser vivenciado na prática. Mãe é quem cuida, não era essa a frase? Seria assim para eles, e Nicolas teria uma família cheia de amor, que o amaria incondicionalmente. A certeza disso aquecia o coração.

— Sim, seremos pais do Nicolas. Você e eu. – Oli sussurrou. E finalmente conseguiu dormir.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Epílogue

— Você está sexy…

Lisa estava terminando de fechar o vestido, quando foi impedida por Olivier. Ele desceu o zíper devagar, admirando a beleza de sua mulher, abaixando-se para distribuir beijos na linha da coluna, fazendo Lisa se inclinar para trás, as ondas de prazer percorrendo seu corpo e se concentrando em sua intimidade.

— Temos tempo?

— *Oui*... Faremos o tempo.

Ele fez o vestido deslizar e cair no chão. Petit miou e correu para a suíte. Agora ele se refugiava na banheira, todas as vezes que percebia que o clima esquentava. Lisa riu, girando o corpo para ficar de frente para Olivier, que agora se concentrava em lhe retirar a lingerie. Quando ele voltou a se levantar, ela o empurrou para cama. Agora era ela que se ajoelhava, pronta para abrir o jeans do marido. Lisa puxou a calça, fazendo-o ficar nu e, ajoelhada entre as pernas dele, passou a língua

pelos lábios com lascívia. Ele não perdeu o costume, continuava não usando roupas íntimas, o que só a excitava ainda mais. Lisa sorriu para Olivier, que lhe encarou maliciosamente. Adorava assistir ao espetáculo da esposa, que o chupava provocando-o com o olhar, quase fazendo-o perder o controle e se adiantar no momento. Ele a fez levantar e – segurando as mãos dela – a fez caminhar ajoelhada, contornando seu corpo, até que a intimidade estivesse a milímetros de sua boca. Ele a lambeu com gosto, não perdia o prazer de ver o desejo crescer no rosto da amada. Ela gemia baixinho, enquanto suas mãos apertavam as do marido e ele a satisfazia, brincando com seu clitóris, usando a língua habilmente, fazendo a mulher tremer em sua boca. Ela estava cheia de tesão e engatinhou novamente pela cama até se sentar no colo de Oli, que agora a preenchia por inteiro, enquanto abocanhava um dos seios, sugando o mamilo até ouvi-la gemer e repetir seu nome. Estavam se movimentando no mesmo ritmo cadenciado, mas fazendo o mínimo de barulho. Lisa colocou as mãos na boca de Olivier assim que

ele começou a gozar, para que ele não gritasse. Ela mordeu os lábios, também segurando seu grito de gozo. As batidas na porta fizeram com que eles voltassem à realidade.

— Mamãe?! “Abi!”

— Calma, Nicolas! – Oli gritou para o menino. – Mamãe está se arrumando!

— E você, *papa?*

Ouvir aquela voz infantil e adorável dizer *“papa”* fazia Olivier se deliciar. Ele sorriu de satisfação, olhando para a mulher, que agora tentava limpar a “bagunça”. Estava vivendo um conto de fadas e era a fase do “felizes para sempre”.

— *Papa va ouvrir la porte!* Já vou abrir a porta. Um minuto!

— *D'accord, papa.*

O pequeno Nicolas já estava ambientado com aquela mistura de português e francês, apesar dos apelos de Lisa para que Olivier não confundisse a criança. Lisa entrou nas aulas de francês assim que percebeu que seria inevitável que pai e filho se

comunicassem e tentassem fazê-la boiar nas conversas. Oli amou a ideia das aulas e a incentivou. Ele queria que o filho tivesse suas raízes francesas também.

Enquanto Olivier tomava uma ducha, Lisa abriu a porta. O pequeno entrou correndo, indo direto para a cama, começando a pular no colchão.

— Mamãe, está tudo pronto?! Olha, eu estou pronto!

— Sim, meu pequeno *infànt.* – Ela arriscou, e ele fez uma caretinha fofa. – Nós já vamos descer.

— Quero ver meu bolo!

— É exatamente do jeito que você pediu.

— Tem vela?!

— Claro! Seis velinhas, uma de cada cor, uma para cada ano de vida!

— Oba!

Olivier saiu do banheiro com uma toalha enrolada na cintura e outra enxugando os cabelos. Jogo-a em Nicolas, assim que o viu pulando na cama.

— *Allez! Allez!* Desça já daí!

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Papa,* quem virá ao meu aniversário?

— Todo mundo! O Merci está fechado hoje, fechei para todo mundo vir. Tio Max, Tia Mel…

— Tio Speed! – O menino bateu palmas de felicidade.

— *Oui, oui*... Tia Bia, Becca… Todas as tias também!

— Até tia Laila?!

— Tia Laila não vai vir porque acabou de voltar para a casa dela… é longe!

— Tio Sam me prometeu um brinquedo beeeeem legal! – O menino abriu os braços, com um biquinho de decepção se formando no rosto. Oli bufou.

— Tio Sam, tio Sam… – E passou a sussurrar impropérios. – *A la merde tio Sam*...

— Oli… – Lisa o repreendeu. Ele ainda guardava uma certa implicância com Sam Cooper, mesmo depois de tudo. Oli deu de ombros e começou a se vestir.

— E tia Alice?

PERIGOSAS ACHERON

Oli olhou para Lisa, que terminava de por os brincos. Os brincos mais importantes de sua vida. Aqueles brincos a fizeram chegar até ali. Ela sorriu para Oli, que capturou o sorriso através do reflexo do espelho da penteadeira, um sorriso confortador, confidente, confiante.

— Sua tia Alice não deu certeza, meu amorzinho. Mas ela te ama muito! – Lisa sorriu para ele, que a encarava curioso.

— Eu sei. Ela me liga sempre que pode e a gente conversa muito! *Je l'aime beaucoup*... – O menino falou, de modo solene.

— Você a ama muito, é?! – Lisa o pegou no colo, abraçando-o forte e enchendo de beijos. – Ame mesmo, pois ela merece! Já falou isso para ela?

— Já! E ela também me ama!

— Claro que ama! – Oli entrou na conversa, apertando o nariz do menino. Nicolas fez outra careta, risonho.

— *Je sais, papa.* – Nicolas respondeu para Olivier. – Ela me deu pra você, não é mamãe?

— Sim. E fez isso porque ela te ama demais.

Fin

PERIGOSAS NACIONAIS

Outras obras de Dani Mart



PERIGOSAS ACHERON

Na superfície

Entre destino e escolhas, uma paixão arrebatadora

Uma história sobre destino, escolhas, desencontros e paixões arrebatadoras.

Quanto pode custar uma noite inocente, com uma amiga e shots de tequila? Para Jessica, toda uma nova vida. Um recomeço. E problemas. Daquela noite, lembra-se apenas do sorriso de Fausto e de alguns flashes vergonhosos.

Um início incomum e um meio cheio de conflitos e reviravoltas. No meio desse redemoinho de emoções e de escolhas questionáveis, Arthur aparece, para deixar tudo mais complicado. Teria sido o destino?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Metamorfoses

Duas pessoas, dois passados cheios de cicatrizes ainda não curadas, um encontro cheio de tensão. Transformações serão necessárias na trajetória de Julia e Leo, dois adultos que se preparam para viver um novo romance.

Julia foge de São Paulo para viver em Vitória/ES, longe de seu ex, um promotor bem-conceituado profissionalmente, mas extremamente violento pessoalmente, o que tornava o relacionamento tóxico. Já estabelecida e trabalhando, acaba conhecendo Leandro (Leo), um advogado que ainda sofre com um noivado rompido e que vê em Julia uma possibilidade de conquista. Só que Julia não está tão disposta a se render facilmente ao novo, ainda que esse novo seja bastante atraente.

Voe para essa história e pouse nessa narrativa dupla.

➡ AVISOS: A história tem como pano de fundo traição, violência e relacionamento abusivo, ainda que não tratado com conteúdo explícito, no entanto. O livro possui conteúdo erótico.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Onde está Nancy?

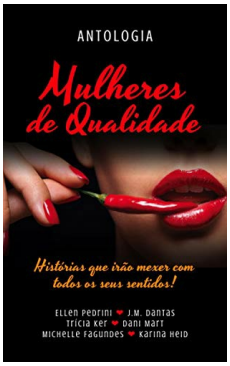
A emoção não pode sobrepor a razão em uma investigação.

Celebration, Orlando, FL: Um lugar tranquilo até Nancy Masterson desaparecer, perto do Clear Lake Park. A detetive Hannah Morgan, vizinha e amiga do pai, Joshua Masterson, inicia as buscas imediatamente, mas as poucas pistas podem confundir até mesmo o experiente - e complicado - parceiro Jeff Coulton. Qualquer um é suspeito e o quebra-cabeças precisa ser montado.

Uma menina em um cárcere misterioso. A corrida é contra o tempo.

Todos tem um segredo, mas Hannah Morgan não está cega.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Mulheres de Qualidade: Antologia de contos

Você está prestes a conhecer histórias que vão mexer com todos os seus sentidos. Desde físicos a emocionais. Sim, eu sei que a promessa é grandiosa, mas afirmo que será cumprida a contento ao final de todos os contos.

Cada conto lido será uma experiência diferente, terna em alguns momentos, avalassaladora em outros e completamente excitante em todos. Porque a sedução, aqui, vai do toque, do se reencontrar várias vezes na mesma pessoa, na realização do impulso de viver o momento por mais que seja desconhecido, da confiança que nunca foi cega, mas que culmina em entrega e na realização das mais tórridas e doces fantasias.

Sem que nenhuma personagem feminina se anule. Deixe de sentir apenas para satisfazer. E, ainda assim, arrancar suspiros, calores e amores por parte de quem lê. Afinal, o toque do dedo na tela para passar para a próxima página, o olhar que não vai desgrudar das letras que formam frases e palavras, a audição dos próprios sons provocados pela leitura, da língua que vai percorrer a própria boca em busca do alívio da secura que ficou e que trará à memória o gosto dos próprios sabores de momentos vividos, fará dessa antologia algo extremamente prazeroso e sensorial para quem se

aventure nessas histórias da mais alta qualidade.

Nessa antologia participo com o conto “O Voo”, trazendo a personagem Alice (Harmony) seis anos após os acontecimentos de Aposta Ousada... bateu curiosidade? Não perca essa leitura!

PERIGOSAS NACIONAIS

♥

Avalie o livro e receba marcadores e brinde!

Envie seu endereço para: danimart@gmail.com

Siga! www.facebook.com/danimartlivro

Obrigada pela leitura!

PERIGOSAS ACHERON